

SÃO PAULO

16/6-11
ABRIL DE 1903

duplicate
ANNO II



1.52
REVISTA DE ENSINO

DA

ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE

DO

PROFESSORADO PUBLICO DE SÃO PAULO

PUBLICAÇÃO BI-MESTRAL, SUBSIDIADA PELO GOVERNO DO ESTADO

Redactor-chefe : — ARNALDO DE OLIVEIRA BARRETO

Redactor-secretario : — ROMÃO PUIGGARI

REDACTORES EFFECTIVOS

JOAQUIM LUIZ DE BRITO

JOÃO PINTO E SILVA

JOÃO LOURENÇO RODRIGUES

ALFREDO BRESSER DA SILVEIRA

EMILIO MARIO DE ARANTES

RAMON ROCA DORDAL

JOÃO CHRISOSTOMO B. DOS REIS JUNIOR

NUMERO 1



SÃO PAULO

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO OFFICIAL»

1903

2 DE ABRIL DE 1903.

Encetamos o nosso 2.º anno, animados das mais justificadas esperanças. Parece que um sangue novo começa a estuar nas veias do professorado paulista.

As questões mais capitaes do nosso ensino publico primario vão sendo aventadas e abraçadas com a maior dedicação e enthusiasmo.

Hontem eram refórmias necessarias que se pediam, e que já foram executadas pelo Governo, com o mais franco successo; hoje, aventa-se a questão mais opportuna para o aperfeiçoamento das escolas paulistas: a da feitura de um programma logico e scientifico, para uso dos grupos escolares e escolas-modelo.

Quer isto dizer que o indifferentismo do professorado paulista desapareceu, e que, hoje, elle é o primeiro a correr ao encontro do Governo para melhorar-se a escola primaria paulista, imperfeitissima ainda sob muitos pontos de vista; e bem assim ministrar á infancia um ensino mais de accôrdo com o seu futuro destino social.

Grande parte desses effeitos tem já como causa a Associação Beneficente do Professorado Publico, que, actualmente, devido sómente á dedicação e altruismo de seus consocios e directores, póde gloriar-se do acatamento e sympathia que lhe consagram as pessoas mais gradadas do Estado de S. Paulo, e a imprensa de todo o Brazil.

Justamente orgulhosa por isso, a *Revista de Ensino*, como interprete da Associação, agradece a todos o concurso que lhe prestaram encorajando-a a proseguir na trilha que se traçara, e de que espera transpôr todo o percurso.

Justamente orgulhosa por isso, promette envidar ainda maiores esforços para que o ensino primario brasileiro, por estes dez annos, não tenha nada a invejar ao dos paizes mais adeantados do mundo.

Coleção "PAULO BOURROUL"

Doação: Secret. Cultura, Ciência e Tecnologia/SP

Data 09/12/76

Proc. FEUSP 116/76

N.º Ordem

N.º Chamada

127

QUESTÕES GERAES

MAIS GRUPOS ESCOLARES

Dia a dia, anno a anno, augmenta-se a procura de logares em nossas escolas. Isto quer dizer que, ao passo que a população escolar cresce, os nossos estabelecimentos de ensino se conservam quasi os mesmos.

Aquelle que estiver presente em um estabelecimento destes em dia de matricula, terá occasião de apreciar um interessante, porém triste espectáculo; crianças a chorar, paes a acotovelar-se, disputando os primeiros logares afim de poderem prestar as informações necessarias para conseguirem inscrever seus filhos; descompostura de uns, agradecimentos doutros, rogos destes, imposições daquelles, sem faltarem as cartas de recommendação e até as *offertas*!

Para os directores então, são um verdadeiro horror os 15 dias que precedem essa época; por isso que, nem em sua propria casa, podem estar socegados, com os pedidos insistentes, com os cartões de recommendação, etc., quando não recebem proposta de *compra* de matricula por um frango ou por uma duzia de ovos. Director houve que teve a offerta de *um porco* para matricular um alumno!

Esses factos todos, encarados por diversos prismas, agradam ao mesmo tempo que entristecem. Agradam porque, ao contrario de outros loga-

res, onde o governo se vê na dura necessidade de obrigar as crianças a frequentar as escolas, são os paes que, almejando dar uma educação e instrucção a seus filhos, querem obrigar o governo a dar-lhes as escolas sufficientes. Entristecem, por vêr-se que 80 % das crianças, que procuram matricula em um estabelecimento de ensino, voltam sem a conseguir, por absoluta falta de logares.

Está, hoje, bem patente que o melhor typo de escola, aquelle que a par da economia, produz excellentes resultados, é o Grupo Escolar, mas tambem ninguem ignora a enorme despesa que acarreta ao Estado, já tão onerado com a instrucção publica, com a creação de estabelecimentos taes.

Essas considerações suggeriram-nos a idéa de poder-se minorar o mal pelos meios seguintes, sem grandes despesas para o Estado:

Primeiro — *Creação de mais um grupo escolar* com a lotação de 350 a 400 crianças, *sem a menor despesa para os cofres publicos*.

E' sabido das autoridades escolares que, as crianças, principalmente nos grupos, raramente vão além do 4.º anno, acontecendo mesmo grande numero dellas abandonarem a escola no 3.º anno afim de irem para a chappelleira, modista, commercio, etc., enfim, em busca de um meio de vida com que possam auxiliar seus paes, pela maior parte operarios.

Assim sendo, ficam em cada 5.º anno dos Grupos, uma média de 12 alumnos para cada sala de aula. Ora, existindo na Capital 4 escolas-modelo e 8 grupos escolares, teremos 24 salas occupadas com os 5.ºs annos; deduzindo-se duas salas de dois grupos que tem apenas uma secção, teremos 22 salas que poderemos reduzir, na proporção de 3 para 1, mais ou menos, a 7 ou 8, ficando, portanto, 12 ou 13 salas e outros tantos professores desoccupados. Ora, aproveitando essas salas e esses professores, o governo duplicará os annos inferiores (os mais procurados) que com uma lotação média de 30 alumnos darão um total de 360 a 390 alumnos, lotação de um bom estabelecimento.

Essa medida poderá ser posta já em pratica sem prejuizo do alumno nem da escola, porquanto ha grupos em quasi todos os bairros, sendo o programma de ensino identico.

Segundo—Existindo em varios estabelecimentos de ensino professores, que podem ser dispensados sem prejuizo para aquelles, o governo apenas com a despeza do aluguel de uma casa modesta, e, aproveitando o material em excesso dos diversos estabelecimentos, pôde crear mais um grupo, fazendo annualmente a economia de 50.000\$000 que teria de gastar com o pessoal docente.

Terceiro—O sr. Inspector escolar, professor Emilio Mario de Arantes, em seu ultimo relatório diz:

«Si a marcha do ensino não satisfaz nas escolas isoladas estaduais, peor é nas escolas municipaes subvencionadas pelo Estado.»

El apresenta a idéa de ser aproveitada a verba destinada a esse fim para a construcção de dois predios por anno, a 80 contos cada um, para nelles serem installados grupos escolares.

Perfilhando a idéa do digno Inspector escolar, podemos combinal-a com, a segunda acima e teremos para

o anno, mais um estabelecimento de ensino, sem dispendio extraordinario para o Estado.

Ahi ficam lançadas essas idéas nestas desprezenciosas linhas, escriptas ao correr da penna, unicamente com o fim de provocar uma questão tão importante e momentosa, qual seja a da creação de mais escolas.

Os collegas poderão apresentar outras idéas, de modo que professores e Governo, cada qual na medida de suas forças, possa concorrer para resolver este assumpto de tanto interesse para o povo.

J. B.

Cartas anepigraphas

I

Faz tempo fui consultado sobre a prosodia de muitas palavras gregas e latinas que, tendo os mesmos prefixos, são entretanto em portuguez ora paroxytonas, ora proparoxytonas, parecendo que estas anomalias, inexplicaveis mesmo para certos letrados, se derivam dum simples acaso ou dum mero capricho.

Respondi ao meu consultante, o sr. Bellarmino Indalecio de Souza, que publicou a consulta em *A Opinião* de São Carlos do Pinhal, epigraphando-a: *Esquiolas*.

Mezes depois, quando se suscitou na imprensa campineira a pronuncia de *nível* ou *nivél*, o *Correio de Campinas* reeditou os meus artigos, dando-lhes o nome de: *Questões philologicas* a que hoje denomino *Cartas anepigraphas*, que, em bom portuguez significa *Cartas sem titulo*.

O pensamento de dar novamente á publicidade estes artigos, aos quaes accrescentarei outros inéditos, tratando de muitas palavras cuja pronuncia é duvidosa para muitos, veio-me da leitura que fiz de *O que se não*

deve dizer, publicado no *Diario do Amparo* de 2 do corrente, escripto e assignado pelo conhecido dictionarista Candido de Figueiredo.

Pelo que li e comprehendí, s. s. faz parte dos muitos etymologistas intransigentes, espalhados em ambos os hemispherios, e que, com razão ou sem ella, estão plenamente convictos, que seguram o facho luminoso da philologia, para illuminar os pobres *pseudo-letrados* que vivem na mais crassa ignorancia dos estudos comparativos das linguas!

Mas, no entanto, seja-nos licito ponderar que os que admittem a pronuncia e a orthographia etymologica em absoluto, sem appello nem agravo, não têm razão.

A indole e o genio da lingua portugueza tendem cada vez mais a simplificar, quiçá uniformisar a prosodia que se afasta em muitos casos das duas linguas principaes de origem, uma das quaes, já petrificada ha longos seculos, jaz na immobildade das mumias. E, a cutra, bem que movel e viva, e mesmo por esta causa, nos dá o exemplo palpavel do metamorphismo que experimentou e vai experimentando desde o seculo de Pericles até os nossos dias.

Tudo muda e se transforma na natureza; e as palavras, mais que os seres vivos e as cousas, estão sujeitas a transformações multiplas, modificando-se na prosodia, na significação e na forma, atravez do tempo e do espaço, e que amoldamos ás necessidades hodiernas da vida, sempre crescentes e cada vez mais exigentes.

Os latinos, muito mais perto do que nós da admiravel antiguidade grega, assim procediam, dando aos vocabulos hellenicos o cunho da prosodia do seu proprio idioma. E não sei porque nós, que estamos ha tantos seculos distantes de ambos os povos, devemos ficar estacionarios, imitando servilmente epocas que, em

confronto com a nossa, se podem chamar barbaras.

E' factio perfeitamente estabelecido e conhecido que ha entre todos os povos uma tendencia geral em pronunciarem-se as palavras com o menor esforço possivel. A conclusão logica que se pôde inferir deste factio linguistico é que, uma vez introduzidas e adoptadas num idioma, tomam por esta ou aquella causa, a feição caracteristica do meio em que nasceram, e desde então torna-se impossivel explicar pelos preceitos e processos etymologicos o seu sentido e phonação.

Para a perfeita comprehensão do que vai seguir, precisamos fazer, embora superficialmente, um estudo comparativo da phonetica latina, grega e portugueza.

A *syllaba accentuada* ou *tonica* em latim occupa só dois logares. E' a *penultima* si ella é longa como *mercátus*, e quando a penultima é breve, então a *antepenultima* é a *predominante* como *pórticus*.

Em grego, a *syllaba* sobre a qual se produz a elevação da voz (*tónos*) é tambem a *tónica*. Vem indicada pelo accento agudo (*oxys*) nos vocabulos *oxytonos*, *paroxytonos* e *proparoxytonos*, e pelo circumflexo nos *perispómenos* e *properispómenos*.

O *accento agudo* pôde, indifferentemente, recahir nas *syllabas* longas e breves, collocando-se na *ultima*, *penultima* e *antepenultima*.

Oxytonos: *Potamós*, rio; *theós*, Deus.

Paroxytonos: *Heméra*, dia, *lógos*, palavra.

Proparoxytonos: *Anthropos*, homem; *tyrannos*, tyranno.

O *circumflexo* só se colloca nas *syllabas* longas e nas duas ultimas. E, para ferir a penultima cumpre que a ultima seja breve.

Perispomenos: *Naüs*, náo.

Properspomenos: *Pràgma*, cousa, negocio.

Pelo que acima fica exposto, claramente se observa que a lingua portugueza, no tocante ao acento tonico, muito mais afinidade apresenta com a da grega que com a latina.

De facto, em portuguez temos:

Avô — oxytono.

Pórta — paroxytono.

Hóspede — proparoxytono.

Avô — perispomeno.

Sêde — properispomeno.

Desta desharmonia notavel que se observa na syllaba tonica ou predominante, entre os idiomas latino e portuguez, originou-se a diversidade, ou antes, a dualidade de pronuncia de muitissimos vocabulos oriundos do grego que, ora approximamos da prosodia latina, ora da grega, que é mais consentanea com a nossa.

II

Na carta precedente fizemos uma rapida analyse do acento tonico latino, grego e portuguez e vimos que nos polysyllabos, a syllaba predominante do primeiro pôde ser a penultima, a antepenultima, e nunca a ultima; porém, o segundo pôde ter a tonica na ultima, penultima e antepenultima.

A prosodia latina era, por conseguinte, deficiente para poder representar a phonologia grega das palavras accentuadas na ultima syllaba. Resultou d'ahi que os romanos, ao introduzirem e adoptarem no seu idioma taes vocabulos, tinham tres alternativas a seguir: ou violar as regras da sua phonetica, abrindo excepções; ou deslocar a tonica grega, ou mutilar a orthographia dos mesmos.

Preferiram a segunda, que era a mais racional e logica, pois dest'arte conservavam intacta a fórma das palavras, não difficultando assim as investigações da sua origem.

Antes de proseguir, é mister dizermos algo sobre a *quantidade* que, em latim, não é senão a medida das syllabas que entram numa palavra.

Resumimos aqui succintamente tres regras essenciaes e imprescindiveis para a intelligencia do estudo comparativo que temos a fazer.

1.^a Os diphtongos, sendo compostos de duas vogaes, são sempre longos: *diata*, do grego *diatai*, é *dieta* em portuguez; *va*, *hei*.

2.^a Qualquer vogal breve seguida de duas consoantes ou uma letra dupla, como *x* que é equivalente a *cs*, é longa por posição; *fâcere*, fazer; *fâctus* feito, *fâcto*; *paradôxus* por *paralôcsus* de *paradôksus* grego, nos veio o portuguez *paradôxo*.

3.^a Uma vogal seguida de outra vogal é breve: *docere* ensinar; *doceo*, ensino; *vigilântia*, *vigilancia* em portuguez.

Examinemos agora as palavras oxytonas que em grego têm a desinencia *antia*, ou antes *antela*: *Aeromantela*, *astromantela*, *cheiromantela*, *nekromantela*, *hydromantela*, *pyromantela*, etc.

O latim que, pela 2.^a e 3.^a regras, que expuzemos acima, não podia conservar as oxytonas, teve de deslocar-lhes a tonica e escrever e pronunciar: *acromântia*, *astromântia*, *chiromântia*, *necromântia*, *hydromântia*, *pyromântia*, que em portuguez muitissimos preferem: *aeromância*, *astromância*, *chiromância*, *necromância*, *hydromância*, *pyromância*.

Si analysarmos os vocabulos gregos acabados em *dia* notaremos o mesmo facto linguistico. *Prosodia*, *komodia*, *tragodia*, *Arkadia*, deu em latim, e por consequencia em portuguez: *prosódia*, *comédia*, *tragédia*, *Arcádia*.

E porque analogicamente não se poderá dizer *encyclopédia*, *cyropédia*, *orthopédia*?

Como se vê, o campo das investigações philologicas neste ponto é vastissimo. Comtudo, para concluir diremos que as palavras oxytonas gregas em *ia* todas indistinctamente são em latim paroxytonas ou proparoxytonas.

Missão do Professor na Organização Social

« A vontade é verdadeiramente a força principal do caracter, em uma palavra, o proprio homem. »

H. RIBEIRO.

E' inadiavel a reivindicação dos nossos direitos, como cooperadores que somos, no plano gigantesco da regeneração social. A organização e adopção de um verdadeiro systema de instrucção popular, mais consentaneo com as necessidades actuaes e mais adequado ao meio em que lhe é dado desenvolver-se, é questão momentanea que agita o mundo intellectual não só no Brazil, como em todos os demais paizes civilizados.

Ao professorado, que se acha em contacto com o mundo infantil, compete incontestavelmente, na conformidade de seus deveres, o direito de montar a machina destinada a encaminhar a sociedade a uma organização mais racional e justa.

Leis e regulamentos não reformam costumes.

O systema em vigôr, defeituosissimo em todos os pontos, ha de concorrer necessariamente para o aniquilamento das gerações vindouras.

E' notorio o carinho, o cuidado dispensado por nós á educação intellectual, ou antes á instrucção, emquanto as suas irmãs se vão mergulhando na noite tenebrosa do passado, como aves nocturnas, fugindo aos clarões rutilantes do dia!

O caracter! essa potencia poderosa do espirito, essa alavanca gigantesca dos grandes empreendimentos, essa força sobrenatural, que operou o renascimento do patriotismo entre nós, synthetizada no invicto Marechal de Ferro, merece os nossos mais desvelados cuidados.

O caracter é o homem.

Aconteça o que acontecer, passe o homem pelos mais dolorosos transeis

E' inegavel porém que a lingua portugueza para este grupo de vocabulos propende para a pronuncia oxytona.

E tanto é verdade isto, que do grego e latim, *orgia* fizemos *orgia*, *energia*.

Mas, o que tambem é incontrastavel, é que as pessoas que adoptam a pronuncia latina não merecem censura, nem são iguorantes crassos, pois que seguem nisto, talvez inconscientemente a prosodia da lingua mãe, o que constitue um argumento valioso e mesmo decisivo a favor do seu modo de pronunciar taes palavras.

A respeito de *áptero*, *díptero*, *coleóptero*, *tetráptero*, e de *monólitho*, *aerólitho*, *ostéólitho*, *zoolitho*, *papyrólitho*, *xylólitho*, pouca cousa temos a dizer senão que os quatro primeiros, conquanto proparoxytonos em grego e latim, pessoas ha que os tornam paroxytonos devido talvez ao vicio que muitos têm em pronunciar-los sem articular a consoante *p* dizendo: *atóro*, *ditéro*, *coletéro*, *tetratóro*; e os outros devido ao uso quasi geral em dizer *monólitho*, *aerólitho*, etc. E o uso em materia de pronuncia faz lei.

Quanto a *decumáno*, *longimáno*, *prestimáno*, *quadrumáno*, não sómente o popular lexicographista Moraes, que certamente não era algum ignorante, manda pronunciar-los como acima escrevemos, como tambem muita gente lida e entendida os profere assim.

Em outros artigos trataremos de *decáno* ou *decáno* e *hippodrómo* ou *hippódromo*.

HORACIO SCROSOPPI.

da vida, mas conserve-se elle acima de todas as intrigas destinadas a manchar a sua reputação de homem de bem.

Viver é luctar.

O homem de prouidade, o homem que não faz mal a ninguém e antes presta desinteressadamente todos os benefícios á humanidade em geral e ao seu proximo em particular, pôde dizer resolutamente :

Querer é poder.

« Só merece propriamente o nome e a qualificação de homem de bem, honesto ou de probidade, aquelle individuo que cumpre fielmente os deveres da justiça e da moral universal, por effeito do seu bom caracter, por motivos de consciencia, por amor da ordem e do bem geral, e não por amor do poder ou qualquer consideração publica.

O homem immoral ou sem probidade, apenas commette qualquer acção contrária ao seu dever, é logo castigado pelo remorso.

Tarde ou cedo a sua culpa faz-se conhecida, e então segue-se tambem a deshonra, que é uma pena immediata que se accumula á primeira.

Chama-se remorso aquella accusação que nos faz a nossa consciencia pelas acções immoraes que havemos praticado com conhecimento de causa.»

As penas infligidas pela consciencia são mais terriveis que as determinadas pelas leis sociaes : ellas são mais justas, mais dolorosas e permanentes.

« O homem honesto ou de probidade, por mais pobre que seja e por menos consideração que goze, sempre vive contente e tranquillo, porque não soffre os remorsos, que são o maior de todos os males moraes ; goza da estima das pessoas de bem, a qual, depois do testemunho da consciencia, é o maior dos bens.

Pelo contrario o homem immoral ou sem probidade, por mais rico e

poderoso que seja, vive inquieto, atormentado pelo remorso, e é aborrecido, desprezado pelos homens—de verdadeira probidade moral,—cujos testemunhos são de muito maior valia do que esses applausos falsos e transitorios da massa do povo, a que se chama—popularidade.»

Repetimos :

Viver é luctar.

Ministrar ao povo conhecimentos uteis e indispensaveis ao seu progresso physico, intellectual e moral, tornando-o apto a governar-se a si proprio — eis a missão do professor.

Guias da sociedade na sua organização criteriosa, racional e justa, lembrai-vos «que um povo ignorante pôde ser governado, mas que só um povo instruido se pôde governar»

A instrucção do povo, disse alguem, é uma questão politico-social, cuja missão não pôde ser retardada sem augmentar ainda mais o estado anarchico que caracteriza a sociedade actual.

Reprovavel, portanto,—e mais que isso, impatriotico—é o procedimento dos que, sophismando todos os principios, todas as instituições, concorrem para o aniquilamento das condições favoraveis á formação das gerações futuras.

A generalização dos conhecimentos literarios e scientificos, ao alcance de todas as camadas sociaes, lemos algures, é o meio pratico de imprimir uma verdadeira orientação ao movimento social, cuja systematização trará incontestavelmente a unidade moral.

E' tarefa do professor, pois, elevar a sociedade ao mais alto grau de perfeição: physica, intellectual e moral.

Compenetremo-nos, pois, destas verdades e façamos da instrucção publica de nossa terra, uma realidade, elevando a nossa Patria ao posto que lhe está reservado no concerto das

nações civilizadas, na phrase de um notavel literato.

As instituições republicanas tudo esperam do patriotismo daquelles a quem está confiada a educação dos seus futuros representantes, dos professores.

São Paulo, 24 de Fevereiro de 1903.

LUIZ CARDOZO FRANCO.

ESTUDO DO CANTO

INFLUENCIA CAPITAL DA RESPIRAÇÃO ARTISTICA

IV

Não nos parece fóra de proposito, nestes estudos, expôr a opinião dos physiologistas, dos grandes professores de canto e dos artistas competentes que se occuparam da respiração artistica.

Lemaire e Laroix—De la respiration dans le chant — exprimem-se assim:

« A voz humana deve submeter-se a todas as exigencias do drama musical, a todas as leis da declamação, ainda mesmo quando não sejam do mais puro estylo vocal. Como, porém, poderá ella ser a humilde escrava daquelle que a dirige; como poderá ser ao mesmo tempo ligeira e poderosa, voar nas azas de um *alegro* apaixonado, seguir os detalhes de um *recitativo* de accentos variados, ou de um *largo* expressivo, si o cantor não se exercitar, desde o começo dos seus estudos, a bem manejar a respiração, que poderemos chamar a força motora da voz humana ? »

Lamperti—Guia dos cantores—diz que *apoderar-se da respiração artistica é apoderar-se da firmeza da voz.*

Garcia—Methodo de canto—ensina que a *primeira condição* para cantar bem, a *condição essencial*, é *saber conduzir e dirigir a respiração.*

Crescintini, no Guia dos cantores, sustenta que, quem sabe respirar sabe cantar; e Fétis, no mesmo Guia dos cantores, que—*aquelle que não conhecer a arte de governar a propria respiração, nunca poderá ser chamado um verdadeiro cantor.*

Morell de Makenzie — Igiene degli organi vocali —entende que o ponto capital de *todo o systema de educação vocal*, consiste em ensinar ao *discipulo como e quando deve inspirar o ar, como deve dirigir e regularizar a corrente aerea, quando esvazia os pulmões.* «*E' isto uma das cousas mais difficeis na arte de cantar; é necessario ficar della senhor, seja porque preço fôr, desse estudo, porque é uma condição vital.*»

O mesmo physiologista affirma, no Guia dos cantores, que a respiração deve ser governada e transformada em som, de modo tal, que a chamma de uma vela, na distancia de algumas pollegadas da bocca do cantor, não oscille.

« A capacidade de regular exactamente a emissão do folego, (emissão del fiato) prova si a voz está sendo usada de modo justo. E' este um ponto, no qual Garcia insiste com energia, embora não o tenha elle proposto em sua origem.»

Lamperti—Guia dos cantores—diz que mesmo a *côr da voz*, sinão é usada com arte, depende do modo defeituoso de inspirar, e é por isso que eu insisto em inculcar este *importantissimo estudo da boa respiração como base indispensavel para conseguir cantar bem, afim de convencer que a escola da respiração é uma arte especial para a boa educação do organ vocal.*

Diz o mesmo autor, na mesma obra, que *toda a arte de cantar está em saber respirar perfeitamente; e é por isso*

que os velhos mestres costumavam dizer ser o canto — *la scuola del respiro*.

Accrescenta ainda o grande professor de canto, que o estudioso, antes de cuidar da pronuncia, deverá ficar senhor de uma muito bôa respiração, quer dizer, *da firmeza da voz (dell' appoggio della voce)* visto que sómente depois de instruído na vocalisação e em outros exercicios e na *maneira de respirar, poderá ter esperança de bom exito, do que deve ainda estudar, para então passar ao canto de estylo (stillata)*.

INFLUENCIA CAPITAL DA RESPIRAÇÃO
ARTISTICA. HISTORIA DA RESPIRAÇÃO
ARTISTICA.

VI

Mandl, atacando o systema adoptado pelos velhos mestres italianos e pelo ensino do Conservatorio de Paris, cujo methodo fôra redigido por verdadeiras celebridades, causou uma revolução no ensino do canto da França.

« A doutrina deploravel do Conservatorio, diz Mandl, pôde ser considerada, sem hesitação, como a causa da ruina de grande numero de vozes. Contrahir o ventre, na inspiração, é impedir a descida normal do diaphragma; é obrigar a respiração a ser clavicular. Havemos de reagir, com toda a energia, contra um principio fatal, tanto mais quando o vemos figurar num methodo official».

Ora, os velhos mestres só aconselharam a contracção do ventre, na parte inferior (região hypogastrica e umbilical), e, conseguintemente, não obrigaram a respiração a ser clavicular, nem impediram a descida normal do diaphragma, visto como na cavidade abdominal, como ensina Makenzie, ha espaço sufficiente para a descida desse musculo, mesmo con-

trahindo a parte inferior da parede abdominal.

Makenzie, impressionado com as observações anatomicas e physiologicas, apresentadas por Mandl, estudou profundamente a questão, e declarou *que o systema dos velhos mestres é incontestavelmente superior*, porque podemos, com esse methodo, regular melhor a funcção respiratoria, apenas no seu começo, evitando assim o menor cansaço ao peito, quando o ar se desprende.

Com o systema dos velhos mestres, obtemos muito maiores effectos com muito menor gasto de forças.

« Uma das razões em pról da respiração abdominal, diz Mandl, é não utilizar as forças musculares inspiradoras externas toraxicas, que funcionam poderosamente na respiração costal inferior. Na respiração abdominal funciona um só musculo (o diaphragma) e as forças que o põem em movimento, são mínimas porque se tracta de remover as visceras molles e moveis.»

« A lucta vocal effectua-se entre os espiradores abdominaes e o proprio diaphragma, sobre as proprias visceras.»

Ora, do facto da respiração abdominal utilizar sómente um musculo, e paralisar as forças musculares inspiradoras externas do thorax, decorre necessariamente a sua inferioridade.

Em primeiro logar, a respiração costal inferior, praticada pelos velhos mestres italianos, apresentou resultados de assombrar, conservando perfeitamente as vozes; d'entre os physiologistas, que se occupam do assumpto, grande parte aconselha *que as forças musculares inspiradoras externas do thorax devem ser utilizadas*, porque a natureza não creou esses musculos sem razão de ser. Si nas necessidades da vida nos servimos dessas forças, porque devemos paralisal-as nas necessidades do canto?

Esse typo de respiração é que tem dado melhores resultados, como nos prova o ensino dos velhos mestres italianos, como tambem as experiencias expirometricas, feitas pelos competentes, mostram-nos que a respiração costal inferior é a que dá maior quantidade de ar ao cantor, sobre raras excepções.

Não podemos deixar de confessar que os esforços de Mandl foram coroados de successo, e que em 1866, numa nova eleição do Methodo do Conservatorio, publicado por Batisté, o capitulo — respiração — foi escripto por elle, recebendo a sua theoria a consagração official em Paris.

Mas, apesar disso, os adeptos da respiração costal inferior são em numero avultado e encontram-se entre os primeiros medicos, entre os primeiros jornalistas, e d'entre os melhores cantores, um grande numero a tem adoptado, reconhecendo as suas vantagens e, conseguintemente, a superioridade da theoria dos velhos e insignes mestres italianos, theoria essa hoje mais aceita do que a de Mandl.

Para bem esclarecermos a materia, citaremos exemplos que constituem excepções.

O grande barytono Faure, *celebre pelas suas admiraveis notas altas de peito*, empregara a respiração abdominal, e colheu bons resultados. O barytono Melekissidec empregou, durante 25 annos, a respiração clavicular e sempre apresentou voz fresca, pura, bella, e magnifico canto.

Mas eram excepções.

O melhor typo respiratorio é, sem duvida alguma, a respiração costal inferior. No entretanto apresenta excepções.

Entre os partidarios da respiração abdominal contam-se os medicos Cheral, Fourmé, Beclard, Debay, Vacher, Lemoyer, Gongunhein, Langmand, Nuvoli, o distincto physiologista italiano; entre os escriptores acham-se

Weber, Gustave Bertrand, Delprat, J. F. Bernard, Henry Laroix, e entre os professores, Panofka, Holtzen, Concione e Madame Marchesi. Entre os partidarios da respiração costal inferior temos o grande physiologista inglez Morell de Mankenzie, o intelligente cantor Gottifrich Meber, o grande artista Mengozzi, o famoso Bernacchi de Bologna, Manstein, Garcia o insigne mestre, Jean de Reské; e os medicos Maya Coier, Nouris, Nelfender, Lermox de Brown, o eminente presidente da — Societé Britannique de Laryngologie — e o dr. Joal e outros.

A respiração clavicular é a menos adoptada, porque fornece menos ar e produz cansaço maior e exige esforços muito grandes para governar-se a respiração.

Isto nos ensina a historia da respiração artistica, mostrando-nos conseguintemente que o estudo da respiração artistica é uma arte especial, da maior importancia, e indispensavel para o cultivo da voz, e tem sido estudada pelos cantores que procuram cantar bem, pelos physiologistas que della se occupam, examinando o processo dos diferentes artistas, procedendo á experiencia expirometrica para medir a capacidade pulmonar de cada individuo, combinando os diversos typos respiratorios, verificando-os com attenção, com cuidado, com amor, afim de que a sciencia possa esclarecer bem a arte, e o professor caminhar com certa segurança, tratando de um instrumento tão delicado, tão complexo, tão difficil, como a larynge humana, cujo mecanismo mysterioso não pôde a sciencia até hoje esclarecer completamente.

A grande escola de canto, a unica que consegue formar bem a voz, conservando uma perfeita sonoridade, *mesmo nos fortes e nas notas mais altas*; que permite cantar e não gri-

tar, floresceu em 1693 com Tosi em Napoles, em 1712 com Porpora, em 1736 com Bernacchi em Bologna, e em 1794 em Pariz, em Menggozi.

Actualmente é esta escola adoptada pelos grandes artistas, pelos melhores professores, e por todos aquelles que se interessam pela voz e estudam sériamente o canto, e que sabem que sem a base physiologica é difficil estabelecer bem os registros, (mechanismos laryngianos) unil-os, extendel-os, quanto o permittir a natureza, manejar bem as caixas de resonancias (peito, pharynge e bocca)

e adquirir uma bôa respiração que nos dê um canto facil, uma voz com todas as suas qualidades: timbre, volume, doçura, flexibilidade e intensidade. Finalmente só esta escola ensina a cantar sem gritar.

O maior inimigo do canto é o grito, diz Lampert.

« *A arte de cantar é a estatua erguida sobre o pedestal granítico da sciencia.* (D. Eiras na sua Hygiene na arte).

ZULMIRA ANDRADA MACHADO.

PEDAGOGIA PRATICA

PHYSIOGRAPHIA

TRABALHO DOS RIOS NA SUA EMBOCCADURA; MODO DE FORMAÇÃO DE UM DELTA; ATERRO DO ESTUARIO. RIOS TRABALHADORES.

Deante dos alumnos, encetará o professor uma série de perguntas, para que as creanças sejam, apresentando os seus conhecimentos sobre o assumpto, os mais activos collaboradores da sua propria instrucção: foi o que fizemos em classe e aqui expomos os nossos pequenos esforços.

—Romeu, você já olhou bem para a côr dos rios? Será tão clara como a agua, que você põe áquelle seu canarinho amarello?

—Pois bem. Você é observador: a agua dos rios não é clara como a que você põe para o seu passarinho, nem como essa, com que matamos a sede.

—E, si apanhasse, você, Plinio, um pouco da agua de um rio e a conservasse num vaso, por algum tempo, ainda a veria suja, escura, turva?

—Porque será, Herculano, que se dà isto: a agua do rio é suja, turva; mas posta num vaso, torna-se mais clara?

—Onde foi então, Jardim, o corpo que turvava a agua do rio?

—Sim, perfeitamente. Depositou-se no fundo do vaso, como o assucar no fundo da chicara do seu café da manhã. Si você quizer o assucar, deixará de lado a colher; não agitará o café, para que o assucar se vá assentar no fundo da chicara.

—Mas, porque será, Alvaro, que o corpo, que turva a agua, não se deposita tambem, no fundo dos rios, do mesmo modo que no fundo do vaso?

—Sim: depositou-se no fundo do vaso, porque cessou de mover-se. Si você não mexer o seu café, o assucar, em vez de tornal-o doce, irá depositar-se no fundo da chicara.

—Então, Armando, qual será a grande colher, que move o rio, não o deixando parar?

—A correnteza, sim. Mas, não poderia, Assumpção, correr tambem a agua do vaso? Que é que produz a correnteza? Dá-se a correnteza, quando...

—Justamente: a agua vem de cima, isto é, vem de um logar mais alto; a agua não sóbe môrros; rôla e flue sempre para os logares mais baixos.

—Descendo sempre, que faz o rio de tudo quanto encontra?

—Carrega—não é assim?—turvando-se, ora muito, ora pouco.

—E, continúa, Waldemar, o rio sempre muito turvo?

—Não—diz bem; e, que fez elle

então de toda essa carga, que o sujava?

—Deixou pelo caminho, sim; mas, o caminho de um rio tem um nome especial: qual será esse nome? Ora, o rio deita-se, rolando dia e noite, sobre a terra, como o seu maninho, zangado, que chora e esperneia no seu pequeno berço: terá o rio um berço, em que repouse? Mas, não se diz berço de um rio: diz-se...

—Sómente—*leito*—Alberto? Não ha outra palavra, outro nome? Quem sabe? Pois, bem. Vá á pedra e escreva lá a palavra—*alveo*—que ninguém soube.

—Forme uma sentença, Corbett, com a palavra—*alveo*—; outra, Benvides; outra, Waldemar. Bom: não se esqueçam então da cama, do leito, do *alveo* do rio.

—Deitando e rolando na sua cama, no seu leito, no seu *alveo*—onde vai despejar o rio, Zé Pontes? Descendo sempre, procura elle.

—Um buraco, sim; qualquer parte baixa, qualquer depressão. As aguas, sempre, procuram o mesmo nivel; é o que você já viu com os vasos communicantes, na sua aula de Physica.

—Mas, qual será esse buraco enorme, em que os rios se despejam e que nunca enchem?

—O mar, de certo; todos os rios se dirigem para o mar. A agua, que lava o telhado e a parede da sua casa, corre pelas ruas e cai nas *bocas de lobo*—que são esses buracos feitos nas sargetas; atravessa os canos, que se acham por baixo da cidade e chega, por fim, ao rio; e tudo quanto sahindo telhado, da parede, das sargetas, dos canos, vai parar no mar.

—Si o rio, Salles, despejar todo esse *cisco*, todos esses detritos, num buraco?

—Bom; ficará entupido, entulhado. O rio, então, como acabamos de ver, se livra da sua *carga*, tapando com ella os buracos do seu leito.

—Deixará o rio, Vicente, pelo seu caminho, pelo seu *alveo*, tudo quanto carrega?

—Sim, não deixa: depois de encher os buracos, as depressões, o que sobrar irá... para onde?

—Exactamente: para o mar, como já vimos.

—No fim de muitos annos então, o rio entupirá o mar com a sua carga, como entulhou as pequenas depressões?

—Perfeitamente. Donde tirou o rio toda essa carga?

—Já vimos que parte foi tirada dos telhados, das paredes, das sargetas, dos canos—do seu leito—não é assim? Si o rio, Camargo, vier de uma montanha? Arrancará pedaços da montanha?

—Sim, arranca; e, raspando a montanha, tirando a sua *capa*, deixando-a nua, sem roupas—*denudando-a*— a montanha ficará... como?

—Sim; vai-se desmanchando; vai ficando menor; e os pedaços, que della saem, vão entupir o mar. A montanha, as terras altas, vão-se abaixando e o fundo dos mares, das depressões, dos buracos, vai-se elevando, até que, um dia, tudo ficará na mesma altura, no mesmo nivel: o papel destruidor e constructor das aguas tende a *nivelar o solo*. *Denudar*—é deixar nua.

—Si não houvesse rios nem aguas, quem poderia, Zinga, aterrar o mar?

—Ora, quem está aterrando este largo da Escola? Algum rio?

—Não, certamente: foi e está sendo aterrado, está sendo *nivelado* pelos trabalhadores. Pois, bem. Esses rios, que aterram os mares, chamam-se também *rios trabalhadores*; vão aterrando as praias, os logares, em que despejam, a sua embocadura ou foz.

—A nação, um paiz pequeno, lucraria com esse aterro?

—Sim, porque ficaria com mais terra—diz bem. E' assim o rio Pó, que corre ao norte da Italia.

—Onde fica a Italia, Oscar? Dê-me os limites da Italia: ao norte...; ao sul...; a leste...; ao oeste...

—Pois é no fundo desse golfo Adriatico de leste, que despeja o rio Pó. Este rio é o trabalhador mais activo e mais esperto, que tem a Italia: caminha muito e carrega uma porção de limo, de lodo, de cisco, e vai, com toda essa carga, aterrar o mar. Em cada anno, aterra 70 metros, com um volume de 42.760.000 metros cubicos de limo, de cisco.

Havia ahi, no tempo de um imperador chamado Augusto, o porto de *Adria*. *Adria* era uma cidade, que se debruçava sobre o mar, dando mesmo nome ao golfo. Está hoje, porém, longe do mar: dista do mar mais de oito leguas.

—E que acontecerá, Lino, si o rio fôr despejando sempre no golfo?

—Sim, ficará todo entulhado; desaparecerá; será convertido em *terra firme*. Mas, não é sómente esse o rio unico *trabalhador*: ha o *Rhodano*, na França; ha o *Nilo*, na Africa do Norte, no Egypto; o *Mississipi*, na America Septentrional, nos Estados Unidos, como principaes.

—Vá ao mappa e mostre-me todos esses rios.

—Bom. O *Rhodano* faz o mesmo que o Pó: tanto aterra que afastou mais do mar a cidade franceza de—*Arles*. E' de 21.000.000 de metros cubicos o volume do lodo, do cisco, que carrega, e aterra 57 metros por anno. A cidade, no quarto seculo, estava a 26 kilometros do mar e, hoje, está a mais de 48: houve, por isso, grande aterro. O *Rhodano* atira dois ramos—o *Grande Rhodano*, a leste, e o *Pequeno Rhodano*, ao oeste. Estes dois braços, abrindo-se como um—V—fecham um grande espaço triangular, chamado—*Lc Camargue*.

Ha nessa quantidade de limo, que carrega, uma mistura de areia e de lodo, que torna o solo fertil.

O *Nilo* é, de todos, o que tem o mais celebre *delta*.

—Que é, Jonas, um *delta*?

—Sim: é o deposito de carga, de lodo, que se forma na bocca dos rios; foi chamado—*delta*—pelos gregos, por se parecer com um triangulo, que é o—D—do abecedario, do alphabeto grego.

—Sempre se dá, Cassio, a formação de um *delta* na foz dos rios? Si passasse pela bocca do rio uma corrente maritima?

—Já vê que, nem sempre, se constroem *deltas*: a correnteza das aguas, as marés fortissimas, a pororoca ou macareu, de que vocês já ouviram falar e que, na foz do Mearim, revoltam-se contra as aguas do pequeno rio—podem também impedir a formação do *delta*. Dizemos que o *delta* do *Nilo* é o mais celebre, por ser a sua fórmula a que mais se aproxima da do triangulo.

O *Nilo* tem sete boccas, hoje entulhadas, sendo mais importantes as de Rosette e de Damiette—uma, ao oeste; outra, a leste.

—Vê no mappa, Joaquim, essas principaes boccas e mostra-me o lugar, em que nasce o *Nilo*.

—Bom. O *Nilo* vem de bem longe; é muito comprido, como acabam de vêr.

—Que nome dá você, José, a um rio comprido, que percorre um longo curso e que tem um longo leito?

—Ora! A noiva dansava, mas sempre se incomodava com o seu vestido de longa...

—Sim, cauda. Ora, não será o *Nilo* uma *noiva*, extendendo, pelas florestas africanas, o seu *vestido de longa cauda*?

—Que tem o *Nilo*, então, como o vestido da noiva?

—Bom. E' o *Nilo* um rio de *longa cauda*.

—Agora, substitua, você, Almirio, a expressão—*de longa cauda*—por uma só palavra. De—*menino de ca-*

pricho — dizemos — *menino...*; de *alumno de cuidado* — dizemos — *alumno...*

—Então, de rio de *longa cauda*, dizemos rio...

—Sim: é, pois, o Nilo um rio *caudaloso* ou caudal, como também se costuma dizer. Pois, bem; embora venha de muito longe, embora seja muito *caudaloso* — o rio Nilo só aterra um metro, de seculo em seculo.

—Porque será isso, Steidel? Si elle vem de bem longe, carrega muita ou pouca carga?

—Muita, naturalmente. Mas, carregando muita carga, os animaes se cansam; e o Nilo não se cansará?

Cansa, também; e, para continuar a viagem, é necessario... o que? Augmentar a carga?

—Perfeitamente: diminuir a carga; e é o que faz o Nilo. Elle transbor-da e despeja, pelas suas beiradas, a metade da sua carga: não podendo, arreia.

—Que nomes têm as beiradas de um rio?

—Bom. Então, o Nilo deita parte da sua carga ás suas margens e carrega muito pouca: eis porque só aterra um metro de seculo em seculo.

—Nunca ouviu, Alvaro, historia alguma a respeito desse rio — o Nilo?

—Pois, dizem que elle, transbordando, faz presente aos paizes, que atravessa, do cisco, do limo, que carrega; essa quantidade de lodo, que deposita nas margens, serve de esturme. Sobre elle, nasce uma vegetação viçosa; brotam plantas ricas de vida. *A vegetação viçosa, as plantas ricas de vida foram um presente do Nilo.*

—O rio Mississipi, que ha pouco lhes foi mostrado no mappa, é também um bom *operario*. É chamado, pelos Indios, *Mississipi*, isto é, *pae das aguas*; e, pela grande quantidade de lodo, de cisco, que carrega,

podemos antes tratá-lo por *pae do lodo*. Faz um aterro de mais de 100 metros por anno e tem varias boccas, que, divergindo, se espalham, como um grande *pé de ganso*. Despeja no golfo do Mexico, por uma larga bocca; e essa grande bocca, que os rios abrem no mar, tem o nome de *estuario*.

—Vá á pedra, Adalberto, e escreva lá — *Egypto, Arles, Rhodano, La Camargue, Mississipi, estuario*.

E' assim que devem ser escriptas.

Como já vimos, o trabalho dos rios, na sua embocadura, é geralmente desmanchado pelo mar. Não se dá sempre, como já dissemos, a formação dos *deltas*: o mar *empurra*, impelle, pela bocca do rio, as materias que elle despeja, e estas materias formam, então, um *dique* submarino, no ponto em que o rio e o mar se juntam. Os marinheiros chamam — *barra* — a esse accumulamento, a esse deposito de limo, pela dificuldade, que encontram na entrada do rio.

Em outras lições, tractaremos das — fontes — como origem dos rios.

Por esse modo, tão pallidamente esboçado, *guiando o espirito dos alumnos na descoberta da verdade*, podemos ensinar, em annos ou classes mais adeantadas, que os rios roem, destroem, desaterram a região que atravessam — mais frequentemente pela acção mecânica e algumas vezes pela chimica — e vão *construir* na sua bocca ou foz, invadindo sempre o dominio do mar.

Extendendo, do mesmo modo, as perguntas, mostraremos, em attrahentes lições, a dupla acção destruidora e constructora das aguas do mar; mostraremos que a nossa terra é o theatro de movimentos e mudanças continuas; que *os agentes atmosphericos* são causa incessante dessas modificações: sob a sua influencia, sob as alternativas de gelo e de degelo, de humidade e de secura, de frio e

de quente — todas as rochas superficies são desaggregadas, não resistindo nenhuma a essas acções lentas e prolongadas. O cume das montanhas se abate, pela *denudação fluvial*; valles se cavam, pela *denudação pluvial*; continentes e ilhas se desformam, pela *denudação maritima*, e depressões são entulhadas.

O ar e a agua, nesse trabalho incessante, que é, ao mesmo tempo, uma obra de destruição e de edificação, tendem, pois, finalmente, a *nivelar o solo*.

AUGUSTO R. DE CARVALHO.

GEOMETRIA

13.ª LIÇÃO

CONTINUAÇÃO DO 2.º ANNO

Recapitulemos tudo o que dissemos a respeito de angulos, fazendo cada alumno formular uma sentença a este respeito, mais ou menos da seguinte maneira:

a) Eu conheço tres especies de angulos — rectilineos, curvilineos e mistilineos.

b) Os angulos, quanto ao tamanho de suas aberturas, são agudos, rectos e obtusos.

c) Vertice de um angulo é o ponto de encontro de seus dois lados.

d) O angulo recto é formado de dois lados perpendiculares entre si.

e) O angulo que tem a abertura maior é o obtuso.

f) O angulo recto vale 90 grãos.

g) A lousa em que escrevo tem quatro angulos rectos.

h) A letra do vertice de um angulo lê-se sempre em segundo logar.

i) Este angulo tem o tamanho deste outro angulo, porque seus lados são parallellos e suas aberturas estão voltadas para a mesma parte.

j) Os angulos oppostos pelo vertice têm o vertice commum.

k) Um angulo de 35 grãos tem como complemento um outro angulo de 55 grãos.

l) Os angulos construidos em torno de um ponto, sobre uma recta valem dois angulos rectos.

m) Os angulos adjacentes têm um lado commum.

n) O esquadro tem um angulo recto perfeito.

o) O tamanho de um angulo depende da maior ou menor abertura de seus lados.

p) O transferidor é o instrumento com que se medem os angulos.

q) Prolongando-se os lados de um angulo, nem por isso elle se torna maior.

Assim como estas, cada alumno formulará uma sentença que deverá ser enunciada em voz alta e clara, afim de ser ouvida pelos collegas e corrigidas pelo professor.

Depois dos alumnos estarem bem familiarisados com os angulos, podemos dar materia nova e trataremos então de triangulos.

Façamos na lousa um triangulo qualquer e perguntemos a um dos alumnos si elle sabe o nome que tem essa figura em geometria.

No caso negativo, perguntemos quantos angulos tem essa figura.

—Tres, dirá naturalmente o alumno.

—Sim, tem tres angulos, confirmará o professor, e por essa razão esta figura se chama *triangulo*, cujo nome será escripto na lousa.

—Paulino, agora que você já sabe que esta figura é um triangulo, veja si você é capaz de dar a definição de triangulo.

—Triangulo é a figura geometrica que tem tres angulos.

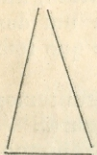
—Muito bem, Paulino. Diga-me ainda, quantos lados tem o triangulo?

—O triangulo tem tres lados.

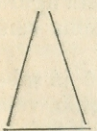
—Perfeitamente. Esta figura por ter tres lados chama-se também

trilatero.
quando n
e tem o
queremos
— Qua
Jonas?
— O tr
— O tr
vertices?
— Com
triangulo
— Sim,
nos vertic
— Faça
e colloque
esse triang
— Sim,
bac, etc.
qualquer
Não acc
que é prec
vertice em
já disse a
triangulo s
quer um d

Vejamos
cordam da
tracemos na



1



4



7

Revista de Ensino

1.
Setembro, pagina 72.

2.
Hymno do Esceolo Normal de S. Paulo,
pagina 75.

3.
Canção Lyrica, pagina 159.

4.
Grande Patrio, pagina 182.

5.
Sou Brasileiro! pagina 269.

6.
Canção dos Barqueiros, pagina 273.

7.
Minho Barco, pagina 368.

8.
Minha Terra, pagina 375.

9.
Marchar! Marchar! pagina 379.

10.
Canção, pagina 478.

2.^o 1903.

11.
Hymno Emilio Mario,
pagina 488.

12.
A. Abelha, pagina 494.

13.
H. Mamãezinha, pagina 580.

14.

gudo, um

4.^a lição
as figuras
e 9, para
tes per-

ra numero
os, Clovis?
a os lados

mo depois

10 com os

seus lados

o terceiro
os dois.

ados da fi-
você?

ra os tres
diferentes.

s outros.

figura nu-
aes; a nu-

iguaes; e
ados desi-

enças que
ngulos. O

numero 7,
tero; o de

pulo isosce-
ma-se tri-

baixo de
equilatero,

quando um
ndo é isos-

ra ser feito

triangulos
mixtilineos,

obtusangu-
equilateros,

inte quadro

Triângulos	{	Quanto á natureza dos lados	Rectilíneos	{	Concavos
			Curvilíneos		Convexos
			Mixtilíneos		
		Quanto á natureza dos angulos	Rectangulos		
			Acutangulos		
			Obtusangulos		
		Quanto ao tamanho dos lados	Equilateros		
			Isosceles		
			Escalenos		

E' claro que estas lições poderão ser dadas em diversas vezes.

Capital, Abril de 1903.

ANTONIO PENNA.

ENSINO MILITAR

VII

PRIMEIRA PARTE

(Escola do soldado)

OBSERVAÇÕES RELATIVAS Á PRIMEIRA PARTE

1)—Certos movimentos pódem ser feitos pela *escola*, ora para a direita, ora para a esquerda: eis porque collocamos entre parenthesis, ora a palavra *direita*, ora a palavra *esquerda*.

Assim, por exemplo, escrevemos, no primeiro volume da *Revista*—pela direita (centro ou esquerda)—perflar.

Os parenthesis mostram que a voz se decompõe em tres: *pela direita—perflar, pelo centro—perflar e pela esquerda—perflar*, conforme decidir o instructor.

Esta observação refere-se a todos os outros parenthesis das vozes de commando.

2)—Chama-se *escola* a qualquer grupo de alumnos, que receba exercicios.

3)—Estando os alumnos na posição de—Sentido!—deve o professor corrigir, com exagerada impertinencia, os *brazileirismos*, isto é, as tendencias para coçar o nariz e as orelhas; para esfregar as mãos nos olhos; para abaixar um hombro, levantando outro; para torcer o corpo, ora para a direita ora para a esquerda; para abaixar e levantar a cabeça; para mover com as mãos sem necessidade; para procurar, e usar de lenços; para collocar os bonés ou gorros de banda ou na nuca; para curvar as pernas; para conversar em fórma e, sobretudo, para a falta de attenção, que é o maior symptoma de indisciplina.

Dir-lhes á o professor que elles—os alumnos—não são soldados, mas que devem corrigir esses vicios ou pelo menos evital-os nas formaturas solemnes.

Assim procedendo, mostrarão que conhecem os deveres de um militar disciplinado ou correcto e poderão, emfim, criticar os desleixos dos profissionaes.

O garbo militar e a disciplina são requisitos indispensaveis aos alumnos nas formaturas.

4)—A voz de commando compõe-se de duas partes separadas por uma travessão: a primeira chama-se de *advertencia* e a segunda de *execução*.

A voz de advertencia deve ser pronunciada clara e pausadamente e, depois de uma pequena pausa marcada pelo travessão, dar-se-á a voz de execução, que deve ser rapida, prompta e energica.

5)—O alinhamento em *linha sinuosa* é o maior fiasco nas formaturas.

6)—Estar em *descanso* não é estar á *vontade*; estar á vontade não é debandar nem desordem.

7)—Nas voltas não deve o alu-

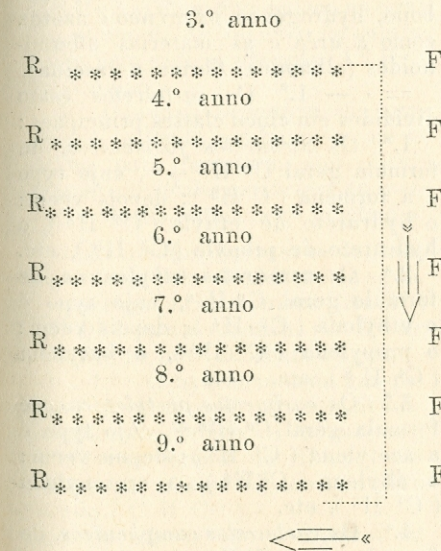
mno mover com os braços e sim aconchegal-os ás coxas.

8)—Formar por alturas como manda a *ordenança*, sómente é facil, quando se trata de adultos ou de *escolas* pouco numerosas; mas, tratando-se de creanças—que aproveitam sempre os menores momentos para as troças e gracejos—convem que o instructor adopte outro meio de formal-os por altura.

Nós adoptamos o seguinte:

Na area ou no pateo destinados aos exercicios, cada professor entrega ao instructor a classe, já formada por altura e ficarão todas a um de costado, a partir da de categoria inferior.

Ficarão, por exemplo, na seguinte ordem:



O 3.º anno, o 4.º e 5.º são preliminares; o 6.º anno, o 7.º, o 8.º e o 9.º, complementares.

F—quer dizer *frente* e—R—*recta-guarda*.

O professor, batendo a cadencia com as mãos ou fazendo executal-a por tambores, mandará avançar o 3.º

anno—o de alumnos menores—; este, rodando, neste caso, á direita, desfilará pela frente—F—de cada um dos outros, segundo a linha pontuada, na direcção da flexa, e farão todos uma longa marcha ao redor do pateo: quando mandar—alto—terá o instructor formada por altura toda a *escola*.

Os alumnos de cada uma das classes—4.º anno, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º e 9.º, que ficarem firmes—no caso de serem maiores, deixarão passar os menores—os do 3.º anno—e irão entrando em fórma, intercalando-se entre os recrutas que lhes sejam eguaes em porte e com elles seguirão em marcha.

9)—Todo o movimento para a frente e para a *recta-guarda* se inicia com o *pé esquerdo*.

10)—Os soldados estão formados a um, a dois, a quatro *de fundo*, quando, tendo a *mesma frente*, estão a um, a dois, a quatro, desde o principio, que é a direita, até ao fim, que é a esquerda. Formam assim uma ou mais *filas* de um, de dois ou de quatro.

11)—Os alumnos, estando um á *recta-guarda* dos outros, formam uma *fila*; e, estando um ao lado dos outros, formam uma *fileira*.

12)—O alumno da frente de cada fila é o *chefe de fila* ou *testa de fila* e o da *recta-guarda* é o *cerca fila*.

13)—Na *formatura de costado*, quer estejam a um, a dois ou a quatro, o alinhamento é feito pela nuca do companheiro da frente. Deve o professor recommendar que não estejam a *espiar* pela direita ou pela esquerda de cada uma das cabeças.

14)—As fileiras pódem ser, na infantaria, em numero de dois ou de quatro. A da frente é a fileira da *vanguarda*; a que estiver em ultimo lugar será a da *recta-guarda*; e, si houver outras entre ellas, serão chamadas fileiras *intermediarias*. A fileira da *vanguarda* chama-se tam-

bem *primeira fileira*; a da *rectaguarda*, *segunda fileira*. Ha tambem uma fileira chamada *supranumeraria* e formada de officiaes e sargentos á rectaguarda da ultima fileira.

A infantaria sempre se estende em linha em duas fileiras.

15)—Os extremos de cada fileira, por maior que seja, chamam-se *flancos*, sendo um *direito* e outro *esquerdo* e havendo entre ambos a parte chamada *centro*.

16)—Quando alguma voz de execução não fôr correctamente cumprida, o instructor — para repetir até acertar — mandará: ultima-fôrma.

AUGUSTO R. DE CARVALHO.

CHIMICA

IV

GUIA DO PROFESSOR PRIMARIO

POR

CARLOS ESCOBAR

Segundo o plano do eminente educador
Carlos Barlet

SCIENCIAS PHYSICO-CHIMICAS

ESTUDO ANALYTICO

(Terceiro anno)

= . — (B) *Chimica organica*. — As materias organicas estão assim divididas:

1.º Os carburetos de hydrogeneo (compostos de carbono e de hydrogeneo), como o betume, o petroleo, a essencia de terebenthina, as essencias vegetaes ou oleos essenciaes, as resinas, a borracha, o alcatrão, a benzina, a naphalina, etc.

2.º Os alcooes (compostos de carbono, hydrogeneo e oxygeno), como o alcool ordinario, o alcool methylico, a glicerina, etc.

3.º As *aldehydas* (compostos de carbono, hydrogeneo e oxygeno), como a essencia de amendoas amargas, a camphora, etc.

4.º Os *acidos* (composto de carbono, hydrogeneo e oxygeno), como os acidos gordos volateis (formico e acetico), os acidos aromaticos (benzoico e salycilico), os acidos fixos (tartrico, oxolico, citrico, malico), os acidos gordos (estearico, margarico, oleico).

5.º As *aminas* (compostos de carbono, hydrogeno e azoto), como a anilina.

A este grupo pertencem os *alcalis* ou *bases-organicas* (compostos de carbono, hydrogeno, oxygeno e azoto), como a quinina, a cafeina, a nicotina, a morphina, etc.

6.º As *amidas* (compostos de carbono, hydrogeno, oxygeno e azoto), como a uréa e as materias albuminoides (albumina, fibrina e caseina).

= . — 1.º Os *carburetos* estão divididos em cinco classes principaes:

1.ª Os *carburetos formenicos*, de formula geral $C^n H^{2n+2}$, cujo typo é a formena ($C H_2$); depois veem: o hydrureto de ethyla ($C^2 H^6$), o hydrureto de propyla ($C^3 H^8$), etc.

2.ª Os *carburetos ethylenicos*, de formula geral $C^n H^{2n}$, cujo typo é a ethylena ($C^2 H^4$); depois veem: o propylena ($C^2 H^6$), o butylena ($C^4 H^8$), etc.

3.ª Os *carburetos acetylenicos*, de formula geral $C^n H^{2n-2}$, cujo typo é a acetylena ($C^2 H_2$); depois veem: o allylena ($C^3 H^4$), o crotonylena ($C^4 H^6$), etc.

4.ª Os *carburetos camphenicos*, de formula geral $C^2 H^{2n-4}$, cujo typo é a essencia de terebenthina ($C^{10} H^{16}$).

5.ª Os *carburetos benzenicos*, de formula geral $C^n H^{2n-6}$, cujo typo é a benzina ($C^6 H^6$); depois vem o tolueno ($C^7 H^8$), etc.

2.º Os *alcooes* derivam-se dos carburetos de hydrogeno, substituindo-se o H por um ou mais grupos de

oxhydrila (OH). Si um atomo de H do ethana ($C^2 H^6$) é substituido por O H, temos o alcool ordinario $C^2 H^5(OH)$ ou $C^2 H^6 O$.

3.º As *aldehydas* derivam-se dos alcooes pela eliminação do hydrogeno. Eliminando-se dois atomos de H do alcool ordinario ($C^2 H^6 O$), obtem-se a sua aldehyda $C^2 H^4 O$.

Obtem-se ainda a aldehyda ordinaria oxydando-se o ethyleno ($C^2 H^4$) pelo acido chromico.

4.º Os *acidos* derivam-se dos alcooes correspondentes, por um atomo de O substituindo dois de H. O acido acetico ($C^2 H^4 O^2$) deriva-se assim do alcool ordinario ($C^2 H^6 O$).

As *aminas* derivam-se do ammoniaco ($Az H^3$) substituindo-se o H pelos radicaes alcoolicos. A anilina ($C^6 H^7 Az$) é um ammoniaco no qual um atomo do hydrogeno foi substituido pelo radical *phenyla* ($C^6 H^5$) da benzina.

5.º Os *alcalis organicos* são compostos, podendo combinar-se com os acidos para formarem saes. Dividem-se em *alcalis artificiaes* ou *aminas* e *alcalis naturaes* ou *alcaloides*.

6.º As *amidas* derivam-se dos saes ammoniacaes pela eliminação da agua. Ex.: o acetato de ammoniaco [$(Az H^3) C^2 H^4 O^2$] dá a acetamida ($C^2 H^5 Az O$) perdendo uma molecula d'agua.

= . 1.º O hydrogeno do gaz palustre ($C H^4$) pode ser substituido pelo chloro, o bromo, o cyanogeno, etc. Si tres atomos de H são substituidos por tres de Cl, temos o chloroformio ($C H Cl^3$).

2.º Os *etheres* são compostos ou simples. Os etheres compostos provêm da substituição do hydrogeno dos oxacidos pelo ethyla ($C^2 H^5$) dos alcooes (servindo de bases) com eliminação da agua. Si a ethyla substitue o hydrogeno do acido acetico ($C^2 H^3 O^2 H$), temos o ether acetico ou acetato do ethyla ($C^2 H^3 O^2, C^2 H^5$).

Os etheres simples provêm da substituição do hydrogeno dos hydracidos pela ethyla dos alcooes, com eliminação da agua. Si a ethyla do alcool substitue o hydrogeno do acido chlorhydrico, temos o ether chlorhydrico ($C^2 H^5 Cl$).

Os etheres são saes.

A *estearina*, a *margarina* e a *oleina* são principios immediatos dos corpos gordos (olhos, banhas, etc.). São compostos de glicerina (um alcool) e de acido estearico, acido margarico e oleico. São pois verdadeiros etheres compostos.

= . — As carnes dos animaes compõem-se de alguns dos mais complicados destes productos (albumina, fibrina, caseina, gelatina, pepsina, etc.); pela decomposição, depois da morte, elles se reduzem ao contrario aos mais simples.

A materia vegetal é complexa tambem, mas muitos de seus productos são menos (são alcaloides, alcooes, acidos ou carburetos). Elles são intermediarios entre o reino inorganico e o reino animal, aos quaes fornecem a sua nutrição.

= . — *Radicaes*.—Um atomo ou um grupo de atomos capaz de passar intacto de uns a outros compostos, chama-se um *radical*.

Os radicaes são *reaes* ou *hypotheticos*. Os primeiros foram isolados e os segundos não o foram.

Radicaes reaes: *monovalentes*, nitrosyla ($Az O$); azotylyla ($Az O^2$); cyanogeno ($C Az$); *divalentes*, sulpherylyla ($S O^2$); carbonylyla ($C O$); ethyleno ($C^2 H^4$).

Radicaes hypotheticos: *monovalentes*, oxhydrilyla ($O H$); methyllyla ($C H^3$); ethylyla ($C^2 H^5$); phenylylo ($C^6 H^5$); *trivalente* glycerylylo ($C^3 H^5$).

= . — *Typos moleculares*.—Typos moleculares são certos corpos de que todos os outros se podem considerar derivados por meio de substituições convenientes.

Ha quatro typos moleculares :

O caracter do *primeiro typo* é a existencia de dois radicaes monoatomicos saturando-se reciprocamente. A molecula do hydrogeneo (H—H) e a do acido chlorhydrico (H—Cl) costumam ser escolhidos para termo de comparação.

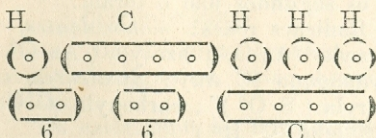
O caracter do *segundo typo* é a presença de um radical diatomico saturado por dois monoatomicos ou por um diatomico. E' representado pela molecula da agua (H² O).

O caracter do *terceiro typo* é um radical triatomico saturado por tres monoatomicos, ou por um diatomico e outro monoatomico, ou por um triatomico. Escolhem-se para representar esse typo ammoniaco Az H³.

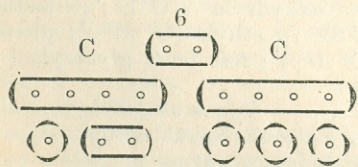
O caracter do *quarto typo* é um radical tetratomico saturado por quatro monoatomicos, ou por dois diatomicos, ou por um triatomico e outro monoatomico, ou por um tetratomico. E' representado pelo gaz palustre C H⁴.

= . — 1.º *Isomerismo*.—Ha compostos com propriedades physicas e chemicas diferentes, embora formados dos mesmos elementos e nas mesmas proporções. São compostos isomeros. O acido acetico e o formiato de methyla (cuja formula commum é C² H³ O) estão nestas condições.

Explique-se o isomerismo pelo arranjo diferente dos atomos. Ex. :



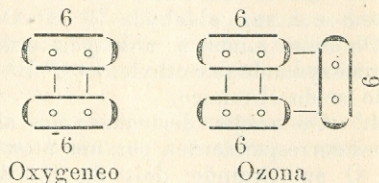
Acido acetico



Formiato de methyla

2.º Dá-se o nome de *allotropia* ao facto de um corpo apresentar-se com as suas propriedades modificadas a ponto de simular corpos diferentes. O oxygeneo e o ozona estão neste caso.

Explicação da allotropia:



SYNTHESE SCIENTIFICA

= . — A sciencia constatou e *mediu* todas as propriedades physicas des corpos simples (densidade, tenacidade, malleabilidade, ductilidade, fusibilidade, conductibilidade, solubilidade, calor especifico, etc.)

Analysou mesmo quasi todas as combinações parecendo possiveis aos corpos compostos, de modo a estabelecer as propriedades physicas e chemicas de todas as substancias existentes ainda em a natureza ou podendo ali se produzirem. (Os radicaes hypotheticos, por exemplo, são substancias podendo-se produzirem em a natureza).

Depois ella propria effectuou essas combinações, de sorte que poude reproduzir directamente, pelos unicos corpos simples, quantidade de substancias das mais complexas como as organicas. Berthelot fabricou o alcool ordinario empregando só os elementos mineraes de que se compõe este corpo: carbono, hydrogeneo e agua. Pode-se tambem produzir artificialmente a uréa decompondo o cyanato de potassio pelo sulfato de ammoniaco.

A sciencia poude emfim prever mesmo corpos que não estavam ainda descobertos. O quadro geral dos corpos simples apresenta muitas lacunas.

Mendelejeef pensando que taes lacunas seriam preenchidas um dia, affirmou a existencia de corpos ignorados e ousou descrevel-os com as suas propriedades chemicas. A descoberta do *gallio* veio confirmar esta vista do chimico russo.

SYNTHESE ESPIRITUAL

= . — 1.º A *unidade* do poder creador apparece pelas quatro distincções principaes (os 4 elementos) que permittiram a classificação; e ainda entre elles pela predominancia dos dois corpos O e H, e mesmo pela predominancia inteiramente suprema do H, que participa da natureza de todos os elementos (sendo como o fogo do fogo).

A analyse espectral descobriu o raio do H em muitos corpos simples. Os que procuram a unidade da materia pensam por isso que os elementos são modalidades do H. Croohes ensina que existia na origem uma certa substancia primordial, sem representante em nossos dias, chamada *protyla*, de que se formaram os elementos chemicos.

2.º Esta unidade apparece de outra parte na estrutura chimica pelo atomo, que é o elemento della.

3.º A *harmonia* resulta da anatomia e das leis das combinações (em proporções fixas e multiplas, de relações simples), que permittem a extrema variedade por meio da unidade (ou a unidade multiplicando-se provavelmente pela fórma só do atomo, para produzir as proporções simples).

4.º A *potencia* mostra-se na predominancia dos elementos Fogo e Ar sobre os de Terra e d'Agua, isto é, da expansão sobre a inercia, predominancia sem a qual a *vida* não existiria; a creação não seria senão uma pedra immortal.

SYNTHESE PRATICA

= . — Podem-se avaliar as applicações desta sciencia pela enumera-

ção rapida das industrias, especialmente chemicas (fabricação dos explosivos, do gaz de illuminação, dos phosphoros, do vidro; preparação das ligas, metallurgia, tinturaria, etc.)

A chimica ajunta-se, além disso, como accessorio, a uma quantidade de industrias publicas (panificação, cultura, fabricação de bebidas alcoolicas, etc.) ou domesticas (cozinha, barrela, etc.)

A ARCHEOLOGIA

POR

PAULO ALLARD

(TRADUCCÃO DE J. BENEVIDES)

Quizera poder definir a archeologia. Será porventura, a propria historia? Será uma sciencia independente? Será simples auxiliar da historia?

Certo é, pelo modo, ter ella estreito parentesco com a historia.

Podia outr'ora o historiador dispensal-a—o que hoje é impossivel: pelas descobertas archeologicas uma grande parte da historia foi renovada ou se acha em via de renovação. Os momentos corrigem os textos ou supprem o seu silencio; as inscrições revelam novos factos, e mostram-nos a vida intima dos povos; —desvendou-se o mysterio de linguas desconhecidas, signaes ideographicos por longo tempo incomprehensives—e, por esse meio, chegou-se a ter communhão com as idéas, sentimentos e crenças das idades as mais remotas.

A historia, no dizer de Michelet, é uma ressurreição: tal é, com effeito, quando, illustração viva dos textos, vemol-a fazer brotar da terra templos ou casas, estatuas, pinturas, letras gravadas em marmores

ou traçadas em papyrus, moedas, medalhas, armas, joias, utensilios, e até os proprios mortos sahindo dos tumulos taes quaes foram nelles depositados pelos seus contemporaneos. A archeologia, então, torna-se poderosa auxiliar da historia. Mas esta evocadora do passado pode ser mais do que uma auxiliar: em certos casos torna-se creadora da propria historia. Muito antes da época em que começam os mais antigos annaes dos povos, antes de saber escrever, já vivia o homem. Nestes tempos sem historiadores encontra a archeologia vestigios humanos — e funda a pre-historia constituida ao mesmo tempo, em parte, de hypotheses e conjecturas, mas tambem de dados positivos.

Os gregos de boa época não conheceram a archeologia. Inteiramente entregues á doçura do viver, á felicidade de crear, só olhavam para diante sem se preocupar com as civilisações extinctas, e sem indagar do que a ellas deviam.

Os Romanos, menos expontaneos, prenderam-se deliberadamente ao passado. Pela epopéa com Virgilio, pela erudição com Dionisio de Hallicarnasso, tentaram ligar suas origens á Grecia e á Asia; tinham amor ás bellas legendas. Sua religião foi em parte emprestada, e sua arte toda de emprestimos. Como todas as raças que não possuem genio inventivo, tiveram um extraordinario poder de assimilação. A conquista do mundo, delles fez letrados, artistas e peritos: despojaram provincias para enriquecer suas collecções. E, si é verdade que os velhos monumentos não foram por elles estudados com methodo e com um espirito scientifico, tambem é certo que por taes monumentos manifestaram grande curiosidade. Por muito tempo conservou o espirito romano essa feição. Depois da victoria do Christianismo escapam templos á proseripção, por-

que se transformaram em museus: admiravam-se ainda como obras de arte as estatuas que já não se adoravam. E, por fim, faz Constantino de Byzancio o deposito de todas as obras-primas da antiguidade.

A idade média foi uma época de rejuvenescimento

As forças do velho mundo nella se transformam e se renovam; produzem creações admiraveis e interessantes: a originalidade, porém, é muito grande, a vida muito expontanea, de modo a não permittir que se conserve ou que se busque o espirito do passado. O senso historico, nessa época, só era contemporaneo, nacional ou religioso.

A archeologia só começou, pois, no seculo XV com o movimento da Renascença, e, de progresso em progresso, chegou a ser verdadeiramente uma sciencia no seculo XIX: creou methodos inflexiveis, adquiriu o espirito de rigorosa conquista, e já não permite o cultivo de simples amadores.

*
**

Foi com a expedição de Bonaparte que os sabios europeus fizeram erupção no Egypto. A annexação pela sciencia, mais duradoura do que a conquista pelas armas, começou então. Dos trabalhos do Instituto e da Commissão, fundados no Cairo em 1798, surgiu a grande obra em 22 volumes infolio intitulada «Descripção do Egypto». O paiz, entretanto, embora melhor conhecido, não teria ainda revelado seus mysterios, si não fôra a genial descoberta de Champollion, relativa aos hieroglyphos.

Quando elle morreu, quarenta annos depois, deixou fundada a egyptologia. Seus successores nada mais fizeram que proseguir no caminho por si traçado: puderam lêr, então, como em livro aberto, os textos gravados no granito dos pylones ou

dos obeliscos; no pedestal das estatuas; nos flancos dos sarcophagos; nas muralhas dos palacios e dos templos—e pintados nas paredes dos hypogêos, nas caixas de mumias e nos rôlos de papyrus.

Champollion havia feito suas grandes descobertas sem ter sahido da França; e, só nos ultimos dias de sua vida, é que teve occasião de visitar o paiz, cujo conhecimento a todo tinha proporcionado. Desde então a sciencia egyptologica teve uma dupla direcção: alguns, taes como Letronne, Lenormant, Rougé e Chabas na França—Lepsio, Brusch e Ebers na Allemanha, propagaram-na sobretudo pelo ensino, pelo estudo das collecções europeas, pelos livros; outros, taes como Mariette, Maspero e seus discipulos, fizeram-na progredir directamente, no proprio solo, accrescentando-lhe, por algumas descobertas recentes, capitulos novos.

Quando Mariette conseguiu penetrar no *Serapeum* de Memphis, e quando Maspero, retirando delicadamente as fitas ou ligaduras das mumias reaes, conservadas no museu de *Boulag*, fez apparecer á luz do sol os traços physionomicos dos Pharaós contemporaneos de Moysés, e torna possivel a confrontação dos originaes com as estatuas ou pinturas que os representavam, a historia do Egypto irrompe por si mesma das trevas e renasce. Advinha-se a complexidade desta historia quando a exploração dos papyrus descobre, ao lado dos solemnes ensinamentos do «Livro dos Mortos», esses contos populares, romanescos, phantasticos, essas caricaturas ligeiras, por vezes libertinas, nas quaes se revela um lado da alma egyptica desconhecida até então.

Desapparece a sensação do «monotono» e do «enorme», que havia sido produzida por uma vista superficial da arte egyptica, ao encontrar-se nos tumulos dos reis uma quanti-

dade immensa de joias de ouro, encrustadas de pedrarias, da mais acabada technica (descoberta de Morgan, em Dachcour).

Do meado do seculo XIX, em diante, não tem sido interrompidas as excavações e pesquisas: sabios, missões francezas e sociedades inglezas têm rivalisado em ousadia e successos. Desde as sepulturas do Antigo Imperio até os monumentos do Egypto greco-romano — todo o passado, emfim, dessa terra de inexgotavel riqueza, muda e enigmatica outr'ora, como suas esphinges de granito, revela-se hoje aos archéologos.

A exploração do mundo assyrio, por uma singular coincidência, começou quasi ao mesmo tempo que a do Egypto.

As excavações de Botta, de Place, e de Layard em Ninive; as de Layard, de Rawlinson, de Lejean, de Oppert em Babylonia; as descobertas mais recentes de Larzac; os trabalhos, finalmente, de exploração e de interpretação da escriptura cuneiforme de Longperier, Salucy, F. Lenormant, J. Menant, Rawlinson, Norris e Smith desvendaram o mysterio das grandiosas civilisações que, até o meado do seculo XIX, eram apenas entrévistas nas narrativas de Beroso, de Diodoro e da Biblia.

Foi tambem estudada archéologicamente a Grecia. As pesquisas feitas não só na Grecia, propriamente dita, como tambem nas diversas regiões hellenicis, na segunda metade do seculo XIX, caracterisam-se por um largo sentimento artistico alliado a um espirito scientifico. Mas o estudo dos paizes hellenicos consiste sobretudo na exploração dos monumentos e na busca de obras d'arte soterradas nas ruinas. E, si bem que as inscrições descobertas tenham trazido preciosos esclarecimentos não só quanto á topographia como tambem com relação ás instituições, idéas e costumes—não se deve

esperar da epigraphia grega revelações propriamente historicas, novas, porquanto a literatura grega nunca deixou de ser conhecida dos povos civilizados. As pesquisas archéologicas, pois, com relação á Grecia, visam apenas dar-nos uma intelligencia mais completa e delicada de suas obras-primas.

O que, relativamente á Grecia, acabamos de affirmar tem maior applicação ainda ao mundo latino: o seculo XIX não teve que descobri-lo, propriamente falando, porque nunca deixamos de viver de sua vida. Ligados a elle por nossas tradições, familiarizados com a sua historia, alimentados com a sua literatura, reconhecendo-nos por assim dizer em tudo o que exhumanos de seu passado—é-nos mais facil chegar, no que lhe diz respeito, a esse conhecimento detalhado e a essa intelligencia de conjuncto que são a sciencia completa.

Podemos mesmo dizer que, estudadas com a precisão dos methodos modernos, são hoje as antiguidades romanas tão conhecidas como os proprios assumptos contemporaneos, e podem até ser melhor julgadas porque gozam da vantagem do seu afastamento.

As origens, sem duvida, offerecem sempre difficuldades.

Da Italia alguns fragmentos de recintos fortificados são attribuidos aos Pelásgos. Do antigo *Latina* conhece-se a forma das cabanas e o nome dos deuses. A Etruria, não obstante os estudos de Müller e outros, continua sendo um mysterio—com sua lingua incomprehensivel, sua religião que parece um emprestimo da Alta Asia, e sua arte que mostra a gradativa influencia do espirito grego, não só pelos assumptos como pelos estylos. Foi, deixando-se penetrar pela civilisação etrusca, que Roma recebeu um primeiro e longinquo cunho da Grecia e do Ori-

ente, sem perder o seu velho fundo latino. Mas, á medida que a extendeu o poder romano, tornou-se mais directo o contacto. Si o Oriente só tardiamente introduziu em Roma suas divindades, sobretudo no seculo III da nossa éra, a influencia grega, pelo contrario, fez-se sentir desde que a guerra pôz os Romanos em contacto com o mundo hellenico.

A religião dos Gregos, as idéas, a arte sob todas as formas se impuzeram aos Romanos; conquistaram-nos, no dizer de Horacio. Mas não perderam elles as qualidades naturaes da raça nascida para governar os homens, que, nas manifestações plasticas de seu genio, se traduzem por um caracter de força, de ordem e de symetria, em que a autoridade romana se assignala com sacrificio das graças mais ligeiras do hellenismo. Graças aos trabalhos archéologicos está hoje a topographia de Roma de posse de resultados definitivos. Pela epigraphia muito progrediram tambem os conhecimentos historicos, e, principalmente, os referentes aos primitivos tempos do Christianismo.

* * *

Não é só com relação á historia que tanta luz tem projectado a archéologia, mas tambem nesse mundo de limites indecisos, de claridades ainda crepusculares, em que a geologia, a palcontologia e a anthropologia procuram encontrar os vestigios dos mais antigos homens.

Nenhumas sciencias, porém, tanto como estas, têm soffrido tantas influencias extranhas e tantas correntes extra-scientificas. Calculos arbitrarios, tendentes a recuar com inteira inverosimilhança a antiguidade do homem; hypotheses imaginadas para dar-lhe antepassados extranhos ao genero humano; factos mal observados, dando logar a classificações prematuras e a conclu-

sões illogicas—tudo, emfim, que sob o imperio de preoccupações sectarias ou de theorias preconcebidas pode falsear as pesquisas desinteressadas, tem embaraçado os passos dos antiquarios. Felizmente a maior parte são espiritos claros, homens de boa fé e de bom senso. Em opposição ás phantasias de Mortillet pode a archéologia pre-historica citar os sobrios e solidos trabalhos de Nadaillac, de Bertrand, de Baye, de d'Arcey, de Fergusson e de muitos outros verdadeiros sabios—inimigos de generalisações prematuras, e que adoptaram como sua divisa ou legenda—«*Res non verba*».

A sciencia caminhou desde o dia em que um membro da «*Academia das Inscripções*»—Mahudel, em 1734, assignalou como utensilios trabalhados pela mão do homem certas pedras denominadas «*pedras de raio*», que se consideravam cahidas do céu.

Estes «*silex*» talhados, foram, a principio, attribuidos aos Gaulezes. Na primeira metade do seculo XIX, porém, os dois sabios Thomsen e Warsac contestaram tal versão e affirmaram que o uso de instrumentos de pedra pertencia á época muito anterior ao periodo historico dos Celtas. Mas a incredulidade persistio, zombou das posteriores affirmações de Boucher de Perthes em 1841, e sómente a partir de 1860, e após as demonstrações de Lartet, ficou firmada a coexistencia do homem com as especies animaes da idade geologica que precedeu a nossa.

Desde então, o estudo do *homem quaternario* tornou-se um dos ramos mais cultivados da archeologia, e, não obstante as exagerações e idéas perturbadoras referidas, já se conseguiu pelos factos eliminar a maior parte dos erros.

Nem o troglodita, que deixou em cavernas vestigios de seus lares e de suas refeições; nem o habitante das cidades lacustres; nem o mysterioso

constructor dos *menhirs*, *dolmens* e *cromlecks*—que se encontram nas regiões as mais diversas, eram, como erradamente se affirmou, seres de selvageria tal que quasi se confundiam com os brutos. Desde as épocas mais remotas, pelo contrario, o homem apparece como um ser reflectido, capaz de progresso, obtendo por processos, a principio muito rudimentares, resultados que, por mais humildes que fossem, suppõem consideravel despeza de forças intellectuaes. Sabia elle fazer de um simples «*silex*», talhado em pedaços, seus instrumentos de construcção, de guerra, de caça e de pesca; fabricava vasilhas de barro, que endurecia ao sol ou ao fogo; tinha o gosto do ornato, o sentimento do bello; revelava-se até artista pelos desenhos feitos em ossos de mammoth ou de renna; tinha o culto dos mortos—attestado pela posição dos esqueletos nas sepulturas, e pelos objectos reunidos a seu lado; e, consequentemente, tinha o sentimento religioso, porque não se pôde conceber o culto dos mortos sem a idéa, embora vaga, da vida futura, e sem a crença implicita da Divindade.

Taes se revelaram os primeiros habitantes da Europa, desde os tempos quaternarios até á época mais ou menos avançada do periodo geologico actual, em que os representantes das civilisações muito mais perfeitas da Asia lhes ensinaram, pela emigração ou pelo commercio, o uso dos metaes; tal se mostra tambem o Americano pre-historico tão bem descrito por Nadaillac. A *idade da pedra* é menos um periodo chronologico do que um periodo de civilisação—aquí mais rapidamente transposto, allí mais duradouro: nossos antepassados nelles se achavam ainda quando já os imperios de Ninive e de Memphis resplandesciam, e subsistia ainda no começo do seculo XIX em certas ilhas da Oceania.

Foi insensivelmente que o bronze, e depois o ferro, fizeram sua aparição: nos dolmens ou nas cidades lacustres já se encontra o bronze misturado com instrumentos e armas de « sillex ».

Como estabelecer, pois, uma classificação uniforme desses períodos—quando é certo que não só as cidades pre-historicas estudadas por Schiimann (Troya, Mycena e Tirintho) não continham nenhum objecto de ferro — e que tambem a introdução do uso do ferro na Dinamarca e Suecia só remonta ao seculo II da nossa era?

A humanidade é mais antiga do que a historia e a legenda não tem chronologia. Mas, ainda mesmo nas edades legendarias, apparece-nos a humanidade sempre a mesma e sob todos os céus: a humanidade que trabalha, que lucta, que progride, que inventa, que pensa e que adora.

Bastava esse grande serviço da Archeologia—isto é,—revelar-nos o homem pre-historico, para tornal-a digna de nossa veneração;—mas devemos-lhe ainda mais — o completar as literaturas historicas como vimos.

CHRONICA DO INTERIOR

A UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO

Eis, na integra, o extraordinario relatorio expondo o plano da fundação de uma Universidade no Rio de Janeiro, devido á penna do grande medico brasileiro, Dr. Azevedo Sodré.

Publicando-o em suas paginas, a *Revista de Ensino*, tem como intuito prestar uma justa homenagem ao conspicuo cidadão.

SR. MINISTRO.

Teve V. Ex. a extrema bondade de confiar-me a incumbencia de formular um plano para a criação de uma Universidade no Rio de Janeiro. Summamente penhorado com tal distincção, venho hoje desobrigar-me da honrosa tarefa e submeter á apreciação de V. Ex. o projecto que redigi, pondo em contribuição o que li, observei e aprendi, por occasião de minha recente viagem á Europa.

Dispensó-me de encarecer as vantagens do regimen universitario, reconhecidas e comprovadas em todos os paizes civilizados, onde a instrução publica attingiu o seu mais alto gráo de perfeição. Dirigindo-me á V. Ex., que ás qualidades de estadista eminente reúne as de membro dos mais distinctos do magisterio superior, seria ocioso de minha parte insistir sobre tal assumpto. De resto, o proposito firme em que está V. Ex. de imprimir nova feição ao ensino superior no Brazil e a iniciativa que

tomou de promover a fundação de uma Universidade no Rio de Janeiro, falam eloquentemente em favor da boa orientação do espirito de V. Ex. e do conhecimento exacto que tem do estado de decadencia a que attingiram entre nós o ensino secundario e o superior.

Nos ultimos annos do imperio já se clamava, com toda a razão, contra o abaixamento do nivel da instrução secundaria, e si o ensino superior prosperava ainda, graças aos melhoramentos nelle introduzidos pelas reformas levadas a effeito por iniciativa dos Conselheiros JOÃO ALFREDO e LEÃO VELLOSO, todos os estadistas do imperio, e á frente delles o findo Imperador, estavam mais ou menos de accôrdo sobre a conveniencia da fundação de uma Universidade no Rio de Janeiro. Tal aspiração não logrou realizar-se pela erronea crença, então dominante, sobre a necessidade de um grande edificio onde, reunidos, funcionassem todos os cursos universitarios.

Com o advento da Republica, apesar das successivas reformas, e em boa parte talvez devido a ellas, o ensino superior entrou em franca decadencia; só não vê e não lamenta o estado de atrazo a que neste particular chegámos quem não quer attentar para isso, ou quem, de caso pensado, deseja o completo anniquilamento do ensino official entre nós, para vel-o substituido pelo ensino livre. Ora, si do animo desprevenido

e imparcial, analysarmos os resultados fornecidos pelo nosso ensino official, decadente e pobre, sem enthusiasmos nem estímulos que o aviventem, mantido na maior estabilidade sob ameaças de mutilações, de suppressões e até mesmo de transferencia para os Estados e para o Districto Federal; si compararmos taes resultados com os fornecidos pelo ensino livre ministrado nos collegios equiparados e nas Faculdades que, sob a iniciativa particular ou dos Estados, vão surgindo por toda a parte, chegaremos facilmente a reconhecer a superioridade do primeiro, e a nutrir fundadas preoccupações com respeito ao futuro da instrucção publica em nosso paiz.

Entretanto—devo confessal-o—não sou apologista do ensino official, como se acha organizado entre nós, vivendo coacto sob a tutela do governo, preso a elle por laços innumerados, que só servem para tolher-lhe os movimentos e obstar o seu completo desenvolvimento. Esta mesma tutela, porém, e estes mesmos laços de subordinação extendem-se em igualdade de condições ás Faculdades e Escolas livres que funcionam no Brazil, com a differença que estas vivem pobremente, sem recursos para acquisição do material necessario ao ensino e com um professorado, para que assim o digamos, não remunerado.

O ensino superior carece antes de tudo de dinheiro para viver, prosperar e dar os desejados fructos; dinheiro que lhe permitta a acquisição de todo o material indispensavel; o qual de dia em dia se vae tornando mais numeroso e variado; dinheiro que lhe permitia retribuir os auxiliares do ensino e transformar a carreira do magisterio em profissão rendosa e exclusiva. Emquanto o professor considerar, como entre nós acontece, o magisterio como um achego, e procura fóra delle os meios de subsistencia; emquanto fôr rodeado

de auxiliares vitalicios sem aspirações nem enthusiasmos; emquanto dispuzer do material escasso e defeituoso, o ensino superior será uma burla, uma farça, uma illusão. Contar com a iniciativa particular, como se vê nos Estados Unidos, para a constituição do patrimonio dos Institutos livres de ensino superior é certamente uma utopia em um paiz como o nosso, onde já não existem grandes fortunas e onde as mais bellas instituições de caridade, como a Santa Casa de Misericórdia, por exemplo, luctam com difficuldades sem numero e registram uma diminuição notavel e progressiva das doações e legados. Confiar a sorte do ensino superior a esta problematica philantropia é condemnal-o de ante-mão a uma ruina certa e inevitavel.

Nas condições actuaes do Brazil só o governo federal póde subsidiar o ensino, só elle póde fornecer os fundos necessarios á sua manutenção. E o ensino que não fôr subvencionado, aquelle que contar para a sua subsistencia exclusivamente com as taxas de matricula pagas pelos alumnos, e com a problematica expectativa de donativos e legados, ha de viver mirrado e esteril, sinão chegar mesmo ao extremo de fabricar moeda pelos meios os mais indecorosos.

Só o governo federal, repito, póde entre nós garantir a independencia do ensino superior e promover sua estabilidade e prosperidade, fornecendo-lhe os fundos necessarios e zelando pela conveniente applicação delles. Esta deve ser, a meu ver, a única função do Estado em materia de ensino, podendo addicionar-se ainda uma vigilancia moral e disciplinar exercida por delegado de sua inteira confiança, ao qual fosse entregue a superintendencia geral do ensino. Todas as subordinações ora existentes, todas as demais dependencias entre o Governo e as Faculdades, devem ser supprimidas. Bastante razão, a

meu vêr, tinha ROGGERO BONCHI quando sobre este assumpto escreveu: — « *tutte le strettoie, tutti i vincoli, tutti i legami non sono sorgenti della vita, ma sono ritorte di un cadavere* ».

Liberdade completa no que diz respeito á sua organização e funcionamento, no tocante á applicação dos fundos concedidos pelo governo, á suppressão e creação de cursos, á dotação dos laboratorios, etc., eis do que carece antes de tudo o nosso ensino superior. E' a autonomia administrativa exercendo-se em sua plenitude, com o correctivo da fisealizaçáo do governo.

Por outro lado, o Estado não tem competencia para fixar programmas, prescrever methodos, regular disciplinas, impor ao estudante este ou aquelle mestre, obrigar-o a frequentar esta ou aquella aula. « *Le cose intellettuali*, disse FUSINATO no parlamento italiano, *non possono dipendere da una autorità esteriore. Di fronte ad esse lo Stato é radicalmente incompetente e la su opera deve ridursi ad una funzione engativa per toglier gli ostacoli. In un istituto scientifico, soltanto da un regime libero può attendersi l'eccitamento che garantisce il progresso*. O ensino superior carece gosar da mais completa liberdade por parte de suas corporações docentes na escolha dos professores; da mais completa liberdade destes nas opiniões e doutrinas ensinadas; e de completa liberdade para o alumno na escolha de seus mestres.

E' a autonomia didactica concedida aos Institutos de ensino superior e que se resolve em ultima analyse na mais ampla liberdade de ensinar e de aprender. E' o *Lehr- und Lernfreiheit* das universidades allemãs, cujas vantagens uma pratica quasi secular tem sancionado.

Para o regular exercicio desta liberdade é mister organizar o ensino

livre, collocal-o ao lado do ensino official em igualdade de condições, dar-lhe o maior desenvolvimento possible, dotando-o de pessoal habilitado e do material necessario; finalmente fazer do ensino livre o viveiro dos futuros professores officiaes, os quaes devem ser escolhidos entre os professores livres que maior successo tenham alcançado em seus cursos, e que mais tenham contribuido para o progresso do ensino e da sciencia.

Uma reforma do ensino superior que não consagre estas liberdades, que não vise transformar a carreira do magisterio em profissão rendosa, de cujos proventos possa viver folgadoamente o professor, que não melhore o material de ensino, que não reforce as dotações actuaes dos laboratorios e bibliothecas, é reforma inutil, improductivel, imprestavel.

Nas condições financeiras actuaes do nosso paiz, só vejo um meio unico de reformar-se vantajosamente o ensino, tendo em mira o *desideratum* apontado: — é a creação de uma universidade, dispondo de um patrimonio com fontes productivas de renda, e a subordinação a ella de todo o ensino superior e secundario official, de accôrdo com o plano que confeccionei.

Como V. Exa. verá, Sr. Ministro, o plano é um tanto original, contém disposições que se não encontram em parte alguma, e que nelle foram introduzidas para attender ás condições muito especiaes do nosso meio e á crise economica e financeira que atravessamos.

As universidades europeas, consideradas em seu conjuncto, podem ser reduzidas a tres typos principaes: — o inglez, o francez e o allemão.

As Universidades inglezas de Oxford e de Cambridge, representantes immutaveis de tradições e de instituições antigas, conservam as fórmulas originarias da Universidade medieval. São corporações privilegiadas, que se regem livremente e se man-



tem com grandes patrimônios, sem a menor vigilância e ingerência do Estado. Falta ao ensino nella ministrado o cunho pratico e profissional, constituindo seu principal objecto as sciencias de cultura geral; são antes uma continuação das escolas secundarias, em uma esphera mais elevada, preocupando-se mais com a educação do que com a instrução, mais com a formação do caracter e da intelligencia do que com o preparo scientifico e litterario. Como disse FUSINATO, « *il primo scopo delle università inglesi è di formare non già dei professionisti e neppure degli scienziati, ma dei gentiluomini* »; e accrescenta HUBER: *gentlemen tories for the better service of the church and State.* » A instrução pratica e profissional é adquirida fóra da universidade nas escolas e collegios destinados a cada carreira.

Profundamente diverso em sua essencia intima é o typo francez. Constitue em Paris a universidade a reunião de todos os professores e de todos os ensinios ministrados por ordem e sob a vigilância directa do governo; as Faculdades e Institutos são orgams administrativos, mantidos exclusivamente e dirigidos pelo Estado. Segundo ROYER COLLARD, a Universidade franceza é o proprio governo applicado á direcção geral da instrução publica. As Faculdades têm vida completamente separada uma das outras; nellas se formam scienistas e profissionaes; o ensino, porém, tem um cunho mais theorico e doutrinario do que pratico.

Entre um typo e outro colloca-se a Universidade allemã, que, sendo instituição do Estado, por elle em parte mantida e vivendo sob a sua vigilância immediata, conservou uma parte notavel do seu antigo caracter corporativo, dispõe de personalidade juridica, goza de uma parcial autonomia administrativa, de uma absoluta liberdade didactica e de uma privi-

legiada jurisdicção disciplinar. Na Universidade allemã o ensino tem o cunho o mais pratico possivel, visando formar profissionaes e não scienistas; mas ao mesmo tempo que ensina, o professor pesquisa e promove o adiantamento da sciencia; e o caracter fundamental da universidade germanica reside justamente nesta associação bem comprehendida e bem executada do ensino e da pesquisa scientifica.

A carreira do magisterio constitue na Allemanha, Austria e Suissa, uma profissão das mais rendosas; professores ha em Berlim que regulam ganhar de 50 a 90 mil marcos por anno. Nenhum profissional consegue obter uma cadeira sinão depois de ter contribuido para o progresso do ensino e da sciencia, depois de ter publicado trabalhos de valor. E é por isso que o mundo civilizado se enche de pasmo e de admiração deante da fecundidade e da riqueza da literatura scientifica allemã.

A superioridade do typo universitario allemão é hoje universalmente reconhecida. A Austria e a Suissa adoptaram-no quasi sem reservas; a Italia consagrou-o por occasião da ultima reforma das suas universidades; e no regulamento promulgado em Abril do anno passado, pelo ministro NASI, encontra-se grande numero de artigos regulando praticas e disposições usadas nas universidades germanicas. A França, apezar dos resentimentos e do antagonismo politico, tem adoptado já muitas das instituições allemãs, e a proposito de uma dellas, a dos *privat-docentem*, escreveu BARDET com a maior insuspeição: — « *La vérité c'est que tous les médecins qui n'ont pas d'intérêt engagé dans la question regrettent infiniment que notre pays ne possède pas l'institution des privat-docentem qui donne aux universités allemandes une supériorité si réelle sur les nôtres.* »

O nosso ensino superior foi modelado no typo francez; copiámos quasi tudo o que havia de peor na organização franceza; importámos de Paris a subordinação directa das Faculdades e avassaladora do governo; importámos o cunho theorico impresso ao ensino, o vesio de transformar as lições em conferencias onde os assumptos são desenvolvidos e tratados com tal largueza a ponto de prejudicar a execução completa dos programmas; importámos a organização do professorado e os defeituosos meios de prover os cargos do magisterio. Esqueçemo-nos, porém, de adoptar algumas disposições salutaes usadas na França e que corrigem os males provenientes da organização franceza, como, por exemplo, a temporalidade do professorado substituto e dos auxiliares do ensino, a promoção dos *agrégés* a cathedraes por merecimento, o provimento do concurso dos logares de medicos dos hospitaes, o ensino livre proveitoso feito por estes medicos, etc.

Acredito, Sr. Ministro, que a ter-se de fundar uma Universidade no Rio de Janeiro, deve ser ella vasada nos moldes das universidades allemãs, suissas e austriacas. O typo allemão é positivamente o que mais nos convém, modificado em ordem a accommodar-se ás condições peculiares ao nosso meio. Como V. Exa. verá, o projecto que formulei consagra, entre outras, as seguintes disposições que garantiram o successo e a superioridade das universidades allemãs: autonomia didactica e disciplinar a mais completa e absoluta; — organização do ensino livre ao lado do official, gosando das mesmas vantagens e regalias e completando-se mutuamente; — nomeação dos docentes livres após exames com provas publicas; — promoção dos docentes a professores extraordinarios e destes, a ordinarios, por mere-

cimento; — direito de passagem de um professor de uma Faculdade para outra; — pagamento pelo Estado aos professores de vencimentos fixos; — pagamento de taxas de matricula por aula ou cadeira; — percepção por parte do professor das taxas de matricula pagas pelo estudante; — exames feitos pelo typo de madureza (*rigorosum* dos austriacos); — exames de estado; — emfim, o cunho eminentemente pratico e profissional impresso ao ensino superior.

Todas estas disposições são, a meu ver, essenciaes e vêm refundir completamente a nossa velha e decadente organização. Dentre ellas destaco desde já a que diz respeito ao professorado. Como V. Exa. não ignora, o candidato ao magisterio, entre nós, inicia a sua carreira por um concurso para o logar de substituto; é um concurso de secção em que o candidato deve exhibir conhecimentos de duas, tres ou quatro cadeiras. As provas são forçosamente difficéis, de sorte que o numero de concorrentes é sempre muito restricto e os juizes naturalmente dispostos á benevolencia. Conseguido o logar de substituto, o professor adquire o direito de ser promovido a cathedraes por antiguidade; falta-lhe, portanto, todo o estímulo, toda a emulação para o estudo e para a pesquisa scientifica; quando mais tarde sentado na cathedra, ainda menos estímulo tem para o trabalho, e a sua unica aspiração consiste em envelhecer para obter gratificações addicionaes e para jubilar-se, percebendo os mesmos vencimentos com os respectivos accrescimos, sem as amofinações do ensino e as exigencias do ponto. Os auxiliares do ensino são nomeados sem concurso e servem emquanto dispõem da confiança do lente. Com a nossa proverbial bondade e a ausencia completa de estímulo, elles perpetuam-se nos cargos, considerando-os como um achego e

procurando fóra do ensino os meios de subsistencia.

A organização allemã, que adoptei no plano da Universidade do Rio de Janeiro, é inteiramente diversa, e tem a indiscutivel vantagem de crear um estímulo perenne, uma emolucão salutar, que concorrerão por certo, não só para elevar o nível da instrução no nosso professorado, como também para fomentar a instituição de uma literatura scientifica brasileira. O moço candidato á profissão do magisterio começa como assistente de clinica ou de laboratorio; é nomeado por tres annos, findos os quaes poderá ser mantido no logar se tiver obtido por concurso uma livre docencia. Como docente, elle adquire o direito de fazer cursos livres remunerados e carece estudar e trabalhar para obter alumnos e constituir a bagagem scientifica que lhe garantirá a promoção a professor extraordinario. Como professor extraordinario, elle goza das vantagens das substituições temporarias, pôde ser incumbido da regencia de um curso equiparado aos officiaes. Ao mesmo tempo que é obrigado a estudar para elevar o nível do seu ensino e grangear alumnos, carece elle enriquecer a sua bagagem scientifica para, por meio della, disputar a promoção a professor ordinario. Alcançado este elevado ponto, persistem ainda o estímulo e a emulação: elle terá que soffrer a concorrencia dos cursos livres feitos por professores extraordinarios, e para sair victorioso della, precisa esforçar-se no sentido de melhorar o ensino; portanto, trabalhar e estudar.

Esta organização é, a meu ver, verdadeiramente idéal; ella foi aceita pela Austria, Suissa, Russia e Italia, e os professores francezes lamentam que a França não tenha querido ainda imital-a ou adoptal-a. Mas tal organização só é compativel, só pôde medrar com o ensino remunerado por parte do alumno. O es-

tudante, entre nós, paga o ensino secundario que recebe nos collegios e gymnasios; porque razão não ha de pagar o ensino superior? Porque motivo se lhe ha de dar o direito de ter bons professores, de fazer exercicios praticos em laboratorios e clinicas, de frequentar bibliothecas, etc., mediante uma insignificante taxa de matricula, perdebida pela Thesouro? Porque razão ha de o Thesouro ganhar esta taxa que, de direito, deve pertencer ao professor? Referindo-se a este assumpto, escreve ROGGERO BONGHI; «*In tute le Università del mondo, una volta messa la tassa d'iscrizione, questa resta al professore; solo il governo italiano meta la tassa e se la piglia.*» Devo acrescentar que o novo regulamento universitario italiano estabelece a retribuição do ensino superior por parte do alumno. DUBOIS REYMOND affirma que o systema dos estipendios fixos e das lições gratuitas «ameaça a independencia do professor e a liberdade do ensino. STEIN não hesita em declarar que com a suppressão dos honorarios dos cursos perigariam «toda a alta cultura scientifica e o futuro dos estudos na Austria.» Em 1876, esta questão dos honorarios dos cursos foi trazida ao tapete da discussão no Reichstag austriaco, a proposito de uma proposta de iniciativa parlamentar para a suppressão delles. Depois de longa discussão, o Reichstag regeitou por grande maioria a proposta, influenciado grandemente pelo notavel discurso do ministro UNGER; de facto, este demonstrou que a existencia e o brilho das universidades austriacas estavam em grande parte ligados ao systema dos honorarios, e que o Estado só tinha o dever de dar gratuitamente o ensino primario. Interessante a registrar é que os estudantes de Vienna, Praga e Gratz enviaram petições ao Parlamento solicitando a recusa da alludida proposta e a manutenção do ensino remunerado.

Não admira este procedimento dos estudantes austriacos, porquanto todos estão convencidos de que a remuneração dos cursos é o mais poderoso incentivo para a melhoria do ensino. Na Allemanha, os cursos retribuidos são muitissimo mais frequentados do que os cursos publicos gratuitos. Este facto funda-se em uma razão de elementar psychologia, segundo a qual o estudante, como todo aquelle que paga, quer usar de todos os direitos que o seu direito lhe garante e retirar o maior proveito. «*Introducete le tasse d'iscrizione,* disse ROGGERO BONGHI, «*e vededte quale luce nella mente il pagare de tasca propria.*»

Estabelecendo, como fiz, uma taxa modica para matricula em cada cadeira ou aula, inferior á adoptada hoje nas nossas faculdades livres, a remuneração do ensino não fica pesada ao alumno, e traz grandes vantagens, entre as quaes assignalarei; 1.^a Institue o ensino livre, que sem ella não poderia viver; 2.^a Melhora as condições financeiras do professorado official; 3.^a Mantem um estímulo constante entre os professores officiaes e livres, concorrendo para que todos se esmerem em attrahir maior numero de alumnos aos seus cursos e em aperfeiçoar a sua instrução.

— As universidades allemãs abrangem quatro Faculdades: de Theologia, de Jurisprudencia, de Medicina e de Philosophia. A Universidade italiana comprehende igualmente quatro Faculdades: de Sciencias physicas, naturaes e mathematicas; de Medicina; de Jurisprudencia; e de Philosophia e Letras. A Universidade de Paris comprehende: a Faculdade de Theologia protestante; a de Direito, a de Medicina, a de Sciencias, a de Letras, a Escola Superior de Pharmacia e a Escola Preparatoria de Medicina e Pharmacia de Rhems.

Neste particular, não podemos imitar nenhum dos paizes citados; a Universidade do Rio de Janeiro deve, a meu ver, abranger cinco Faculdades: a de Medicina; a de Jurisprudencia; a de Sciencias physicas e naturas; a de Mathematicas puras e Escola de Engenharia e a de Letras. Para fundir o ensino superior nos mesmos moldes, para que elle seja uniforme em todo o Brasil, penso que se deve, no actual momento, subordinar á Universidade do Rio de Janeiro as Faculdades officiaes da Bahia, Recife e S. Paulo.

Não são estes os unicos pontos do meu projecto que destóam das organizações europeas; muitas outras disposições delle são completamente novas e originaes, dictadas pelas condições muitissimo especiaes do nosso meio. Entre estas condições que tanto influíram sobre a organização do plano da Universidade do Rio de Janeiro, destacarei as seguintes:

1.^o Estado financeiro da União que não permite ao Governo Federal despender com o ensino superior mais do que gasta actualmente;

2.^o Estado de decadencia e inferioridade a que attingiu entre nós o ensino secundario, em virtude de causas multiplas, entre as quaes não são de somenos importancia as equiparações de collegios, e a benignidade apreguada dos exames em certos Estados, promovendo verdadeiras romarias de estudantes em busca de approvações facéis.

3.^o O funcionamento de Faculdades livres, mantidas pelos Estados ou por iniciativa particular, via de regra mal dirigidas e administradas, e nas quaes, com raras e honrosas excepções, o nível do ensino superior baixou extraordinariamente.

4.^o A interpretação dada por certos Estados do Brasil ao art. 72 da Constituição, no que diz respeito ao exercicio livre das profissões.

— Eu sou o primeiro a reconhecer que as condições financeiras do paiz não permitem actualmente, por parte do Governo Federal, um augmento, por menor que seja, das despesas com o ensino, e uma melhoria dos vencimentos do professorado, condições essas, a meu ver, essenciaes em uma reforma. Muito menos supportariam a criação de mais duas Faculdades no Rio de Janeiro. Ao organizar o plano da Universidade foi esta a minha preocupação dominante e acredito ter conseguido não só não acarretar o menor excesso de despezas por parte do cofres publicos, como ainda obter uma real economia que, si não é immediata, manifestar-se-á dentro de poucos annos. De facto, o Governo Federal despense actualmente, com as Faculdades e Institutos que vão ser incorporados á Universidade, a somma de 2.778:883\$000. Com a Universidade, organizada de accôrdo com o meu plano, a despeza geral por parte do Governo não excederá de... 2.300:000\$000. Fica, como V. Ex. vê, um saldo de 478.000\$000, que será destinado, nos primeiros tempos, ao pagamento de vencimentos e gratificações additionaes aos professores addidos, verba essa temporaria, destinada a desaparecer no fim de alguns annos com o aproveitamento ou o morte daquelles funcionarios.

Para conseguir tal orçamento, houve mister cortar fundo nas despesas feitas actualmente com o professorado, na parte que diz respeito ao numero de professores, e dotar a Universidade de um patrimonio, dispondo de numerosas fontes de renda.

O numero de lentes cathedaticos em nossas Faculdades é actualmente excessivo, muitissimo superior ao exigido pelas necessidades do ensino. As Faculdades de Medicina da Bahia e Rio de Janeiro contam para cada uma, 27 lentes cathedaticos. Na Faculdade de Berlim, considera-

da hoje como a melhor e a mais bem organizada do mundo, só existem 15 professores ordinarios. A nossa Escola Polytechnica tem 25 lentes cathedaticos; a de Berlim conta apenas 10 professores ordinarios; as nossas Faculdades de Direito têm 16 lentes cathedaticos cada uma; e a de Berlim só possui 12 professores ordinarios.

Na organização da Universidade do Rio de Janeiro, muitas cadeiras actualmente, fazendo parte da Faculdade de Medicina e da Escola Polytechnica, passarão para a nova Faculdade de sciencias physicas e naturaes, extinguindo-se d'est'arte as duplicatas actuaes. Outras cadeiras deverão ser supprimidas, outras fundidas e outras transformadas em cursos permanentes, regidos por professores extraordinarios. Assim procedendo, o total dos professores ordinarios das Faculdades, que ficam subordinadas á Universidade do Rio de Janeiro, será muito menor que o total dos lentes cathedaticos actualmente existentes no Gymnasio Nacional, nas Faculdades de Medicina da Bahia e Rio de Janeiro, nas Faculdades de Direito do Recife e S. Paulo, e na Escola Polytechnica, e isso sem embargo da criação de duas novas Faculdades, a de Jurisprudencia do Rio de Janeiro e a de Sciencias Physicas e Naturaes. Desta redução do numero de professores ordinarios advem uma economia para os cofres publicos.

Por outro lado, existem actualmente nas Faculdades de ensino superior 48 substitutos e 10 professores, percebendo cada um destes funcionarios um vencimento annual de... 4:200\$000, pagos pelo Thesouro. Na nova organização, o numero de professores extraordinarios, encarregados de cursos permanentes, será muito inferior a este, o que redundará em nova economia para os cofres publicos.

Os professores ordinarios de algumas faculdades perceberão vencimentos um pouco superiores aos actuaes; mas em compensação, o Governo não concederá mais gratificações additionaes, mantendo aquellas em cujo gozo se acharem os actuaes professores.

Ora, devo chamar a attenção de V. Ex.^a para estes accrescimos de vencimentos concedidos pelo Codigo do Ensino, que tendem sempre a crescer: o Governo já despense actualmente, em gratificações additionaes, a somma de 157:624\$000.

Actualmente, sr. Ministro, o Governo Federal gasta com vencimentos dos lentes cathedaticos, substitutos e dos professores, com gratificações dos directores das Faculdades, Escolas e Gymnasios, com gratificações dos additionaes a somma de 1.485:561\$600. Organizada a Universidade pelo meu plano, a despeza a fazer com vencimentos do reitor, dos directores, dos membros do Conselho Universitario, dos professores ordinarios, dos extraordinarios encarregados dos cursos permanentes, do secretario e thesoureiro da Universidade não excederá de..... 1.000:000\$. Com o material de laboratorios, museus e bibliothecas, aluguel de predios, vencimentos dos auxiliares do ensino, pessoal de secretarias, serventes, porteiros, etc., etc., despense actualmente o Governo a somma de 1.294:000\$000. E' justamente esta quantia que elle deverá continuar a dar á Universidade, a titulo de subvenção ao ensino superior.

Para o patrimonio da Universidade, eu procurei o maior numero possível de fontes de renda; algumas dentre ellas parecerão á primeira vista esdruxulas, como, por exemplo, a que se refere aos preparados pharmaceuticos. Devo, porém, advertir a V. Ex.^a que, em França, não é o Governo e sim a Academia de Me-

dicina que toma conhecimento das formulas das especialidades pharmaceuticas e approva-as. Não será pois extravagante que entre nós se commetta tal missão á Universidade. A renda do patrimonio, segundo os calculos muito pouco optimistas que faço, deve attingir no minimo á cifra de 300:000\$ por anno; esta quantia será applicada ao pagamento do pessoal da secretaria da Universidade e, em sua maior parte, a melhorar o material do ensino.

Verdade é que o Thesouro soffrerá um pequeno desfalque na sua renda, representada pelas matriculas dos estudantes, que deixará de perceber; em compensação, depois de constituída a Universidade, o Governo não despenderá mais quantia alguma com a conservação e seguros dos predios, com as obras e reparações, com os premios aos professores, e alumnos, com as viagens á Europa e com as verbas extraordinarias para laboratorios, etc., etc.

—As disposições do projecto concernentes ao ensino secundario são de ordem a reerguer o nivel deste ensino, imprimindo-lhe outra orientação e seriedade. Os programmas para o estudo de humanidades serão organizados pela Faculdade de Letras, na qual, ao lado do ensino official, haverá o ensino livre, como nas outras. A Universidade verificará as habilitações dos candidatos a exames de preparatorios no Districto Federal e nas capitais dos Estados. As mesas examinadoras para exames parcellados, serão organizadas pelo reitor, ao qual compete a fiscalisação dellas, por si directamente, ou por intermedio de delegados de sua inteira confiança. Com estas disposições, além de maior seriedade nos exames, advirá grande renda para a Universidade, proveniente das taxas de exames.

—A questão das Faculdades livres e do exercicio das profissões é ca-

balmenta resolvida, a meu ver, com a instituição do *exame de estado*, organizado pelo modelo allemão.

As Faculdades livres equiparadas poderão funcionar sem peias nem fiscalisação por parte do Governo; é-lhes facultado adoptarem a organisação que melhor lhes convenha; os diplomas, porém, e os titulos por ellas conferidos não gosarão de privilegios para o exercicio profissional.

Os diplomados por Faculdades e Escolas livres só poderão exercer a profissão no Brazil, depois de licenciados pela Universidade, após exame de estado. Igual exigencia será feita aos individuos não diplomados que queiram exercer entre nós uma das profissões liberaes. Fica, portanto, livre o exercicio das profissões no Brazil, independentemente de diplomas universitarios ou academicos, comtanto que o profissional demonstre perante um tribunal competente possuir as necessarias habilitações. Acredito que os mais intransigentes interpretadores do art. 72 da nossa Constituição, não hão de querer levar a sua intolerancia a ponto de se opporem a este exame. Assim como se exigem dos cocheiros, machinistas, pilotos, etc., provas de habilitação, não é de admirar se exija provem conhecimentos praticos aquelles que se propõem a tratar as molestias, a construir pontes, vias ferreas, etc.

Nesta rapida e perfunctoria exposiçào, acredito, sr. Ministro, ter alludido aos pontos capitaes do projecto que ora tenho a honra de submeter á douta apreciação de V. Ex.^a. Elle tem evidentemente muitos defeitos e senões; sobra, porém, em V. Ex.^a competencia bastante para corrigil-os e para transformar o modesto projecto em um plano bem architectado, digno de merecer a approvaçào do Congresso Nacional, e de produzir os effeitos que todos desejamos, isto é, a prosperidade real do ensino superior e a creação de uma literatura scientifica brazileira.

Si V. Ex.^a conseguir isso, como eu o espero, fará obra de grande benemerencia, e conquistará os applausos incondicionaes de todos quantos neste paiz se interessam ainda pelas cousas do ensino, vendo no desenvolvimento deste uma das mais firmes e essenciaes condições do progresso.

Tenho a honra de reiterar a V. Ex.^a os protestos da mais subida consideração.

Rio de Janeiro, 25 de Janeiro de 1903.

DR. A. A. DE AZEVEDO SODRÉ.

A S. Ex.^a o sr. Dr. J. J. Seabra, muito digno Ministro da Justiça e Negocios Interiores.

LITERATURA INFANTIL

HISTORIA DE UM GRILLO

Por uma luminosa e amena manhan, cheia do chilrear mavioso da passarada em festa, quando o claro e radiante sól sazouava com a luz d'oiro as sumarentas e appetitosas laranjas, andava um grillinho saltitando nas moitas vicejantes e frescas em busca do que comer.

Depois de muito saltitar sobre a macia alcatifa de um verde profundo de esmeralda, o grillinho, sentindo-se cansado, foi abrigar-se á doce sombra de uma grande roseira toda coberta de cheirosas rosas e de brilhante sól, o qual alli medrava cheia de seiva e perfume sob aquelle delicioso céu de um azul tão polido...

Encontrando-se debaixo daquella perfumada cupula de rosas, cujo suave aroma aspirava com prazer, o nosso grillinho poz-se a meditar.

O triste grillinho não andava lá muito contente da vida que Deus lhe déra — vida attribulada, em que os dissabores punham no chinello as venturas.

Vivia sorumbatico, mirrado de tristezas, o desditoso grillinho, que se julgava o mais desgraçado dos grillos neste doloroso valle de lagrymas.

O pae — um grillo pançudo e rabugento — trazia-o de canto chora-

do: á menor falta era o pobresito mimoseado com severos castigos, que até lhe tiravam a vontade de comer e saltar.

Aquillo era lá vida!

Nunca conhecera os blandiciosos e inegalaveis carinhos de um terno coração de mãe — ficára orphan em tenra idade.

A mãe tivera o corpo esmigalhado sob o tremendo peso de um formidavel tamanco, certa occasião em que, procurando migalhas, entrára sorrateiramente, em companhia do marido, no soturno cazebre de uns camponios.

*
**

O pae lhe contára, todo choroso e suffocado de saudosos suspiros, o lugubre fim de sua desventurada mãe.

Em noite negra de trevas haviam conseguido entrar naquella aziaga choupana, passando atravez de uma frincha da carunchosa e decrepita porta, que deitava para o solitario campo.

Os dous grillos, depois de verificarem pelo forte roncar, que os camponezes dormiam a somno solto, foram saltando até á cozinha, onde esperavam fazer optima provisào de migalha abundante.

De facto encontraram a granél o que procuravam.

Satisfeitos do feliz achado, saltando de contentes, os grillos — esquecendo ambos o perigo que corriam —

abriram as guellas e começaram num estridular continuo de agudos *cri-cri*, que não tardaram a despertar os habitantes da choupana.

O camponio, furioso de haver sido acordado no melhor do somno, quando sonhava com a opulencia da sua proxima colheita de café, que elle venderia — em sonho, bem entendido — pelo invejavel preço de 14\$000 a arroba, o camponio levantou-se com a sinistra intenção de dar cabo daquelles hospedes importunos, daquelles intruzos que o arancaram de perspectiva tão seductora...

E, tanto elle como a mulher, puzeram-se em pé de guerra.

Ella — empunhando a velha e fumarenta candeia de cobre, elle cheio de coragem, carapuça enterrada até ás grandes orelhas, armado de um enorme tamanco, sahiram de sobre-cenho terrível á procura dos pobres grillos, que, ao vê-los, tremiam como varas verdes cosidas a uma das ennegrecidas paredes da cosinha.

Travou-se a lucta.

Nella tambem tomou parte activa o *Repólho*, um nédio e branco bichano, que, vendo os amos, saltára do borrarho alongando as aguçadas unhas.

Foi um reboliço medonho; a cozinha, ainda ha pouco mergulhada em livido silencio, transformou-se em estranha arêna de porfiado combate.

Depois de uma lucta sem treguas, quando já tinham sido vasculhados todos os cantos, o pae Thomaz — assim se chamava o camponio — soltou uma exclamação de alegria:

— «Achei-os!... Cá estão elles! Ah! *seus* biltres... esperem ahi que nunca mais vocês terão o desaforo de cortar o somno de christãos! Venham fazer mais serenatas, marôtos! Tomem lá...»

E — paft! — o irado pae Thomaz abateu com ira o peso do seu pesado tamanco sobre o canto, onde encontrára os grillos.

O pae do grillinho, ao ser desferido o terrível golpe, pôde desviar-se a tempo, saltando a bom saltar até á porta da cozinha, onde, esgueirando-se por uma fenda, conseguiu escapar, agodando então os pulos em rumo da moita, que nunca mais abrigaria a sua desgraçada companheira.

Lá ficára a desventurada com o corpito esmigalhado sob o tamanco do velho pae Thomaz.

*
**

E o triste grillinho, recordando-se do doloroso episodio, ainda mais triste ficára alli sob a cupula de rosas...

Desde o tragico successo o grillinho, que então começava a ensaiar os primeiros saltos, começou a sentir os mais rudes tratos, passando dias sem conta, longe do pae, que, cada vez mais melancolico, lá se deixava ficar encolhido em alguma solitaria tóca, ralando-se de saudade...

Passados annos, quando mais crescido ficou, sahia elle mesmo, ao lusco-fusco, pelo campo afóra a tratar da vida...

Como manquejasse de uma perna, servia de risota aos outros grillos que o perseguiram com as mais grosseiras chufas.

Vivia solitario.

A' hora do crepusculo, em que todos os seus semelhantes folgavam e saltavam, o nosso heroe na quietude do seu remansado tugurio contemplava, absorto, o pharól azul dos irrequietos vagalumes.

Assim scismando, o grillinho viu a esvoaçar no azul do céu uma linda borboleta azul.

Teve inveja do brilhante insecto, que recebera da natureza tão preciosos dons.

E dizia:

— «Quem me dera ser aquella formosa borboleta, que pelos largos es-

paços vôa, ostentando as scintillantes côres á luz do sól e osculando as mais mimosas flôres que esmaltam os verdes campos! Ai, quem me dera! Bem diverso é o meu viver... Sempre occulto naservas rasteiras, acotovelo-me com os mais abjectos e esqualidos animaes... Estou condemnado á eterna obscuridade! Quão venturoso seria si fôra aquella borboleta!»

O grillinho foi interrompido nos ambiciosos devaneios pelo rumor de passos, que se dirigiam para o logar onde se achava.

Mal se firmando sobre as pernas esguias, todo elle a tremer, viu um homem gordalhudo, de largo chapéu de palha á cabeça, que trazia numa das mãos uma cesta propria á caça das borboletas.

O tal sujeito — bem mal encarado era elle — andava mesmo com os arregalados olhos espetados no ar, onde, descuidada, palpitava a garrida borboleta, que logo foi vista por elle.

— «Que linda ella é! exclamou. Que achado! Tenhamos cautela em não a deixar escapar... Estás ahi, minha formosa, estás segura! Olé!»

E, empunhando a vara da cesta, começou a perseguir a borboleta.

O grillo, o nosso velho conhecido, não tugia nem mugia...

O homem — um apaixonado colleccionador entomologico — corria sem descanço; saltava aqui, abaixava-se acolá, embrenhava-se mais adeante, procurando prender a borboleta, que naquelle brando esvoaçar mal podia fugir do perigo imminente.

Tudo foi debalde: a pobre borboleta perseguida, exauridas as debeis forças, viu-se logo presa na traiçoeira cesta.

O caçador, todo esbaforido, tomou delicadamente entre os dedos a bella prisioneira, contemplou-a com olhos de conhecedor e, esboçando um sorriso de satisfação, disse:

— «Bellissima! E de especie rara, muito rara! Está perfeita! Vamos agora fazer-lhe o primeiro ornamento...»

E, sentando-se junto da roseira — sob a qual o grillo estava mais morto do que vivo — abriu uma bojuda caixa que trazia a tiracollo e, tomando um respeitavel e cabeçudo alfinete, traspassou o corpo da misera captiva que, em dolorosas convulsões, agitava as azas tão azues.

Em seguida, tendo trancafiado a borboleta na caixa, o caçador poz-se a caminho, trauteando alegre cantiga.

E o grillinho? Que foi feito d'elle?

O pobresito, ao ver o martyrio da desditosa borboleta, quasi perdeu os sentidos — nunca vira espectáculo tão barbaro!

Sómente criou alma nova, quando viu o vulto do perverso caçador sumir-se ao longe, na volta da larga estrada banhada de sol.

Nada de brilhantes grandezas e seductoras pompas! disse elle. Muito custam a quem as possuem... Sómente agora posso avaliar quanto sou feliz na mediocridade em que vivo.

Desde então o grillinho, livre da peçonha da inveja, viveu feliz e contente, e, ao crepusculo, fazia côro com os companheiros no estridular dos agudos *cri-cri*...

THEODORO DE MORAES.

DIVAGAÇÃO

O espirito demora no cerebro, a alma no coração. O espirito é, ás vezes, o gladio que fulmina; mas a alma é sempre o seio que abriga, a bocca que acalenta e blandicia. O espirito pôde ser a luz que cega e que tonteia, mas a alma é a luz que vivifica, que consola. O espirito con-

duz ao pranto, a alma leva ao sorriso. O espirito soergue ao cadafalso, a alma inventa o perdão. São grandes as elaborações do espirito, sacrosantas as elaborações da alma. O espirito dá os traços, a alma o colorido. E jámais são bellos e sublimes os productos do espirito, desde que lhes falte a doçura, os encantos da alma. Isto quer dizer que o cerebro deve caminhar com o coração. Olhar que condemna, com o carinho mais de prompto é obedecido, e a obediencia, em taes casos, não é uma humilhação, é um dever suave, uma acção dulçorosa do affecto.

O castigo que se recebe com justiça, pelo amor, doe muito mais e se sente muito menos, e seu resultado é mais duradouro, mais efficaç, mais benefico.

O odio cega a razão; o amor alenta a propria intuição.

Si Tiradentes houvesse articulado do patibulo um vocabulo de rancor e de vingança, poderia ter alcançado a celebridade, mas nunca a immortalidade. Dahi a excellencia da alma sobre o espirito.

Os cadaveres amigos ou inimigos que ficam juncando o campo onde se peleja pelo bem, não merecem lagrimas de piedade, porque os primeiros morrem na gloria, os segundos salvam-se da ignominia: têm em si uma recompensa posthuma.

O espirito chega até á razão; a alma vae além da intuição. O crente vê além dos astros: o crente é maior que o astronomico. A prece é mais penetrante que o telescopio. Mais vence um labio com expressão de supplica que uma peça demosthenica.

A razão póde alcançar a heroiçidade, mas a fé vae além, alcança o martyrio, a immortalidade.

J. PAIXÃO.

Quarto Anno

Vejo prestes a findar
A dura tarefa nossa.
Acaso haverá quem possa
Dizer o que sente agora?
Entre o prazer da victoria
E a esperança da gloria
O coração triste chora!

Sinto o prazer do triumpho
Que o futuro me assegura;
Mas, que vale essa ventura
Sentindo varar-me o seio,
Da saudade o duro espinho?
Que importa floreo caminho
Quando a dor vem de permeio?

Mas inda que a sorte insana
Me conduza a um outro mundo,
Ficac certas que no fundo
De meu triste coração,
Vos conservarei constante
A mais terna gratidão

Adeus, collegas! Findou-se
Nossa doce convivencia...
Nos chama nova existencia!...
Mas ao quebrar este laço,
Que quatro annos nos uniu,
Recebei, em despedida,
Desta collega, um—abraço.

São Paulo, Dezembro de 1903.

CORTEZ FRANCO.

Devaneio

INÉDITA

Nuvem mimosa que corre
Tão sósinha pelos ares!
Porque não desces, não vens
Ameigar os meus pezares?

Contos a Elza

III

CONTO DO NATAL

Foi numa noite de Natal, cheia de luar, que Elza nasceu. Nesse dia em que fazia, portanto, seus oito annos, ella estava adoravel! De tanto brincar ao sol, tinha já os cabellos louros e os olhos doces e azues como o céu do Brazil; em seus labiosinhos rubros parecia a gente ver o vermelho vivo dos botões das rosas, quando reben-tam em flôr, no tempo da primavera.

A manhã estava magnifica e o firmamento limpo de nuvens nesse bello dia de Natal.

Logo cedo, Elza recebeu a visita das primas; exigiu então que lhe vestissem seu lindo vestido azul-celeste —um presente da mamãe—que tinha a mesma côr da camisola do Menino Deus, num presepe antigo que ella vira, com a differença que o della não era semeado de estrelinhas porque não fora feito de um retalho do céu, como o do pequenino Christo.

O papae voltou da cidade trazendo-lhe um porção de cousas: caixas com biscoutos, cartuchos dourados atufados de doces, uns *bombons* deliciosos como assucar...

Elza repartiu tudo com as primas e, depois, as meninas foram brincar. Inventaram os divertimentos mais exquisitos, havendo até o baptisado de uma grande boneca de *biscuit* que Elza ganhara.

Como não apparecesse um *compadre* e todas fizessem questão de ser a *comadre*, o resultado foi a boneca ficar sem *padrinho*, e afilhada de cinco *madrinhas*!

Os convidados riram-se muito, inclusive o *padre*, que presidiu a esta

Estrella que longe brilha
Nos seios da cerração,
Porque não desces, não vens
Consolar meu coração?

Brisa odorosa da tarde
Que embalas a flôr do rio,
Porque não levas minh'alma
Envolta no teu cicio?

Correm as nuvens douradas
Pelo fagueiro arrebol,
Mas para o triste que chora
Não ha perfumes, nem sol.

Brilham os astros suspensos
Pela bafagem de Deus;
Mas para o triste proscripto
Não ha luzeiros nos céus.

Longe da patria que adora,
Embalde procura ventura;
Nos dias idos e vindos
Só vê perenne amargura.

Eu sou como a flôr que morre
Por falta de viração;
Sou como o pobre proscrito,
Perdido na cerração.

Hontem na infancia eu sorria,
Sorria ás mimosas flôres;
Hoje a descrença invadiu-me,
Da vida nos vãos fulgores.

Embalde pergunto ao vento
Se ha flôres na soledade;
O vento lá foge, vóa,
Se perde na escuridade!

Embalde procuro em risos
Fazer reviver minh'alma!
Meu éstro se curva triste,
Dos mortos beijando a palma!

Eu sou como a flôr que morre
Por falta de viração;
Sou como o pobre proscripto,
Perdido na cerração.

MAJOR DR. MENEZES.

ceremonia engraçada; e assim, entre risos e folguedos, se passou o dia inteiro de Natal.

No meio disso, porém, uma idéa preocupava a cabecinha de Elza. Tinha-lhe vindo á lembrança o que a vovó lhe contara um dia, por occasião de uma festa e de uma arvore de Natal.

Boa velhinha, a vovósinha de Elza! Ella mesma contava que, quando o relógio batia as doze pancadas da meia-noite, no Natal, o Menino Jesus descia lá do céu, entre um côro de anjos, e o bando entrava pelas chaminés das casas e enchia de doces os sapatinhos que as creanças tivessem o cuidado de collocar sobre os fogões dos lares. O Menino Deus vinha com uma corôa de luz na cabeça, e os anjos traziam nos hombros, duas grandes azas de plumas!...

O crepusculo cerrou suas cortinas e a noite desceu vagarosamente. Mal as luzes do salão se accenderam nos lustres, Elza, fugindo das primas, correu ao seu quarto e, sem que ninguem a visse, tirou debaixo da cama seus pequeninos pantufos de seda. Depois, pé ante pé, foi á cozinha, até perto do fogão.

Lá estavam os sapatinhos do Dodô, pequenos já para os pésinhos gordos do pequerrucho.

Elza afastou-os e com cautela pôz as suas queridas chinellinhas. Teve medo! Nesse instante o fogo crepitava com força nas achas de lenha do fogão.

A menina, com o susto, foi até á porta espiar o silencio do quintal. A noite estava lindissima! O luar filtrava-se pelas folhas das arvores e fazia rendas no chão. Tapetes de luz forravam todo o quintal e, lá fóra, as

calçadas das ruas. As estrellas brilhavam muito e as pleiadas pareciam, além, um punhado de diamantes.

Uma violante nocturna chorava, ao longe, como a saudade.

Elza levou bastante tempo olhando o céu e mirando as nuvens que pareciam véos de gaze branca a cobrir, ás vezes, o disco da lua.

A menina queria ver chegar o Menino Deus; por isso, foi-se esconder atraz da porta do corredor e alli permaneceu, a espreitar por uma fenda.

Estava, ássim, quando viu um clarão forte illuminar a cozinha toda.

Encolheu-se, com receio de ver: devia serem os anjos!

— Oh! ia vel-os, e descerrou os olhos fechados, mas... tudo estava outra vez no escuro...

Elza precipitou-se para o fogão e — que horror! o fogo queimara as suas chinellinhas. Fóra ella a unica culpada, porque as puzera bem perto delle no que fizera grande mal!

A menina quasi chorou de raiva e, voltando ao seu quarto, deitou-se na cama, mesmo vestida, escondendo o rosto no travesseiro, que ella molhou com as suas lagrimas!

Assim ficou até que uma sonolencia pesou-lhe, como chumbo, nas palpebras e fel-a dormir. Accordou em sobresalto quando, da parede da sala de jantar, o relógio bateu compassadamente meia-noite.

Ella prestou attenção; pareceu-lhe ouvir, no corredor, um *ruge-ruge*, como o que faz um vestido de seda, e percebeu tambem um vulto passar para a cozinha... Seria a hora?

Elza teve uma suspeita e foi apressadamente á cozinha.

— Oh! surpresa! Os sapatinhos de Dodô estavam cheios de *bombons* finissimos, como sem custo poudes vêr!

E' que o Menino Deus viera...

— Deyem estar como mel! disse a menina já com a bocca cheia d'agua e com vontade de comel-os.

— Delicioso! continuou ella, atrevendo-se a segurar um na pontinha de seus dedos rosados e dando um estalosinho com a lingua. Vou comer este e Dodô não saberá; e levou-o á bocca e achou-o doce como assucar!

— Agora os outros ficaram com inveja do companheirinho que está passeando na minha bocca. Esperem um pouquinho, dizia Elza, conversando com os confeitos, tenho uma bocca pequena e não posso comer vocês todos de uma vez!

Parece que os confeitos gostaram tanto da bocca da menina que lá foram entrando e deixaram os sapatinhos vazios.

— Bonito! disse Elza, quando não havia mais nenhum, o Dodô vae zangar-se com os senhores confeitos; eu não tenho a culpa!

Nisto um barulho ouviu-se no quintal; a porta, que estava cerrada, abriu-se e a cozinha ficou num deslumbramento; alguém então appareceu: era a mamãe!

O corpinho de Elza estremeceu todo e a mamãe, meio assustada, sorriu.

— Que tens, filhinha, disse, ao ver que Elza naquella logar, aquella hora, estava pallida, da côr do luar.

— Nada, mamãesinha! E' uma historiasinha que eu vou contar-te: aqui entrou uma menina que tinha muita vontade de comer confeitos. Dodô tinha-os porque seus sapatinhos estavam cheios. Dei-lhe um, e como não ficasse contente, dei-lhe outro, outro, todos... Não fiz mal, mamãe?

— Não. E posso saber quem era essa meninasinha gulosa?

Elza respondeu ingenuamente.

— Era eu mesma, mamãe!

A boa senhora achou tamanha graça naquillo e cheia de tanta seducção a imagem da filhinha, assim, com seus labios crespos por um sorriso e suas pupillas ceruleas, que a apertou de encontro ao coração como a melhor prenda de Natal que Deus lhe dera!...

ANTONIO PEIXOTO.

CANÇÃO

Dormi, travessas creancinhas;
Já estão dormindo as andorinhas!
Além o sol deitou-se.
Dormi, dormi uns somnos leves;
São no verão as noites breves
De uma calma tão doce!

Dormi, dormi, que a noite veio;
Dormi sem medo, sem receio,
Em vosso meigo asylo!
Dormi, dormi, que a passarada
Dará o signal da madrugada
Com melodioso trilo.

Dormi no leito perfumado,
No seio puro, idolatrado,
Do lar amigo e terno.
Por nós constantemente vela,
Como no céu brilhante estrella,
O santo amor materno.

Dormi, travessas creancinhas;
Já estão dormindo as andorinhas!
Além o sol deitou-se.
Dormi, dormi, uns somnos leves;
São no verão as noites breves,
De uma calma tão doce!

R. PUIGGARI.

(Do 2.º livro da—*Série Puiggari-Barreto*.)

FABULA DE FLORIAN

(Traducção livre)

(INEDITA)

Tinha um esquilo, por amigo, um cão,
um lindo cão de caça.
Como a Orestes e Pylades, enlaça
esses dois seres uma estreita união.

Sahiram a viajar um certo dia.
Num bosque a noite alcança-os de improviso,
E como não houvesse hospedaria,
na qual fizessem pouso, foi preciso,
após muito trabalho,
metter-se o cão no ôco dum carvalho,
e, nos ramos, o esquilo achar abrigo.

Algum tempo depois que o par amigo,
cançado da pernada,
já se entregára aos braços de Morpheu,
uma astuta raposa esfomeada
alli appareceu.
Levantando o focinho para o ar,
lá sobre os ramos avistou o esquilo,
e, logo, aquillo
cheirou-lhe a bom jantar...

Mas, emprezas, como esta,
rendosas, têm escolhos...
Ella só devorou-o... com os olhos;
e, com a lingua, só lambeu... a testa!

Mas, como aquillo, que ella cubiçava,
lá, sobre os ramos, bem seguro estava,
sobreveiu-lhe á idéa um bom recurso,
e, então, fez ao esquilo este discurso:

«Desculpai-me, senhor, minha ousadia
de interromper o vosso somno agora;
mas não posso conter tanta alegria,
que me ri n'alma e ao mesmo tempo chora;
Meu senhor, escutai,

Vós sois meu primo-irmão!
Vossa mãe, que Deus tenha em protecção
Era uma irmã de meu defunto pae.
Morrendo, o honrado velho encomendou-me
que procurasse o primo,
e me fez prometter, por santo nome,
que eu vos daria protecção e arrimo,
vos dando, ao mesmo passo,
a metade dos bens de minha herança!
Vinde, pois, meu irmão, e que um abraço
Solemnise este encontro, esta alliança.
Si eu pudéra subir aonde estaes,
já vos déra os abraços fraternaes.»

Porém o esquilo, que não era idiota,
deixou-a *desfiar o seu rosario*,
e, percebendo que era *falsa a nota*,
não cahiu nesse *conto do vigario*,
(Não, que os esquilos nunca foram parvos!)
e logo respondeu deste teor:

«Acredita-me, senhora, o que vos digo:
Morro de impaciencia para dar-vos
abraços mil de fraternal amor;
mas, primeiro, queria
apresentar-vos um fiel amigo,
que me segue des do primeiro dia.
Elle está a dormir ali nesse ôco...
Batei um pouco,
que, penso, gostareis de conhecê-lo.»

A raposa deixou-se lograr pelo
esquilo, e foi bater,
Cuidando, não um só, mas dous comer.
Porém, o cão fiel
cahiu sobre ella, rapido, ligeiro,
e fez-lhe tal qual faz um cosinheiro
á carne, com que vai encher pastel!

Do exposto se conclue que na amizade
tem alicerces a felicidade;
e o espirito subtil ás vezes pilha
fazer cahir o armante na armadilha.

RENÉ BARRETO.

(Do 3.º livro da—*Série Puiggari*—Barreto.)

SALVAÇÃO DE LYGIA

Do « *Quo Vadis?* »

(INÉDITA)

O grande e bello circo ao qual a turba vae
 Buscar o vil prazer das almas sem nobreza
 Num momento se encheu. De Roma o fero Pae
 Quiz se fazer notar co'uma outra cruda empreza
 Lançando mil christãos por sobre a arena vasta.
 Abraçados á cruz numa oração ardente
 Pedem graças a Deus p'ra Nero que devasta
 Seu rebanho fiel com furias de um demente.
 As feras são brutaes. As carnes em pedaços
 Dos corpos semi-nús dos miseros christãos
 Palpitam pelo circo, emquanto d'outros paços
 Vão sahindo animaes a rōgo dos pagãos.
 A plebe exulta e grita ante o quadro feroz ;
 E ao ver correr um sangue assim tão nobre e puro,
 Abre os labios boçaes e ri dos bons héroes
 P'ra os quaes a Terra é lodo immensamente impuro.
 E' temeroso o chão da grande arena bruta
 Em que a vida se esvae com lancinante grita.
 Aqui vê-se a cerviz, que se cortou na lucta,
 Ali um braço solto, um corpo que se agita.
 Ante a scena de horror, que se desdobra ali
 Levantam-se febris mil sensações extranhas!
 Lá é uma terna mãe a se olvidar de si
 Pelo filho gentil, que trouxe nas entranhas.
 Esplendida, feraz, extremamente forte,
 Asquerosa panthera arranca-lh'o do collo,
 Sem que ella, a propria mãe, possa livral-o á morte:
 Pesada a pata cae e o esmaga contra o solo.
 Ouviu-se de repente um fremito no espaço.
 Vagoroso, pujante avança um selvo touro,
 Tendo aos córnos atada em forte e rude laço
 Virgem nua de coma a desfazer-se em ouro.
 Brada alguem nesse instante: « Um milagre, meu Deus »
 « Para Lygia, coitada, a tua ovelha pura ! »
 « Dai-me forças brutaes ; fazei que os braços meus »
 « Não deixem profanar dos anjos a feitura ! »
 Eis para o touro corre, a respirar vibrante,
 Um christão colossal de grandes formas bellas,
 Que, depois de medir esse animal gigante,
 Busca as pontas prender-lhe ás suas mãos singellas.

Embalde o touro quer com um supremo arranco
 Livrar-se ao ferreo braço audaz d'esse colosso.
 No solo enterra os pés; encolhe o bruto flanco :
 O gigante o subjuga e torce-lhe o pescoço.
 Domina a turba toda um tal silencio mudo
 Que uma penna tombando ali pudara ouvir-se.
 Emtanto o Imperador, naquelle instante agudo,
 Concentra o seu olhar, procura divertir-se.
 Quizera vêr rasgar em postas sanguinosas
 O corpo esculptural que o touro martyriza.
 Repasta a vista vil nas carnes unctuosas
 Que a excelsa belleza em curvas divinisa.
 Dir-se-ia que Deus, o Deus elemente e forte
 Correndo lá dos céos ao procere christão,
 Qual um bloco o tornou p'ra resistir á morte
 Que o touro espumejante ali lhe busca em vão.
 Do hercules sem par a pelle se enrubescce,
 Emquanto vê-se a fera aos poucos ir vergando
 Sob a força estupenda. Ali ficar parece
 Um grupo a combater de bronze se formando.
 Crispando as rudes mãos num esforçar ingente,
 Num derradeiro arranco a rola pelo chão,
 Emquanto boccas mil, num delirar fremente,
 Impoem que p'ra esses douz o Cesar dê perdão.
 Esse aborto cruel, que Roma vê reinar,
 Como a affronta mais vil ao seu passado altivo
 Não sabe que fazer. Sentê-se intimidar
 Ante o ruido geral. Seu rosto vingativo,
 Indeciso, nojento, acobardado, horrivel,
 Revela pelo olhar, embaciado e duro,
 Que seu peito feroz jamais foi susceptivel
 D'um sentimento nobre, um sentimento puro.
 Mas, vendo a multidão, que clama e se ennovela,
 Como as vagas rebeis de um tenebroso mar,
 Que se levanta aos céos em horrida procella,
 Batendo a nivea praia em doudo ribombar,
 Receia ali perder o throno que envilece.
 O dedo levantou, transfigurado e fero,
 P'ra quem a turba mostra assim tanto interesse.
 E um Nero rancoroso, um Nero inda mais Nero
 Dum lado dá perdão, mas d'outro manda a guarda
 Pregar cada christão nos braços de uma cruz
 Levantada ao jardim: que em rubras chammas arda
 A carne dos heroes, que morrem por Jesus.

FRANCISCO FURTADO MENDES VIANNA.

CRITICA SOBRE TRABALHOS ESCOLARES

A proposito da Arithmetica dos Principiantes

APUROS DO SR. BUARQUE!

Preso num circulo, de onde não mais podia escapar-se com hombridade, relativamente á questãõ que foi o proprio a provocar, o sr. Cyridião Buarque procurou justamente o estratagemã dos vencidos sem nobreza: tergiversou e me insultou desabridamente!

Bem está. *Digitus gigans!*

Mas essa sua descriteriosa acção, nem o percebeu s. s., foi a prova mais frisante da sua fraqueza e incompetencia no que diz respeito á processologia do ensino de arithmetica.

Eu devia, pois, terminar aqui, porque é descaridoso um homem tripudiar sobre o adversario prostrado! Mas, em vista da deslealdade commettida, isolando um trecho da opinião de Mc. Lellan e Dewey, por mim citada, afim de fazer crêr aos leitores da *Educação* que eu me havia ferido nas proprias armas com que prosteio meu engraçado adversario, sou obrigado a alongar-me ainda neste artigo,—o ultimo, declaro, que assim m'o exige um pedido de amizade do illustre Dr. Oscar Thompson.

Reporto os meus leitores para a opinião de Mc. Lellan e Dewey, exarada no numero passado da *Revista*.

Quereis saber agora o que fez o sr. Buarque?

Lêde:

«Ora MacLellan e Dewey (liv. cit.) que o sr. Arnaldo citou inconscientemente e nós reproduziremos no proprio texto da traducção hespanhola, analysa ali exactamente o methodo anterior a Grube e o deste auctor—*el método de enseñar el número exclusivamente como una colección de simbolos e el método de considerarlo como propiedad directa de los objectos.* (REVISTA DE ENSINO PAG. 1161).

Citados sempre pelo sr. Arnaldo, em favor da sua opinião, e na realidade contra ella, concluem MacLellan e Dewey:

— *Ambos métodos adolecen de algún error fundamental psicológico. Descuidan el hecho de que el número surge en y por medio de l'actividad de la inteligencia em relación con los objectos.*

Percebestes o trocadilho?! Era o caso de dizer, como aquelle sargento do *Quasi!*

Não, sr. Buarque, não foi isso o que affirmaram os dous pedagogistas americanos.

Elles disseram, sim, que, não obstante os dous methodos (o subjectivo, do sr. Buarque e Thiré; e o objectivo de Grube, Parker e Arnaldo Barreto) serem baseados sobre um erro fundamental de psychologia,

«o methodo objectivo, praticamente hablando, es el mejor de los dos sistemas;

«faz com que os alumnos formen una idéa exacta del numero y de las operaciones numericas efectuadas»; que o methodo preconizado pelo sr. Cyridião,

«és poco más que una manipulacion ciega de los simbolos numericos; que os alumnos ficam sabendo «muy poco de lo que las cifras representan, y menos aun de lo que representan las operaciones;

«que no presta atencion al uso reflexivo y sistematico de los objectos. Enaltece los simbolos sin enseñar lo que esos simbolos son, dejando la comprension de sus signos á la eventualidad de una esperiencia futura, construyendo una ciencia sobre abstracciones vacias:

«que la génesis natural y el uso reflexivo del numero se desconocen y, como resultado de esto, el metodo es mecanico y artificial. Subordina el sentido al simbolo;

e que, finalmente, «ningún professor de empuje lo defiende: todos lo condenan»!

Deante destas conclusões, dou licença ao sr. Buarque para transcrever este artigo na sua *Educação*, e para continuar a chamar-me inconsciente!

Perante os seiscentos e tantos professores, ex-alumnos do sr. Buarque, que leem a *Revista*, é que não sei como será julgado o professor de Pedagogia da Escola Normal de S. Paulo.

Em conclusãõ: O sr. Buarque precisa confessar-se, penitenciar-se, benzer-se. Ha um qualquer demonio a roer-lhe o figado, e a tornal-o incoherente com os dictames do verdadeiro educador!

Cure-se, sr. Buarque, afim de não se transformar em pyrrho... nico!

E não truque mais de falso, porque eu, que estou com o quatro-páus, gritarei snrs... e aqui d'el-rei!

S. s. empurrou-me Harris para desfazer o methodo Parker. Escudou-

se na primeira autoridade pedagogica hodierna, para dar a entender que o methodo do herdeiro do nome de Horacio Mann fôra mal inspirado.

Reptei—o para dizer como e de que modo Harris o condemnára.

Que me respondeu s. s.?

Nada; formalizou-se e zangou-se.

Ahi está. Mas fez mal.

Fez mal porque eu estava para dizer-lhe que o livro de Parker, intitulado *Talks on teaching*, fôra qualificado pelo dr. Harris de—*livro de ouro!* Mas já agora não digo, e s. s. ha de ficar ignorando mais isso...

Deduzi, desde o começo desta questãõ, do que agora me certifiquei plenamente, pela leitura do artigo do sr. Buarque e das cartas dos srs. Armstrong e Thiré, no ultimo numero da *Educação*, que o que elles queriam era representar a scena dos *Tres Jacarés... das Nações!*

Deu-lhes, meio serio, uns beliscões.

Fugiram, afinal:

O *jacaré* inglez, dizendo que não tinha tempo para a discussãõ, não obstante tel-a provocado;

O *jacaré* francez, dizendo que de tudo o que mais gostára e gosára, fôra das minhas perolas;

E o *jacaré* ultimo... do modo por que se viu!...

Pasce sepultis!

A's muitas pessoas e collegas, que me felicitarã pela victoria que alcancei sobre esta questãõ, os meus agradecimentos sinceros, e mil desculpas por não poder publicar as suas cartas gentilissimas, e cheias de entusiasmo pela educaçãõ da infancia paulista.

Para corresponder á benevolencia manifestada, do proximo numero da *Revista*, iniciarei a publicaçãõ de lições praticas de Arithmetica para os tres primeiros annos preliminares, adoptando e ampliando o que já existe feito de melhor sobre o assumpto.

ARNALDO O. BARRETO.

VIAGEM AO ARAGUAYA

Encadernada em elegante volume, recebemos a conhecida obra do general Couto de Magalhães, cuidadosamente reeditada pelos srs. José Couto de Magalhães e dr. Couto de Magalhães Sobrinho.

Além da narração pittoresca dos episódios dessa viagem — assumpto principal do livro — ha nelle largas considerações sobre o futuro da navegação do Araguaya, com additamento de informações sobre outros rios do Brazil, roteiro para as lendarias minas de Araéz etc.

A reproducção deste livro representa um grande serviço prestado ás letras patrias; e neste assérto não váe a minima hyperbole.

As paizagens traçadas na *Viagem ao Araguaya* são vividas. Só podia traçal-as quem recebeu, como o general Couto de Magalhães, a impressão dos largos panoramas da nossa terra; quem ouviu, como elle, o fragor das nossas cataractas, e perlustrou os alcantís das nossas cordilheiras.

Lendo as paginas daquella singela *Odysséa*, paginas alinhavadas sobre os joelhos, sem a menor preocupação de estylo, experimenta a gente uma sensação de indefinida saudade, a mesma que assalta o viajante *escoteiro*, quando, em dias nublados, atravessa os amplos descampados, cobertos de palmeiras esguias e cujo silencio só é cortado, de longe em longe, pelo piar monotonico da perdiz erradia...

Será preciso a guma cousa mais de que este poder suggestivo para demonstrar que aquelles quadros são nossos, são genuinamente brasileiros?

E ahí é que está o merito da obra do general Couto de Magalhães: elle viu, impressionou-se e traduziu com fidelidade as suas impressões.

A nossa literatura é pauperrima no que diz respeito á narração de viagens ou expedições sertanejas, mesmo porque taes expedições são hoje raras, á falta de incentivos.

Os poucos escriptores que se interessam por este estudo dos quadros e costumes brasileiros (Bernardo de Magalhães, Taunay, Couto de Magalhães e outros) são lidos com extremo agrado.

E esse agrado provem, antes de tudo, dos seus processos de elaboração, que consistirem em copiar *d'après nature*.

A lição, porem, não tem aproveitado aos noveis escriptores *soi-disant* racionalistas.

Suas obras, além de raras, denunciam grande carencia de observações pessoaes, e vêm eivadas de um convencionalismo que as torna quasi inteiramente estereis.

Cumpra, todavia, acoroçoarmos esse genero literario tão mal cultivado, tornando-o autonomo e extreme de imitações classicas. Vaé nisso uma obra de patriotismo.

Ninguem pode amar realmente sua patria sem conhecê-la no seu solo, nos seus costumes, nas suas tradições, na historia dos seus triumphos.

E como nem todos podem conhecer de *visu* o amplo *habitat* que a natureza nos deparou, é de toda a vantagem vulgarisar as poucas obras que, como a *Viagem ao Araguaya*, representam um repositorio interessante de observações proprias, escripto com singeleza e sinceridade.

E é considerando-a sob este aspecto, que nós reputamos digna de todo applauso a iniciativa do sr. José Couto de Magalhães e Dr. Couto de Magalhães Sobrinho, reeditando as obras do illustre brasileiro, que tanto se distinguíu por seu amor ás cousas de sua patria.

Musica Elementar

CURSO THEORICO E PRATICO

No « Paiz », de 3 de Março proximo passado, deparou-se-nos um extenso artigo de mais de uma columna, sujeito ao titulo que nos serve de epigraphe.

Vimos logo que se tratava do modesto livrinho «Curso Theorico e Practico de Musica Elementar», do qual enviamos um exemplar á redacção do «Paiz».

Ficámos satisfeitos ao ver que o critico, já em começo, escrevera que: «conhecendo o gráu de adiantamento do ensino publico paulistano, folheou o livro, com interesse, afim de dar sobre elle uma noticia, pondo em relevo as suas *qualidades didacticas*».

Sim, senhor. Era exactamente o que esperavamos: uma critica sob o ponto de vista didactico, considerando o livro em sua feição pedagogica, analysando-o quanto á systematisação das materias e quanto ao methodo de ensino; considerádo-o, emfim, por pessimo que fosse, como—, o que se poderia chamar—*musica pedagogica*.

Sob o ponto de vista puramente tecnico, não valia a pena criticar o livro; não é elle portador de novidade alguma: é uma compilação e adaptação dos trabalhos de—Th. Lajarte & Alex Bisson, Savard, Danhauser, Miguel Cardoso, Leopoldo Miguez, P. Bona e outros,—conforme se vê da 1.^a pagina do nosso modesto trabalho. O que alli nos parece *nosso*—é o methodo, a feição pedagogica.

Ficámos, pois, satisfeitos, vendo que o nosso trabalho ia ser encarado sob este aspecto.

Fomos immediatamente ao fim do artigo para vêr quem era o seu signatario, e, cahimos das nuvens, como vulgarmente se diz, ao encontrarmos lá o nome do sr. Oscar Guanabarino.

Conheciamos já o sr. Guanabarino como critico musical; ainda nos está presente o brilhante revelo a que chegou sua competencia musical, nas discussões que teve com os illustres e saudosos maestros srs. Leopoldo Miguez e Presciliano Silva.

Francamente, esperavamos que a critica do livro fosse feita por algum professor: por alguém que entendesse de ensino preliminar; que conhecesse pedagogia pratica, ou, pelo menos, que ensinasse musica.

O sr. Guanabarino, diz que *folheou* o livro...

Folheou, sim; e por isso seu artigo sahíu uma intrincada floresta intertropical, muito *folhuda*, muitissimo espessa, mas onde o meticoloso cuidado da mais rigorosa pesquisa jamais encontraria um fructo desgarrado.

Não ha, em seus artigos, um unico argumento sério; são duas tremendissimas descomposturas, que nos passa, assim á guiza de sermão de encomenda.

S. s. apresentou-se na arena da critica com o ar dos caceteiros minhotos; sem paletot, com a camisa arremangada e desandando bordoadas de criar bicho.

Nesse terreno não podemos acompanhá-lo; cedemos-lhe o passo. Essa consideração s. s. nos merece.

Não sabemos em que tenhamos tanto offendido ao illustre critico, para provocar tão descabellada descompostura; não comprehendemos como o nosso despretençioso trabalho pudesse occasionar uma critica (si *aquillo* se póde chamar critica) tão apaixonada, tão parcial, tão virulenta.

A esponja de amargoso fêl não se exgotou num só artigo de uma columna: continuou a distilar em um

segundo artigo, maior que o primeiro; e mais dará agora que a estamos espremendo um bocadinho.

Entretanto, desde já, notificamos a s. s., que não estamos resolvidos a manter polemica, (sobre tudo uma polemica architectada em bases tão apaixonadamente odiosas) — vamos deixar no fim deste artigo nosso ponto final definitivo.

O sr. Guanabario quiz fazer a critica do livro considerando-o, a um tempo, sob o ponto de vista tecnico, e quanto ao seu aspecto pedagogico; e assim foi enxertando, por entre as expectorações de sua vasta erudição musical, um certo numero de cincadas, cada vez que deixava a questão technica, para occupar-se da parte pedagogica.

Ora, que o sr. Guanabario faça a critica musical de um trabalho qualquer desse genero, vá feito; está no seu papel. Querer, porem, arvorar-se *critico pedagogico*; presumir-se entendido em questões de ensino preliminar,—perdôe-nos, s. s., a rudeza da linguagem—já deixa de ser ousadia, para ser desaforo...

Diga-nos, francamente, sr. Guanabario: tem v. s. completa certeza de haver já entrado em alguma escola de ensino preliminar, depois que dellas fugiu?

Estamos certos de que, consultando a consciencia, a resposta de s. s. seria negativa.

Vejamos, entre muitos, um exemplo que bem salienta a competencia do sr. Oscar, em questões de ensino preliminar; outros irão apparecendo,—assim de mistura com a questão technica—como o fez o critico do «Paiz».

Diz elle, em sua descompostura do dia 4, que foi incoherencia, termos começado o primeiro capitulo do livro com a definição de Musica, terminando mesmo por uma «nota ao professor», na qual recommenda-

mos que «nas classes elementares, não convem exigir definições».

O illustre critico musical confundiu, desastrosamente, ensino preliminar, com *classes elementares*.

O ensino preliminar, em S. Paulo, comprehende, nas escolas modelo e grupos escolares, cinco annos, ou classes.

Nas duas primeiras classes, (1.º anno e 2.º) do curso preliminar, segue-se o methodo rigorosamente intuitivo, o *Tonic solfa*; conhece-o o sr. Guanabario? O 3.º anno, si bem que sujeito ás mesmas normas, é a transição entre os processos muito intuitivos dos dois primeiros annos e o ensino mais theorico dos dois ultimos.

Nos dois ultimos annos, o ensino toma uma feição mais caracteristica e definitiva, com o apparecimento de uma theoria reguladora da pratica, e, sem a qual, os processos intuitivos dos tres primeiros annos, produziria apenas um empirismo estéril.

Chamam-se, por isso, *classes elementares*, as tres primeiras, deixando de o ser as duas ultimas, si bem que pertencentes ainda ao curso preliminar. E, não só essas duas ultimas classes, sinão tambem as quatro de que se compõe o curso complementar, fazem parte do ensino primario.

Como o ensino de musica é dado desde o 2.º anno, e, em algumas escolas desde o 1.º,—um professor menos experiente (si bem que nunca entregasse o livro ás creanças daquella classe) poderia exigir definições como as que lá estão, quando só pôde esperar-as dos alumnos que cursam os dois ultimos annos.

Não ha professor que não saiba que o nosso livro, como qualquer obra didactica, só pode ser adoptado do 4.º anno em diante, onde o ensino já não é feito somente de outiva, e que, nas tres classes elementares, o livro servi-

rá para o professor e não para o alumno. E igualmente, não ha professor que não saiba que, das cinco classes que constituem o curso preliminar, chamam-se as tres primeiras—*classes elementares*.

Está nos entendendo, sr. Guanabario?

Ora, veja lá como a coisa é simples. Achamos que se pôdem exigir definições, claras e precisas, dos alumnos do 4.º anno e do 5.º; não convindo, porém, exigil-as nas classes elementares.

O professor daqui de S. Paulo, para quem escrevemos aquella *nota*, entenderá perfeitamente o que queremos dizer, porque elle sabe quaes as classes que, no ensino preliminar, se chamam—*classes elementares*.

Que culpa temos nós que o sr. Guanabario não entendesse o sentido daquela *nota*? O livro não foi escripto para os professores de Esthetica da Musica...

Diga-nos, caro mestre: *Legere et non intelligere, quid est?*

Parece-nos que o illustre sr. Guanabario pensa que o livro deve ser entregue em mãos de creanças, do 1.º ao 2.º anno, para o decorarem passivamente, como se fazia nos saudosos tempos de sua meninice. O critico lembrou-se naturalmente dos bons tempos das *adagas de gancho*, em que s. s. não foi sinão um receptaculo subserviente de syntheses organisadas por outrem, um decorador do «Manual Encyclopedico», ou quejandas coisas.

Vê, pois, o illustre critico musical que não houve a tão apregoada incoherencia. S. s. metteu a mão em seara alheia e, como era de esperar, não se sahiu muito limpamente da empreza: enganou-se redondamente.

Redondamente; é o termo delicado—*quadradamente*, diriamos nós, si não fosse má creação.

O ensino da musica, em S. Paulo, não é feito pela simples e passiva decoraçào de regras compendiadas.

Mas... para que estarmos a querer ensinar methodos e processo de ensino preliminar ao encarregado de encher as columnas da secção «Artes e Artistas» do *Paiz*? Não nos sobeja tempo para tal, nem s. s. está mais em tempo de aprender.

E depois, isso nada aproveitaria ao sr. Guanabario para as suas criteriosas apreciações sobre as inspiradas sonatas de Beethoven, ou Alfredo Napoleão.

O livro, considerado sob o ponto de vista pedagogico, tem, naturalmente, defeitos; e qual a obra didactica que não os tem?

Alguns desses defeitos nos foram apontados já, por distinctos professores desta capital. Esses, porém, por sua infelicidade, o sr. Oscar Guanabario não pòde descobrir.

Começa o sr. Guanabario por achar que a definição que demos, de compasso, seria *aceitavel* (o grypho é nosso) si não se adaptasse tambem á definição de *tempos*. Portanto, como essa *adaptação* se dá, não é *aceitavel*.

Cruel injustiça, a do sr. Guanabario, em nos passar, a tal respeito, tamanha descompostura! Fomos enganados, em nossa confiança, por Th. Lajart et Alex. Bisson, Augustin Savard e A. Danhauser em vez de pedir a definição ao illustre critico.

Savard, em sua obra «Principes de la Musique», assim diz: *On appelle mesure, em musique, la division d'un morceau en courtes parties degale durée.*

Deviamos talvez adoptar a definição lembrada pelo critico: «Compasso é a divisão de um trecho musical em tempos periodicos mensuraveis.»

Que tal a definição para um livro escolar?!!!

Muito propria para alumnos do curso preliminar, não ha duvida.

Mas... em se tratando de ensino primario, este sr. Guanabario é uma lastima.

O sr. Oscar teve a ingenuidade de suppor que, para nós, o compasso não é mais do que uma *questão gráfica*, e, assim, com o maior desprate, foi desandando um chuveiro de desaforos contra o sr. A. Danhauser, professor do Conservatorio de Musica e director do ensino de canto das escolas de Paris.

Pois, sr. Guanabarinno, A. Danhauser, em seu «Resumo da Theoria Musical», traducção portugueza do maestro Carlos de Mesquita, lá diz, á pagina 34: «O compasso é a divisão de um trecho de musica em partes eguaes.»

«Esta divisão indica-se por meio de linhas que atravessam perpendicularmente a pauta e se denominam *linhas de divisão de compasso*.»

La se avenha com Danhauser, sr. critico o deixe-nos em paz.

Logo abaixo diz o sr. Guanabarinno que é absurda a tabella que damos sobre os valores absolutos das figuras.

Neste ponto ficamos litteralmente pasmos.

Onde encontrou o tal absurdo? Desde que s. s. começou a cantar o *solfejo rezado*, até hoje, viu já qualquer livro de musica, fosse qual fosse, com uma tabella diferente sobre os valores absolutos das figuras?

Em seguida diz que, quem tiver visto a nossa tabella e lido tambem que 2/4 representa o compasso binario, chegaria á conclusão de que tendo, a semicolchêa o valor absoluto de 1/4 de tempo, o compasso binario seria formado por duas simicolchêas, quando, effectivamente, se compõe de 8.

Como, diabo, chegaria o tal sr. a tão destemperada conclusão?

Não dissemos, em parte alguma, que a indicação 2/4 (que representa o compasso binario) significa que esse compasso compõe-se de 2 vezes 1/4 de tempo.

Foi uma espirituosa invenção do sr. Guanabarinno.

Não ficou dito que o algarismo 2

(na indicação 2/4) representa o numero de figuras que devem entrar no compasso, e ainda menos foi dito que o algarismo 4 indique a especie desses valores.

Como, pois, quer o critico que o alumno comece logo raciocinando que, no compasso binario, devem entrar 2 figuras, e que essas figuras sejam semicolchêas?

Seria preciso que o alumno tivesse a clarividencia musical de um Guanabarinno.

Somente, na pagina 37, dizemos que os dois algarismos, em forma de fracção (que indicam os diferentes compassos) representam partes da unidade, que é a *semibreve*.

O numerador da fracção, dizemos nós, indica a quantidade de valores que formam o compasso, e o denominador indica a especie desses valores, em *relação* á semibreve. Essa relação o alumno conhece já, desde a pag. 26.

Ora, ahi está. O alumno que reflecta agora para vêr si chega á original conclusão a que chegou o critico.

S. s. quer que o alumno tire conclusões *a priori* e formule raciocinios gratuitos sobre coisas e assumptos que desconhece.

Ora... sr. Guanabarinno...

Tratando do modo de traçar a pauta, o sr. Guanabarinno, fingindo uma ingenuidade muito tola, chega, com seu estylo faceto, á culminancia da graça!

E', realmente, impagavel o *debique* que elle passa em A. Schmoll, sobre o processo de traçar a pauta no ensino de musica, ministrado ás creanças.

Dahi, quem sabe?... Talvez o sr. Guanabarinno não conheça o «Nouvelle Méthode de Piano» de A. Schmoll, obra adoptada no Conservatorio Nacional de Musica de Toulouse!

Pois, sr. critico, lá está, na 1.^a pagina do magnifico trabalho de Schmoll, o processo sobre o qual disse tanta coisa desopilante...

Para mostrar que não temos a menor idéia do que seja pauta musical,

o critico do *Paiz* transcreve um periodo do nosso livro, em que dizemos: «um mesmo signal pôde representar qualquer das 7 notas, conforme o logar que occupe na pauta.»

Exactissimamente; é isso mesmo.

Queriamos dizer que uma mesma figura, uma semibreve, por exemplo, pôde ser *dó*, ou *ré*, ou *mi*, etc., conforme o logar que occupe na pauta. Ninguem fallou em som.

E não será isto, então?

Diz elle que «as figuras só representam a duração do som.»

Isto mesmo nos cansámos nós de repetir, em nosso livro.

Essa lição, que tanto fez arrepellar-se o sr. Guanabarinno, tem como fim gravar bem no espirito do alumno a differença que ha entre *figura* e *nota*.

Si o critico entendesse alguma coisa de pedagogia pratica, procuraríamos mostrar-lhe que a marcha que seguimos tinha por fim levar o estudante a comprehender a necessidade da *clave*.

O sr. Guanabarinno, em suas subtilidades metaphysicas, preferia, talvez, que impingissimos ao alumno do curso preliminar, assim á moda de arte nova, a tal historia da harpa de cordas pretas e brancas, a theoria acustica do som, etc., etc.

Não dissémos em parte alguma, nem démos a entender, que uma figura qualquer, fóra da pauta, pudesse ter som.

Nova patuscaria do supradito critico musical!

Logo no principio da *catilinaria* do dia 4, vem o sr. Guanabarinno qualificando de *disparate*, o que dissemos a respeito de divisão.

Magoou-nos immensamente o facto de, por nossa causa, s. s. dizer tantos desaforos ao professor Bona.

Quando pensaria este professor que viria encontrar, na formosa *Guanabara*, um furioso Guanabarinno Oscar, a arrastal-o impiedosamente pela rua da amargura!

Imaginassemos nós que o sr. Oscar,

lá da culminancia da sua competencia musical, tão furiosos apupos lançaria sobre o illustre professor Bona, — e jámais o teriamos copiado.

Oh! nós o juramos!

Entretanto, assim foi;—TUDO aquillo que tanto enraiveceu a s. s. (e que em nosso livro está entre aspas) é cópia TEXTUAL do que diz Bona, em seu «Methodo Completo para Divisão», expressamente composto para os discipulos do «Real Conservatorio de Milão».

Acha o sr. Guanabarinno que a unica novidade que pôde haver, no capitulo de Divisão, é, talvez, a nossa «grande descoberta», quando, em gordos typos, lembramos aos discipulos e professores—O compasso marca-se com a mão.

Antes que nos esqueçamos: isso tambem foi tirado de Bona, até os gordos typos.

Compreende o illustre mestre que esse conselho é dado principalmente aos alumnos que, sem elle, quereriam naturalmente marcar o compasso com o pé, ou com uma regua, com um lapis, ou qualquer outro objecto, assim á moda da batuta.

A s. s., por exemplo, ainda que nos não faltasse competencia, nunca dariamos tal conselho.

Imaginemos que um *dilettanti* qualquer, num arroubo de alcandorada inspiração, entusiasmado pelos encantos da formosa bahia *guanabariua*, se lembrasse de arrancar á sua harpa ideal, de cordas pretas e brancas, sonoros accordes que deixassem a perder de vista os threnos sentimentalistas da lyra de David, — não o aconselharíamos a marcar o compasso com a mão. Não, senhor. Que o marcasse com os dois pés...

Nada temos que vêr com isso: é questão de gosto...

No capitulo dos intervallos, diz o sr. Guanabarinno, — «só encontrámos verdadeiros dispartes; omitindo-se alli o que poderia haver de util nes-

ses estudos, se trata de assumptos que não têm a menor importancia no estudo elementar».

Tratámos dos intervallos simples, compostos, conjunctos, disjunctos, etc. e suas respectivas inversões, apenas designando os tons e semitonos, para que o alumno, de posse desses conhecimentos, conseguisse, em um estudo complementar, bem comprehender as diversas especies de intervallos.

Nosso principal fim foi fixar bem no espirito do alumno, o conhecimento da acção dos accidentes, para que elle pudesse depois, em um estudo melhor, facilmente comprehender uma theoria mais desenvolvida e mais moderna sobre os intervallos.

Com que, então, isto não tem a menor importancia no estudo elementar?!

O que tem valor, no estudo elementar, como quer s. s., é o estudo dos intervallos JUSTOS, MAIORES OU MENORES !!!...

E' ainda sobre esse mesmo capitulo dos intervallos, que a virulenta bilis do sr. Guanabario se derrama com mais furiosa intensidade.

Começa transcrevendo o seguinte periodo de nosso livro:

«Quando uma das notas que constituem o intervallo não faz parte da escala diatonica, elle chama-se *alterado* ou *chromatico*».

Fatal caiporismo! Não fora um *cochillo*, que na revisão do livro nos fez deixar no tinteiro a pontuação necessaria entre as duas ultimas palavras do trecho transcripto, e estaríamos ás boas com o sr. Guanabario.

Por isso, concluiu s. s., que confundimos intervallos chromaticos com intervallos alterados communs.

Já é ter *boa vontade*!...

S. s. sabe que o intervallo chromatico tem uma nota alterada, e dali concluiu que queríamos dizer que todo o intervallo, que tem uma nota alterada, é chromatico.

Que argucia de critico!

Nós sabemos que o intervallo chromatico tem uma nota alterada; mas não dissémos que todo o intervallo, em que ha uma nota alterada, seja chromatico. Só se fala em intervallo chromatico naquelle ponto onde, para gaudio do critico, falta pontuação.

Todo o intervallo que tiver uma nota alterada é um intervallo *alterado*; ou *chromatico*: será chromatico quando tiver um semitono apenas, e alterado commum quando tiver mais.

O que houve no trecho em questão foi certa falta de clareza de expressão, falta essa que já tínhamos notado antes de offerermos ao «Paiz» aquelle exemplar, que tanto foi alterar a serenidade do illustre critico musical.

Não era preciso que o sr. Guanabario tivesse para commosco uma gentileza muito dulçurosa, muito *musical*; bastava que quizesse ter a generosa cavidade de collocar a devida pontuação depois da palavra *alterado*, do trecho transcripto, e estaria tudo arranjado. Ficaria vendo que não démos *alterado*, como synonymo de *chromatico*.

Para que melhor se comprehenda, vamos transcrever um pedacinho de ouro da tal *descalçadeira*:

«O exemplo de *sexta chromatica* (refere-se o critico aos exemplos que démos, não de intervallos chromaticos, porém simplesmente alterados) dizíamos, é *mi dó susenido*».

«Em toda a parte do mundo é isto um intervallo de *sexta-maior*, que tem tanto de chromatico como os autores têm de musicos;—depois—*fá susenido* e *lá susenido*, terça maior, commum e nada chromatica, e por fim—*dó susenido* e *si*, uma setima maior que os autores impingem como intervallo chromatico.»

Onde descobriu o illustre senhor Oscar que nós chamámos aos inter-

vallos sexta, de terça e de setima, intervallos de *sexta chromatica*, *terça chromatica* e *setima chromatica*?

Não, senhor; chamamos-lhes intervallos de sexta, de terça e de setima, tal e qual como o sr. Guanabario e como toda a gente;—tanto isto é verdade que, lá no nosso livro, e por cima dos taes exemplos, está em typos bem claros—6.^a, 3.^a, 7.^a.

E já foi uma exquísita benevolencia de s. s. o ter citado apenas estes tres exemplos, quando lá estão 18; vejamos bem—*dezoito*—, e todos são intervallos a que chamamos alterados; não ha nenhum que seja chromatico.

Com que, então, o sr. critico não viu na pagina 67, logo por cima dos exemplos, que tão malevolamente quiz arranjar a seu modo, as palavras *intervallos alterados*, em typos bem gordos, bem garrafas?...

Viu, sim; como não? Mas... apesar disso, procurou convencer-se de que denominavamos *sexta chromatica* aos intervallos de sexta, e isto porque, em certo ponto do texto, faltou pontuação.

Tal confusão não se daria com o alumno, porque, conhecendo elle já os semitonos chromaticos, por innumerados exemplos, anteriormente dados, não poderia suppôr que eram chromaticos, intervallos que tinham bem por cima, os algarismos indicadores: 2.^a, 4.^a, 6.^a, etc.

Entretanto, tal confusão se deu com o sr. Guanabario!

Pois é coisa que admira devéras! Elle é *musico* e *musico* a valer!

Referindo-se aos 20 exercicios sobre compassos, que damos da pagina 82 a 87, compara-os a modelos de contas de sommar, em uma arithmetica elementar.

Identica opinião terá, naturalmente, s. s. sobre os exercicios de dictado musical.

Bem haja o professor que, depois de uma definição ou regra, dêsse, não vinte, mas mil problemas praticos!

Bem haja o autor, que numa arithmetica para o curso preliminar, dêsse, não 20, mas muitos exemplos de contas de sommar!

Está vindo, sr. Guanabario?

Fossem assim os seus professores primarios, e o teríamos hoje, sinão um melhor critico musical, pelo menos um critico pedagogico de outro *quilate*!

Pretendendo conhecer o ensino de musica, no «Instituto Musical do Rio», e no qual s. s. foi, ou pelo menos pensou que poderia ser professor de «Esthetica», não conseguiu comprehender a utilidade de taes exercicios, no ensino de musica dado nas escolas.

Tivesse s. s. uma noção, por vaga que fosse, do que é o ensino preliminar, e talvez nos déssimos ao trabalho de convencer-o do valor pratico daquelles exercicios, cujo principal fim é familiarizar o alumno com o numero e a natureza dos valores, que podem entrar nos diferentes compassos.

Com uns laivos de benevolencia, o sr. Guanabario concorda mais ou menos, que pudessemos começar tratando sómente da *semibrève*.

Felizmente os srs. Lebert et Stark, que nos emprestaram o processo, livraram-se de um chorrilho de desaforos *criticos*.

Com o que a *pedagogia* do sr. Guanabario positivamente não quer concordar, é que, conhecendo a creança, no 1.^o capitulo, sómente os nomes abstratos dos sons, a pauta e a semibrève, vá, no capitulo 2.^o, conhecer as tres claves, *sem que dellas tenha necessidade*.

Mas, illustre mestre, não viu que na pagina 18, do capitulo 2.^o, damos sómente a *clave de sól*, e que levamos depois o alumno a comprehender a necessidade das outras duas?

Já é myopia!...

Na mesma pagina em que estão as tres claves, damos a seguinte:

Nota para o professor.—«Tratamos apenas da *clave de sól*, por ser a mais necessaria e a mais usada. As outras

devem ser reservadas para um estudo complementar.

O sr. Guanabario viu, sim, mas emperrou em não querer comprehender...

Admira-se muito o sr. Guanabario, admira-se muitissimo, de que, sem termos ensinado os nomes das notas, isto é, os sons das linhas e espaços, apresentemos 14 exercicios «para a creanças se amollar com o designação do ponto da pauta em que a nota se acha.»

E que tal? ... — Tinhamos, ou não, razão quando dissemos, que esperavamos ser a critica do nosso modesto trabalho, feita por algum professor; por alguém que entendesse de ensino preliminar; ou, pelo menos, que ensinasse musica?

Tem realmente, muita graça este sr. Guanabario, — tem muitissima graça; mas... extranha contradicção! — nos pontos em que não tem graça nenhuma, isto é, quando envereda desabridamente pela pedagogia a dentro, ahí é que mais provoca o riso...

Seria um nunca acabar si fossemos bispontos a veia (que a tem bem provida, diga-se em sua honra) de grosserias que o sr. Guanabario espirrou sobre nós, assim a móda de critica «*Art nouveau*».

« Ponham esse livro fóra, — exclama no auge de sua indignação doutrinadora, — queimem-no, não presta, é inutil e até prejudicial ».

Ora, isto será tudo que quizerem, menos — critica.

Todo o individuo que especialisa uma sciencia ou uma arte, adquire uma feição accentuadamente caracteristica de julgar e de criticar, que se prende nos limites de sua especialidade.

Como, pois, admittir que o sr. Guanabario, que é musico, que tem naturalmente a alma cheia de inspirações generosas, — pudesse deixar a esphera elevada da critica imparcial e honesta, para descer ao terreno im-

proprio em que terçam armas os ver-rineiros vulgares?!

Alguém poderia suppor que a critica de s. s. não é mais do que um producto hybridado do casamento exotico de sua alma sonhadora e meiga, com a de algum odio traficante de infôrmações malevolas...

Com toda a ingenuidade, como quem repete um recado mal decorado, diz s. s.: — rasguem... não presta...!

Mais de vagar, sr. Oscar; não se afoite tanto... Porque rasgar o livro? Porque não presta? Quem lhe cochichou isso ao ouvido?

Cá e lá, ao inspirador e ao inspirado, applica-se perfeitamente o conselho da Apelles: *Ne, sutor, ultra crepidam...*

O livro «não presta». Quem o diz é o sr. Guanabario, por si e por seus constituintes.

Com a devida venia, consignaremos aqui, quanto a respeito do livro criticado disseram, — em cartas ou cartões que tiveram a amabilidade de nos enviar, — alguns dentre os mais distinctos professores de musica desta capital.

As honrosas referencias que recebemos dos professores, aos quaes está confiado o ensino publico em S. Paulo, — essas, não publicaremos, porque s. s. não saberia aquilatar do seu valor.

Do que s. s. entende um pouco é de musica.

Leia, pois, e verá que não é de todo máu um trabalho sobre o qual os srs. professores — Gomes Cardim, Henrique Ruegger, Antonio Leal, Ernesto Castagnoli e Carlos Guimarães, assim se exprimem:

« Ao illustre professor sr. João Gomes Junior e seu distincto collega Miguel Carneiro Junior, COMMENDADOR GOMES CARDIM agradece a gentileza da offerta do seu importantissimo trabalho, manifestado no seu «Curso Theorico e Pratico de Musica Elementar».

« Aos illustres professores João Gomes Junior e Miguel Carneiro Junior, — HENRIQUE RUEGGER, cumprimenta e agradece a remessa do «Curso Theorico e Pratico de Musica Elementar, que leu com interesse, achando-o adequado para seu fim ».

« Srs. professores João Gomes Junior e Miguel Carneiro Junior. Accuso o recebimento de um exemplar de vosso «Compendio de Musica», e por tal gentileza confesso-me grato. Aproveito a oportunidade para emitir, sobre o vosso trabalho, a minha opinião. E' um livro que não pecca pela prolixidade, nem pelo laconismo, pois comporta o sufficiente para quem deseja estudar os rudimentos da arte musical. Felicito-vos, pois, pelo vosso «Compendio», que preenche perfeitamente os fins a que é destinado. — Com os protestos, etc. — ANTONIO LEAL ».

Ao sr. professor João Gomes Junior, ERNESTO CASTAGNOLI, apreciando muito o bom trabalho de v. s., agradece a gentileza.

CARLOS GUIMARÃES agradece aos srs. João Gomes Junior e Miguel Carneiro Junior a sua delicada attenção, felicitando-os vivamente por seu excellente trabalho, no sentido de inculcar os primeiros passos acertados no glorioso caminho da arte».

Leu o sr. Guanabario? Estes não são sapateiros!...

Muito propositalmente deixamos de parte todos os pontos das duas formidaveis diatribes em que o apaixonado critico, resvalando quasi para um terreno pessoal, desfia o seu ro-sario de insolitas grosserias contra os illustres professores, maestro Antonio Carlos Junior e sr. José Carlos Dias, auctores do parecer que acompanha o livro.

O governo de S. Paulo não quiz adoptar o «Compendio» nas escolas

de ensino primario, sem ouvir a opinião pedagogica de um professor bem orientado, e o parecer tecnico de um profissional de reconhecida auctoridade.

Essa competencia que o sr. Guanabario nega aos auctores do parecer, é de todos reconhecida aqui em S. Paulo.

Assim o considerou tambem o governo do Estado, que s. s. julga sempre solicito no emprego dos meios necessarios para desenvolver rapidamente a intelligencia da mocidade.

Mas, o melhor da critica do sr. Guanabario está em dizer, no final do seu artigo, que o livro só serviu para uma negociata com o governo de S. Paulo (!!!)

O sr. Guanabario é desmemoriado! Não se lembra mais do que escreveu no começo de sua publicação!

Refresquemos-lhe a memoria.

Esse governo, esse mesmo governo accusado de se prestar a negociatas sobre o livro, foi por s. s. elogiado por sua solícitude em promover aqui todos os *adeantamentos pedagogicos*.

S. s. se desdiz, pois, e os commentarios que os façam as pessoas de criterio!

O sr. Guanabario chama a postos os *professores illustrados desta capital*, e intima pessoalmente o sr. Chiaffarelli, cuja competencia reconhece, para bater o *montão de disparates*.

Pois, sr. Guanabario—o juiz do sr. Chiaffarelli, é favoravel ao que s. s. chama—*montão de disparates*.

Leia, e arreperder-se-á, certamente, de se haver posto em contradicção com o juiz para o qual s. s. tinha recorrido.

—«Ao illustre professor sr. João Gomes Junior.—PROF. LUIGI CHIAFFARELLI agradece a offerta do seu «Curso Theorico e Pratico», que acha *muito pratico devêras*. Desejaria vêr, em uma *segunda edição*, uma theoria mais moderna e desenvolvida dos intervallos (sem entrar em discussão

além do fito do seu *bom livro*) e acha que a theoria das accentuações rythmicas é muito pouca, precisando desenvolver-a também com mais precisão. Desejando, outrosim, ao seu livro o *sucesso que merece*, felicita v. s. cordalmente».

(Os gryphos são nossos).

Que tal, sr. Guanabario?

Ainda acha que o illustre professor sr. Luigi Chiaffarelli, possa ser, aqui em S. Paulo, o repetidor da sua má vontade?

**

Aqui deixamos nosso ponto final *definitivo*, ficando aos srs. Oscar Guanabario e aos nossos gratuitos desaffectedos margem para continuarem a descompôr os srs. Leopoldo Miguez, Leopold Dauphin, Th. Lajarte et Alex Bisson, Augustin Savard, A. Danhauser, P. Bona, Mme. Emile Chev , P. de Panseron, Alexis de Garaud , Concone, E. Pan ka, A. Schmoll e Lebert et Stark.

Isto posto, daqui enviamos a s. s. os protestos de nossa sympathia.

S. Paulo—Março de 1903.

MIGUEL CARNEIRO JUNIOR.
JOÃO GOMES JUNIOR.

Elementos de Trigonometria

Sem uma coordenação philosophica que subordine ou systematise os nossos conhecimentos scientificos, não podemos aprender ou ensinar proveitosamente, utilmente. Toda a noção adquirida sem methodo, sem encadeamento logico, não é uma noção ganha, sinão uma aquisição transitoria e ephemera.

Ora, si isto é verdade em relação a qualquer dominio scientifico, com mais forte razão o é na doutrina mathematica, em virtude de sua natu-

reza eminentemente abstracta e da simplicidade e generalidade dos phenomenos que ella estuda, pois é esta mesma generalidade e simplicidade o que nos tira uma certa consistencia ás idéas que a mathematica nos ministra. Assim, excepto na mecanica, onde surgem as primeiras leis objectivos, isto é, as primeiras leis verdadeiramente induzidas da observação dos factos, ás concepções mathematicas faltarão sempre consistencia, si as não ligarmos pelo laço logico que lhes é proprio e necessario.

Na escala encyclopedica dos conhecimentos humanos, a mathematica é o primeiro degrão: cumpre-lhe, pois, iniciar a educação mental, que conduz á educação moral, pela disciplina que a sua logica incomparavel fornece.

E não cuide alguém que esta disciplina é alguma cousa de somenos, pois parece-me poder affirmar-se que é dum conveniente educação mental e moral que depende o revigoramento dos musculos desfibrados das consciencias e dos espiritos.

Temos, pois, uma como obrigação restricta, principalmente no dominio da mathematica, de subordinar as nossas exposições oraes ou escriptas a um justo criterio, que assignale claramente a funcção eminentemente philosophica que aquella sciencia é chamada a exercer nessa educação mental e moral.

Estas considerações trago-as a proposito da leitura que fiz dos *Elementos de Trigonometria*, escriptos pelo sr. Francisco Furtado Mendes Vianna, e nos quacs este meu illustrado collega e amigo attende habilmente á subordinação acima lembrada.

O exemplar que me foi ha dias gentilmente offerecido já é da segunda edição, da qual se expurgaram todas as incorrecções typographicas e alguns enganos de calculo, que prejudicaram a primeira.

O sr. Vianna distribue a materia de seu compendio por tres grandes capitulos. No primeiro são dados, com clareza e precisão, todos os preliminares e formulas destinadas ao preparo das demais partes. Ahi são estudadas as relações existentes entre as diversas linhas trigonometricas, relações cujo conhecimento é indispensavel para as necessidades analyticas.

Na segunda parte, mostra-se elementarmente como se póde chegar á construcção de uma tábua de logarithmos que habilite, dado o valor de um angulo, achar-se immediatamente os valores de suas linhas trigonometricas, e vice-versa.

Na terceira, finalmente, estuda-se o objecto especial da trigonometria: a resolução de triangulos quaesquer, rectilíneos ou esphericos.

Enfeixando numa parte unica as resoluções dos triangulos rectilíneos e esphericos, o sr. Vianna, com muita justeza, quiz, provavelmente, evitar uma solução de continuidade e significar que a trigonometria espherica, em seu conjuncto, não é mais que uma applicação da rectilínea, a qual «fornece immediatamente as equações fundamentaes daquella, substituindo o triangulo espherico pelo angulo triedro correspondente».

O criterio que presidiu á organização destas tres partes já é, a meu ver, uma prova significativa do excellent methodo que o sr. Vianna seguiu na exposição das theorias trigonometricas. Entretanto, outros factos vêm comproval-o.

E' assim que, tanto a fórmula fundamental da theoria dos senos, que tem por fim determinar os senos e cosenos de $(a+b)$, e, dahi, os senos, cosenos, tangentes, de todos arcos multiplos e submultiplos, como o principio fundamental para a resolução dos triangulos rectilíneos,—o sr.

Vianna fel-os derivar não do modo usual nos compendios, mas do theorema de Hipparco relativo ao quadrilatero inscriptivel, dest'arte s. s. fri-sou perfeitamente não só a unidade da theoria trigonometrica, fazendo-a brotar de uma mesma fonte, sinão também mostrou o laço logico que une entre si a geometria e a trigonometria, fazendo sentir que esta não é alguma cousa toda diversa daquella, mas simplesmente um complemento seu.

Outra cousa que se encontra nos *Elementos de Trigonometria* do sr. Vianna, e que é muito raramente referida pelos compendios analogos, são as quatro regras de Delambre relativas ás soluções dos *casos duvidosos* nos triangulos esphericos obliquangulos.

Essas regras, que são em numero de 4, permitem achar facilmente o numero de soluções para aquelles casos. Entretanto, em maioria, os compendios não a mencionam, talvez por a não terem os seu autores comprehendido convenientemente, pois que, para serem ellas exactas, é mister *empregal-as successivamente*, o que talvez outros não hajam observado, mas que o sr. Vianna faz notar.

Encerrando o seu livro com uma série de problemas, adequados ás diversas questões trigonometricas, o sr. Vianna reúne a parte de applicação á parte theorica, cuja concatenação, repetimolo, é, a nosso vêr, a mais logica e perfeita que ainda se nos deparou entre os diversos compendios de trigonometria que conhecemos.

Ao operoso e illustrado professor publico, enviamos daqui os nossos leaes e sinceros cumprimentos.

RENÉ BARRETO.

OS NOSSOS EDIFÍCIOS ESCOLARES

GRUPO ESCOLAR DA BELLA VISTA

O bello edificio de que hoje damos a photographia é propriedade do Governo do Estado, por compra feita a uma sociedade italiana, em Fevereiro de 1900. Está situado no saudavel e aprazivel bairro que dá o nome ao magnifico estabelecimento de instrucção que nelle funciona—Grupo Escolar da Bella Vista—e para o qual foi adaptado, sob a criteriosa intelligencia do digno director e organizador do estabelecimento, Sr. Professor Joaquim Luiz de Brito.

Vamos dar uma ligeira noticia do edificio, que fica dentro de uma área de 2425.m², completamente isolado e dominando uma vista encantadora, como lembra o seu nome, para depois falarmos sobre o estabelecimento de ensino que o occupa.

Guarnece a frente do edificio, cercado por grades de ferro, um formoso jardim cuidadosamente tratado a expensas do director do estabelecimento; e os fundos, murados, offerecem uma grande área para recreio, onde se encontra, servindo as duas secções, e sobre o muro divisorio das recreações, uma galeria de abrigo, além de um pequeno gymnasio com os necessariosapparellhos.

O edificio que, como se vê pela photographia, tem a fórma de chalet, consta de dois pavimentos: o superior com quatro salas, e o inferior, com oito. Funciona no primeiro a secção feminina com excepção do 4.º anno.

Eis as dimensões das respectivas salas:

A do 1.º anno A: $10^m,10 \times 4,^m0 \times 5,^m30 = 214,^m3$ 120.

A do 1.º anno B: $4,^m78 \times 6,^m12 \times 5,^m30 = 150,^m3$ 044.

A do 2.º anno: $6,^m12 \times 5,^m25 \times 5,^m30 = 169,^m3$ 282.

A do 3.º anno: $6,^m48 \times 5,^m6 \times 5,^m30 = 188,^m3$ 892.

A do 4.º anno: $3,^m6 \times 6,^m0 \times 5,^m10 = 221,^m3$ 176.

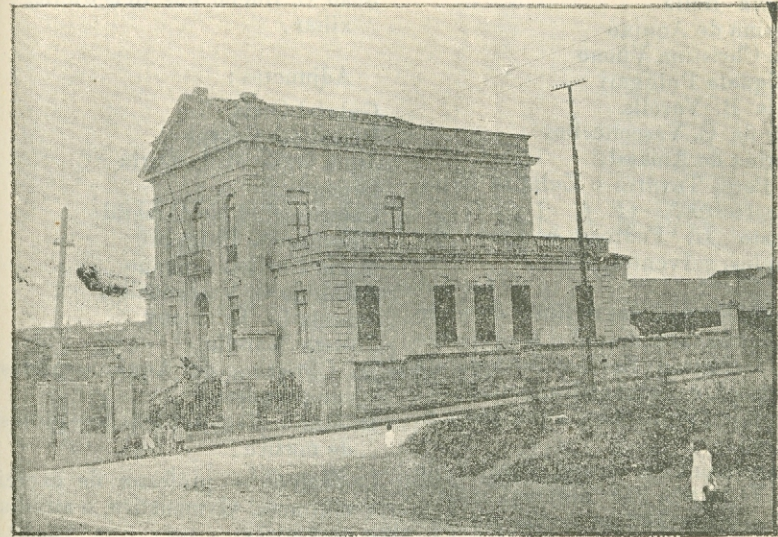
SECÇÃO MASCULINA

Sala do 1.º anno. $7,^m20 \times 4,^m70 \times 5,^m10 = 172,^m3$ 584.

As salas do 2.º anno, do 3.º e do 4.º têm as mesmas dimensões que a precedente.

Sala do 5.º anno: $8,^m0 \times 3,^m6 \times 5,^m10 = 122,^m3$ 040.

Além destas salas, ha o gabinete do Director, com as mesmas dimensões, da ultima, e a sala da professora de prendas domesticas, com $3,^m6 \times 4,^m6 \times 5,^m10 = 84,^m3$ 000.



GRUPO ESCOLAR DA BELLA VISTA

Como se vê, as salas em que funcioam o 4.º anno feminino e o 5.º masculino, são excessivamente acaanhadas, mas o governo pretende muito breve remover essa difficuldade, mandando construir, em continuacão ao corpo do edificio, dois salões, conforme planta já levantada, para funcioamento dos primeiros annos. Os salões, segundo a planta, serão construidos de modo que, em occasião de festas, se possa fazel-os num só.

O Grupo Escolar da Bella Vista foi fundado por Decreto de 27 de Fevereiro de 1900, sendo nomeado para organizal-o e dirigil-o, como já dissemos, o professor Joaquim Luiz de Brito, que continúa a desempenhar o cargo que lhe foi confiado pelo governo. Assignou o referido Decreto o Sr. Coronel Fernando Prestes de Albuquerque, então presidente do Estado, secretariado na pasta do Interior pelo Dr. José Pereira de Queiroz, cuja administração foi das mais

prosperas para a instrucção publica do Estado, encerrando o seu cyclo administrativo com a creação de grande numero de grupos escolares nesta capital e no interior—todos hoje perfeitamente organizados e prestando relevantes serviços á civilisacão.

Completo o serviço de adaptacão do edificio, installou-se o grupo escolar no dia 4 de Julho do mesmo anno, com 341 alumnos matriculados, sendo 179 da secção masculina e 162 da secção feminina.

Formavam então o corpo docente, os seguintes professores:

Joaquim Luiz de Brito—director

Adjunctos:

Leopoldo José de Sant'Anna
Gabriel Ortiz
Benedicto Galvão
Julia Ortiz
Maria de Miranda

Olympia Bello
Christina de Aquino
Maria Christina Vuono
Henriqueta Puiggari
Julieta B. Varella
Sarah da C. Vasconcellos
Celestina do Amaral.
Lino Peres Tavares e Zulmira Orios,
—porteiros.
Augusto L. Pedrozo e Luiz W.
Rheins, serventes.

Incumbiam-se dos ensinios: de prendas domesticas e desenho, a professora D. Celestina Barreto do Amaral; de musica e gymnastica, o auxiliar; de exercicios militares, o professor B. Galvão.

Actualmente, o Grupo Escolar da Bella Vista tem 344 alumnos matriculados, sendo 182 na secção feminina e 162 na secção masculina, sendo o seu corpo docente o seguinte:
Joaquim Luiz de Brito—director.

João C. Bueno dos Reis Junior—auxiliar.

Adjunctos:

Gabriel Ortiz
Benedicto Galvão
Julia G. de M. L. Ortiz
Olympia Bella
Celestina B. do Amaral
Henriqueta Puiggari
Maria Christina Vuono
Sarah da C. Vasconcellos
Joanna C. Tolomony
Julieta Varella.

D. Christina de Aquino—professora de prendas.

D. Maria Ramos Piedade—professora de musica.

B. Galvão — professor de exercicios militares. Gymnastica, o auxiliar.

Porteiro — Lino Peres Tavares. Augusto L. Pedrozo e Luiz W. Rheins—serventes.

HYMNOS ESCOLARES

Canção

Setembro! quanta harmonia
Nos prados, na serrania
Doirada pelo arrebol!
Como minh'alma suspira,
Ouvindo na agreste lyra
Festivos hymnos ao sol!

Nas torres esbranquiçadas
Doudejam as alvoradas,
Numa abundancia de luz;
Pombinhos voam aos pares,
Fumegam todos os lares,
A vida em ondas, a flux!

S. Paulo! quanto me lembro
De minha terra em Setembro,
Na minha quadra infantil!
Tu és, ó Patria formosa,
A perola mais mimosa
Do magestoso Brasil.

S. Paulo, 21—9—94.

LUIZ GALVÃO.

Setembro!

CANÇÃO ESCOLAR

MUSICA DE

Antonio Carlos

LETRA DE

Luiz Galvão

Andante

CANTO

Se-tem-bro! quanta harmo-

PIANO

ni-a Nos pra-dos, na serra-

ly-ra Pes-ti-vos hym nos ao sol! Ou-

ni-a, Dici-ra-da pe-lo ar-re-bol!

Co-mo mi-nh'al-ma sus-pi-ra, Ou-vin-do na agra-te

ly-ra Pes-ti-vos hym nos ao sol! Ou-

vin - do na a-gres-te ly - ra Fes - - ti - vos hym - nos ao

sol! Ou - vin - do na a-gres-te ly - ra Fes -

ti - vos hym - nos ao sol!

Nas-
D. C. al \oplus Fine

Fine

Hymno da Escola Normal de S. Paulo

(AOS CONTEMPORANEOS DE 1888)

Musica de JOSÉ IVO

(♩=104)
Marcial.
F

Mo - ci -
P

- da - de bri - o - - - sa a ca - mi - - - nho A ca - mi - - - nho buscan - do a ver - da - - - de. Segueim -
P

- pa - vi - - do aluz - - - do . fu - - tu - - ro Sen - - doar - - ri - - mo se - gu - ro á or - phan -

da - - - de Se - gue se - gue sem non - ca vol - tar in - do -

The first system on page 76 consists of a vocal line and a piano accompaniment. The vocal line is in a soprano register, with lyrics "da - - - de Se - gue se - gue sem non - ca vol - tar in - do -". The piano accompaniment features a rhythmic pattern of eighth and sixteenth notes, with dynamic markings of *f* and *ff*, and accents marked with asterisks.

sel - - - vos a luz es - par - gir Sé va - len - - te in can - ça - - - - - vol, cos -

The second system on page 76 continues the vocal and piano parts. The vocal line has lyrics "sel - - - vos a luz es - par - gir Sé va - len - - te in can - ça - - - - - vol, cos -". The piano accompaniment maintains the rhythmic pattern with dynamic markings of *f* and *ff*.

-tan - - - te Que tra - ba - - - - - lhas em pról do por - vir Mo - di -

The third system on page 76 features a vocal line with lyrics "-tan - - - te Que tra - ba - - - - - lhas em pról do por - vir Mo - di -". The piano accompaniment includes a section labeled "CÔRO" and dynamic markings of *f* and *ff*.

-da - - - de bri - o - - - - - sa ca - mi - - - - - nho A ca - mi - - - - - nho buscan - do a ver -

The fourth system on page 76 has a vocal line with lyrics "-da - - - de bri - o - - - - - sa ca - mi - - - - - nho A ca - mi - - - - - nho buscan - do a ver -". The piano accompaniment includes dynamic markings of *f* and *ff*.

-da - - - de Se gue im - pa - - - - - vi - do a luz do fu - tu - - - - - ro Sen - do ar -

The first system on page 77 features a vocal line with lyrics "-da - - - de Se gue im - pa - - - - - vi - do a luz do fu - tu - - - - - ro Sen - do ar -". The piano accompaniment includes dynamic markings of *f* and *ff*.

-ri - - - - - mo se - gu - ro a or - pham - da - - - - - de .

The second system on page 77 has a vocal line with lyrics "-ri - - - - - mo se - gu - ro a or - pham - da - - - - - de .". The piano accompaniment includes dynamic markings of *f* and *ff*.

The third system on page 77 shows a vocal line with a long rest and a piano accompaniment with dynamic markings of *f* and *ff*.

The fourth system on page 77 shows a vocal line with a long rest and a piano accompaniment with dynamic markings of *f* and *ff*.

DIVERSOS

Lei geral para a divisibilidade

Nosso illustre collega, sr. René Barreto, no ultimo numero desta Revista apresentou-nos um trabalho seu a respeito da divisibilidade dos numeros.

Pode-se dizer que a parte essencial de seu trabalho está na apresentação de uma lei pela qual podem ser deduzidos todos os caracteres de divisibilidade.

Vamos apreciar rapidamente seu trabalho.

A lei que nos dá é a seguinte:

Para que um numero seja divisivel por n (representando por n outro qualquer) é bastante que o seja a somma de suas unidades com os productos das potencias successivas de (10-n) pelos outros algarismos a partir das dezenas.

Assim, representando-se por u, d, c, m, D e C etc., os algarismos de um numero qualquer N, que queremos saber si é ou não divisivel por n, bastará, segundo a lei, dividir a expressão.

$$u + (10-n)d + (10-n)^2 c + (10-n)^3 m + (10-n)^4 D + (10-n)^5 C$$

A demonstração, que fiz da mesma, após sua leitura, é muito simples.

Tomemos a expressão

$$N = u + 10d + 10^2 c + 10^3 m + 10^4 D + 10^5 C + \dots$$

que representa um numero qualquer

decomposto nas unidades de suas diferentes ordens. Ora, si em todos os termos da mesma expressão, substituirmos 10 por 10-n, eliminaremos em cada um delles um multiplo de n, e portanto em toda somma, ou em todo o numero, um multiplo de n. Portanto, teremos

$$N = u + (10-n)d + (10-n)^2 c + (10-n)^3 m + \dots + Mn$$

Ora, sendo a ultima parcella Mn um multiplo de n, o resto da divisão de N por n dependerá exclusivamente da divisão da somma das outras parcellas, que formam a lei proposta.

Como o seu autor mostra, com bastante clareza e detalhe (tomando em consideração a errata que fez posteriormente pelo Estado de S. Paulo, a proposito do 7) todos os caracteres podem sahir desta lei, porquanto bastará para cada caso substituir na expressão (1), n pelo numero cujo caracter se quer achar, e eliminar, pela divisão, os multiplos do mesmo que ainda se possam conter em cada parcella.

Não se póde contestar que estabelecida a lei, a deducção dos caracteres se apresenta mais logica. Para o alumno, pelo menos, parece-nos que se torna mais sensivel a uniformidade do methodo seguido para a aquisição dos mesmos. Isto, porém, não quer dizer que não haja uniformidade no modo usual de deduzil-os. Apenas, acho, que pela lei proposta ella se

torna mais accentuada, mais caracterizada. Este alcance é incontestavel que tem. Eu, que dou extremo apreço ao methodo e que acho que este deve ser tanto quanto possivel uniforme, não posso deixar de apreciar a nota logica que a lei nos apresenta. Infelizmente, porém, ella tem o inconveniente de exigir que o alumno já conheça os signaes das potencias pares e impares das quantidades negativas.

No emtanto é preciso notar (e é exactamente por ser o primeiro a dizel-o o proprio Sr. René, que nós mais podemos apreciar a justeza de apreciação quanto ao valor de seu proprio trabalho) que o alcance pratico do mesmo é muito pequeno, porquanto não precisamos della para achar os caracteres de divisibilidade usuaes ou não.

Façamos uma apreciação dos resultados obtidos pelo Sr. René.

Quanto ao que nos mostra para o 4 e 8, não se póde negar que são bastante interessantes, sobretudo pelo facto de darem resultados que estão sempre abaixo dos limites da taboada de cada um delles, como facilmente se verificará.

Quanto ao 7, acho que tanto vale o que achou o sr. René, como o usual, que consiste em multiplicar successivamente por 1, 3, 2, -1-3, -2, a partir das unidades e ver si o resultado da somma algebrica é ou não divisivel por 7. Este, como todos os outros, póde ser deduzido da expressão (1). Com effeito, para este caso temos

$$u + 3d + 3^2 c + 3^3 m + 3^4 D + 3^5 C + 3^6 M + \dots$$

que dará, supprimindo os multiplos de 7,

$$u + 3d + 2c + 6m + 4D + 5C + M + \dots$$

$$\text{ou ainda } u + 3d + 2c - m + 3D - 2C + M + \dots$$

Poder-se-ia dizer que o habitual é preferivel, porque serve para nu-

meros de 2 algarismos. Acho que, para este caso, é prescindivel qualquer dos dous.

Quanto ao do 13, parece-me preferivel enunciar o caracter da seguinte fórmula: divide-se o numero em classes de dous algarismos, multiplicam-se successivamente as mesmas da direita para a esquerda por 1, 9 e 3; si a somma for divisivel por 13 todo o numero o será.

Evita-se assim uma subtracção e tem-se a vantagem de sempre achar-se o resto, emquanto que a maneira pela qual foi enuncida póde dar em certos casos a differença para 13.

No entretanto, a propria lei poderia fornecer um outro caracter. Com effeito, sendo n=13, teriamos

$$u - 3d + 3^2 c - 3^3 + 3^4 D - 3^5 C$$

ou eliminando os multiplos de 13

$$u - 3d + 9c - m + 3D - 9C$$

Daqui se deduz que, para 13, seria preciso applicar a regra usual do 7, tomando porém os numeros 1, -3, +9, -1, +3, -9. Tambem, neste caso, poder-se-á fazer a simplificação que se costuma fazer com o 7, isto é, achar a differença entre a somma das classes ternarias de ordem impar e a somma das classes de ordem par.

Quanto ao do 17, nada temos a dizer a não ser que parece ter sido apresentado sob a melhor fórmula possivel.

Apreciado cada um dos caracteres de per si, façamos algumas considerações sobre o assumpto.

Os caracteres de divisibilidade só têm verdadeiro surto, quando elles são muito simples, porque entre reter regras complicadas e fazer em cada caso uma divisão, é preferivel esta.

Ora, supponhamos, por exemplo, que queremos determinar si um numero é ou não divisivel por 19.

Para este podemos estabelecer, segundo a lei, que será preciso multi-

plicar successivamente seus algarismos, a partir das unidades, por $1-9+5-7+6-1+9-5+7-6$ e somar os productos ou applicar a mesma simplificação, que, para o 7 e o 13, porém para classes quinquenarias, por $1-9+5-7+6$. Assim, por exemplo, para 387695114, teríamos

$$\begin{array}{r} 95114 \\ - 3876 \\ \hline 91238 \end{array}$$

ou

$$\begin{array}{r} 8 \times 1 = 8 \quad 3 \times 9 = 27 \\ 2 \times 5 = 10 \quad 1 \times 7 = 7 \\ 9 \times 6 = 54 \quad \quad \quad 34 \\ \hline 72 \\ 72 \\ - 34 \\ \hline 38 \end{array}$$

Poderíamos, ainda, dividir em classes de 3 algarismos, multiplicar-as successivamente por $1-7-8-1+7+8+1$ e dividir o resultado da somma algebraica por 19. Assim, no caso acima, teremos

$$\begin{array}{r} 114 \times 1 = 114 \quad 695 \times 7 = 4865 \\ 387 \times 8 = 3096 \\ \hline 7961 \\ \hline 7961 \quad 7 \times 7 = 49 \quad 847 \times 1 = 847 \\ - 114 \quad \quad \quad - 49 \\ \hline 7849 \quad \quad \quad 798 \\ \hline 798 \quad | \quad 19 \\ 38 \quad 42 \\ \hline 0 \end{array}$$

O numero 387695114 será divisivel por 19.

Ora, creio que em qualquer dos dous caracteres apresentados aqui, as operações que fizemos valem bem a divisão directa, além de que teríamos que guardar uma regra muito complicada.

E' incontestavel que cada numero

tem seu caracter de divisibilidade. O surto, porém, dos caracteres da divisibilidade está em nos apontarem mais rapidamente, pela divisão directa, qual o resto da mesma. Ora, nestas condições, acceito isto como dogma, não deveremos nos deter no valor que possa ter a lei, para fornecer caracteres de numeros que não sejam os usuaes.

Todo o valor da lei está unicamente em dar maior cunho de generalidade á deducção dos caracteres usuaes.

Ella nos revela as tendencias generalizadoras de seu auctor que, aliás, não busca, como julgam alguns, lhe dar sinão seu verdadeiro valor. E' o que já se deprehende do estylo, a meu vêr, improprio, com que se a expoz.

Creio que essa lei não deverá substituir o processo actualmente seguido para a determinação dos caracteres no inicio da arithmetica. No emtanto, acho-a curiosa e conveniente para figurar em algebra. E assim como grande numero de theorias de arithmetica ficam generalizadas sómente na algebra, assim tambem se dará na deducção dos caracteres com a applicação da lei proposta pelo sr. René Barreto.

FRANCISCO FURTADO MENDES VIANNA.

REGRAS PARA TER EXITO NA VIDA

Mr. Orison Mardem é o autor de uma obra publicada ultimamente em Boston, a qual, na America, qualificaram de tractado classico da moral pratica do negociante. O seu titulo é *Push'in'g to the front*. E' uma obra de animação e indicação para aquelles que querem progredir no mundo. As conclusões finaes desta obra são as seguintes:

1.^a Não espere o momento favoravel, crie-o.

2.^a Dê a um moço resolução e systema, e ninguem poderá prever onde acabará o seu exito.

3.^a Não perca nem um minuto de seu tempo.

4.^a Quando um homem de genio como Gladstone sempre teve um livro na algibeira, de medo de passar sem util emprego um momento de sua vida, que deverá fazer um homem de conhecimentos vulgares?

5.^a Occupe-se sempre do problema de criar-se uma carreira! Para que se pôde servir? Este é o problema do seculo.

Dirija toda a sua energia para um unico fim invariavel! Não adie cousa alguma com hesitações vãs! Não pense em diversas cousas, mas sómente em uma com accentuação e persistencia!

6.^a Não perca tempo algum com sonhos do passado e do futuro; seja prompto em utilizar o momento presente.

7.^a Seja de bom humor e se acostume a tomar a vida pelo lado divertido.

8.^a Tenha boas maneiras! O homem que as têm, pôde dispensar riqueza; todas as portas lhe estão abertas: em toda a parte entrará sem pagar entrada.

9.^a O maior talento não vale tanto como o tino e o reconhecimento dos homens. Os ultimos somente affastam muitos obstaculos na carreira da vida.

10.^a Respeite-se a si mesmo; é o melhor meio para fazer com que os outros o respeitem e em si confiem.

11.^a Trabalho ou morrer! E' esta a diviza da natureza. Quando deixar de trabalhar padecerá espirital, moral e physicamente.

12.^a Seja apaixonadamente exacto, visto que vinte trabalhos mal feitos, não valem um unico bem executado.

13.^a A vida será exactamente aquillo, que cada um della fizer; o mundo nos devolve aquillo que lhe damos, isto é, cada um forja a sua fortuna.

14.^a Aprenda, em caso de máu exito, a tirar a lição que lhe aproveite.

15.^a Nada equivale á persistencia. O genio exita, experimenta, se esforça em vão; porém, a persistencia está certa de ganhar.

16.^a Cuidado em ter boa saude como base fundamental da vida.

17.^a Seja breve e conciso; seja laconico; decida de qualquer assumpto sem hesitação.

O sabio astronomo Camillo Flammarion, após estudos acurados que fez da situação geologica da Martinica, declarou que uma parte dessa ilha tem de desaparecer.

As continuas erupções vulcanicas, que se dão naquellas regiões, denotam claramente a agitação subterranea que allí vae e que, realmente, de um momento para outro, podem subverter e arrazar os pontos circumvizinhos.

Agora dizem que no dia 15 do corrente deu-se uma violenta erupção do vulcão Souffrière, em S. Vicente, acompanhada de fortes detonações e tremores de terra.

Accrescentam que os habitantes daquella cidade, apavorados, abandonaram as suas casas, refugiando-se nas montanhas visinhas, donde assistiram ao desmoronamento de muitas casas.

Os terremotos continuam.

Tem-se que se tenham dado muitas desgraças.

São esperadas com anciedade noticias daquella ilha.

Os avisos têm sido frequentemente dados: é a propria natureza que se incumbem de os transmittir. Apesar disso, o homem insiste em habitar esse abysmo de chammas e lavas.

Quando novas e mais tremendas desgraças vieram—*quod Deus avertat*—não faltará quem se queixe da Providencia, que tão severa se mostra com os infelizes.

Cumprimentos

Abaixo publicamos as palavras de incitamento e de sympathia com que a imprensa brasileira recebeu a *Revista de Ensino*, durante o seu 1.º anno de existencia.

«A *Tribuna Popular*, de envolta com os protestos de sinceras felicitações agradece, por estas columnas, á *Associação Beneficente do Professorado de S. Paulo*, a gentileza da offerta do primeiro numero da sua preciosa «*Revista de Ensino*».

Aproveitamos as ensanchas e a distincção, que nos foi feita pela util sociedade, dizendo algo sobre o valor da «*Revista*», como arma poderosa de combate e precioso escritorio da litteratura e do verso, que ali está patenteando a aptidão e o talento dos seus redactores sob as suas multiplas e insignes formas.

Merecem especial attenção os artigos dos srs. R. Puiggari, sobre *A questão dos programmas*, artigo bem feito, de conceitos sensatissimos e uteis; de Alves Pereira, sobre *Garantia do Professorado*, que o intelligente e operoso professor defende com talento; de Ramon Roca Dordal, que defende a creação de novos grupos escolares, excellente ideia que deve merecer especial attenção do governo.

Outros artigos existem subscriptos por Arnaldo Barreto e Mario Arantes, sobre assumptos palpitantes e de magno interesse para a instrucção publica do Estado.

Contos a Elza, é o titulo de um bellissimo trecho de prosa sã, vazado em bom portuguez, devido á penna amestrada de Antonio Peixoto. Sem-

pre a verdade, é um punhado de versos scintillantes e felizes da talentosa poetisa Zalina Rolim. Outra poesia de Zalina, que bastante nos agradou, foi *A Moedinha*.

Como se arranja um gallo, é uma historietta interessante, devida ao talento de A. Barreto, e o leitor delicia ainda com bons versos originaes do mesmo e com outros de Ratisbonne e de Florian, cujas traducções, feitas pelo sr. Romão Puiggari, muito nos agradaram.

Luiz Galvão e P. Silva firmam as letras de hymnos escolares, cujas musicas, no mesmo volume estampadas, pertencem aos srs. Antonio Leal, João Gomes Junior e A. Carlos.

Depois deste opulento summario vêm os estatutos da *Associação* e outras informações uteis, que demonstram cabalmente o grau de prosperidade e de solidez da optima sociedade, que veio preencher um fim nobilissimo com a sua definitiva organização; sociedade essa que deve merecer franco apoio de todos os que se interessam pelo ensino publico da nossa Patria, especialmente do governo e do professorado paulista, a quem felicitamos pelo brilhante triumpho, que com toda a gallardia acaba de alcançar com a agremiação dos seus poderosos elementos de combate pelo progresso do ensino na emancipação dos espiritos e na consagração da Republica.

Com uma carta muito honrosa, recebeu hontem o redactor desta folha todos os numeros até agora publicados da excellente *Revista de Ensino*, editada pela *Associação Beneficente do Professorado de S. Paulo*, e parece-nos de toda a utilidade que os estabelecimentos de instrucção do Estado, escolas normaes e gymnasios, officiaes ou equiparados, possuam, nas suas bibliothecas, a utilissima publicação, que é o attestado vivo do progresso do ensino em S. Paulo, mercê de uma dedicação que só a

pódem ter os profissionaes além da imprescindivel competencia.

Approximando-se agora a quadra dos exames, pomos á disposição das exmas. professoras desta cidade os numeros da *Revista*, em os quaes vêm alguns hymnos escolares já musicados.

Agradecemos á *Associação* o seu magnifico presente.

(*D'O Pharol*, de Juiz de Fóra, Minas.)

REVISTA DO ENSINO.—A vida intellectual de S. Paulo vai em crescente prosperidade. É um facto inegavel, altamente lisongeiro para nós.

Ao grande numero de publicações periodicas e avulsas que, diariamente, se registam nos jornaes, acaba de juntar-se uma nova e particularmente valiosa — a *Revista de Ensino* da *Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo*, cujo primeiro numero temos sobre a mesa.

A *Revista* é bi-mensal, subsidiada pelo governo do Estado, e tem o seguinte corpo de redacção: redactor-chefe, sr. Arnaldo de Oliveira Barreto; redactor-secretario, sr. Romão Puiggari; redactores: srs. Joaquim Luiz de Brito, João Pinto e Silva, João Lourenço Rodrigues, Alfredo Bresser da Silveira, Emilio Mario de Arantes, Ramon Roca Dordal e João Chrysostomo B. dos Reis Junior.

(*Correio Paulistano*).

REVISTA DE ENSINO.—Está publicado o segundo volume da *Revista de Ensino da Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo*, que tem como redactor-chefe o sr. Arnaldo de Oliveira Barreto.

Formando uma classe respeitavel e estimada pela sua elevada missão na sociedade, o professorado publico paulista constituiu um orgam que lhes faz honra e que póde com vantagem

ser equiparado ás melhores publicações congeneres.

Muitas gravuras explicativas illustram o presente numero, que traz tambem diversas composições musicas de Antonio Carlos e Sotero de Souza.

Gratos pela visita.

(*Diario Popular*).

REVISTA DE ENSINO da *Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo*.—Ahi está uma das publicações mais bem feitas que temos visto no genero.

Além de um programma claro e logico, traz artigos relativamente aos diversos ramos do ensino, hymnos escolares com a musica e a parte litteraria bem illustrada.

(*Dom Quixote*, do Rio).

REVISTA DE ENSINO.—Orgam da «*Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo*». Brochura de mais de duzentas paginas, encerrando excellentes trabalhos litterarios, scientificos e pedagogicos, de uma apreciavel correcção e de um lavor digno de encomios. Desde a primeira á ultima pagina sentimo-nos presos em sua leitura variada, de recreio e instrucção, tendente ao progressso moral e intellectual do nosso Estado, que sendo já a pedra angular do edificio do adiantamento instructivo brasileiro, precisa ainda altear-se mais, ainda muito mais, para fazer com que se desenrole, ante nós, o almejado quadro onde será consagrado e seguido o incansavel labor do inexcédível Cesario Motta, mentor e amigo dos que terçavam armas no campeonato do ensino publico.

(Da *Miniatura*, Itapetininga)

A REVISTA DE ENSINO, da Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo, anno I, n. 2. Si o primeiro numero foi recebido com applausos de todos quantos, como *O Democrata*, se interessam pela instrucção popular, o segundo causou verdadeira surpresa, não só pela enorme quantidade de artigos, interessantes todos, como pelo capricho e cuidado com que a bella *Revista* vai sendo trabalhada, guiada por mãos firmes de espiritos cultivados e honestos—uma pleiade de pedagogos mui distinctos, aos quaes o estado de S. Paulo deve os mais assignalados serviços, prestados aliás com a mais rara e admiravel abnegação.

Seus nomes? Estão na memoria do povo paulista, quer nas cidades mais importantes, quer nos logarejos mais longinuos, onde exista uma escola—Antonio Rodrigues Alves Pereira—a pureza de character, a personificação do cumprimento do dever, a intelligencia cultivada, hontem toda consagrada á propaganda republicana, hoje exclusivamente devotada á Instrucção; Romão Puiggari, cujos trabalhos didacticos ahí estão para attestar a competencia de um educador emerito; Carlos Escobar, o talento apto para todos os commettimentos nobres e liberaes; Augusto R. de Carvalho, por cujos ideaes—Republica e Ensino, se tem batido com a impetuosidade dos paladinos espartanos, já com a penna, já com a Manulicher; Arnaldo Barreto, idolo de seus collegas pela austeridade de um character adamantino, alliado a um profundo conhecimento scientifico de tudo quanto interessa ao ensino da mocidade, que o venera; Antonio Penna, a sympathia em pessoa, a nobreza de sentimentos por todos proclamada—characteristico da illustre familia Penna, de Taubaté, de que seu talentoso e illustrado irmão João Penna é uma gloria; etc., etc., etc.—eis o punhado de benemeritos da Cruzada que abri-

lhantam as paginas da esplendida *Revista*, que difficilmente poderá ser igualada, nunca, porém excedida, quer no Brazil, quer no estrangeiro.

Não recommendamos a leitura de tão preciosa publicação só aos mais interessados — os professores; não pois que o mestre que não a ler, commetterá um crime imperdoavel, dando prova da myopia de seu espirito: entendemos que todo cidadão patriota deve lê-la, guardal-a com carinho, encadernal-a com esmero e tel-a sempre á mão para estudo e consulta.

Agradecemos o valioso mimo com este brado de sincero entusiasmo: Bravo! Avante!!

(*Democrata*, de Jacarehy)

Está publicado o 3.º numero da *Revista de Ensino* da Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo.

Bem impresso como os outros, este fasciculo é o mais brilhante da série pela abundancia e selecção da materia que é quasi toda esplendida.

Na secção de pedagogia pratica, que é a mais util e a mais cuidada, passamos horas de grata e proveitosa leitura. Destacamos della o capitulo *Natação das escolas* do sr. Baraggiola, e as *Licções de historia de civilização* do sr. Sá e Benevides.

Na secção de letras infantis fulgura a collaboração de Z. Rolim, que é sempre apreciada.

Iamo-nos esquecendo, o que seria injustiça, de fazer referencias ao bello estudo—*Trabalho de agulhas nas classes inferiores* do sr. J. de Brito.

(*Da Vida de Hoje*, de S. Paulo.)

— *Revista de Ensino*, da Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo, publicação bi-semanal, subsidiada pelo governo do Estado.

Entregue a um competente corpo de redacção, composto de distinctos professores normalistas, a *Revista de Ensino* é uma das melhores publicações que conhecemos no genero; alguns dos artigos que insere são acompanhados de excellentes gravuras elucidativas. São cerca de duzentas paginas de agradável leitura em prosa e verso, trazendo tambem algumas composições musicas.

(*Diario Popular*, S. Paulo.)

— *Revista de Ensino*,—O 3.º numero desta esplendida revista, publicada ás expensas da Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo, e subsidiada pelo governo do Estado. A' frente de sua redacção está um grupo brilhante de distinctos membros do magisterio publico.

O numero que temos em mão é agradávelmte attrahente e de muita utilidade, pelas diversas questões suscitadas, sobre o ensino e de interesse geral.

São mais de 200 paginas, que se lêem com prazer, o volume que representa o presente numero.

(*Gazeta de Piracicaba*.)

— *Revista de Ensino*, o n. 3.º desta utilissima publicação bi-mestral editada na capital, nas officinas typographicas do «Diario Official».

Esta revista é a melhor no genero publicada em nosso Estado, e occupa-se exclusivamente de assumptos referentes á instrucção publica, para o que dispõe de um selecto corpo de redacção.

(*Cidade de Bragança*.)

REVISTA DE ENSINO, da Associação Beneficente do Professorado Publico do Estado de São Paulo, anno I, n. 3.

Não houve adjectivos encomiasticos que não empregassemos quando recebemos os ns. 1 e 2 da magnifica

Revista, e para este, que está simplesmente esplendido, pela grande copia de trabalhos magistralmente desenvolvidos por pennas brilhantes, chamamos a attenção de todos quantos exercem a nobilissima carreira do magisterio, bem como de extranhos a ella, mas que se interessam pelo progresso da instrucção em nossa Patria, unica base segura para a perfeita comprehensão da superioridade da fórma republicana sobre qualquer outra.

Si a *Revista* existisse desde longa data, doutrinando como verdadeiro e respeitavel Mestre, teria grande numero de imitadoras, o Brazil possuiria poucos analphabetos, e nós não veriamos a Republica tão desprezada pelo povo e não ouviriamos a cada passo a expontanea e sincera exclamação dos poucos republicanos que ainda se consideram puros: «Esta não é a Republica que sonhavamos!...»

(*Democrata*, Jacarehy.)

A esplendida *Revista de Ensino* da Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo, publicação bi-mestral, *subvencionada* pelo governo do Estado.

O n. 4, que temos á vista, fórma um volume de 329 paginas.

São redactores desta publicação, sem igual no nosso paiz, os srs. A. de Oliveira Barreto (redactor-chefe), R. Puiggari (redactor-secretario) e mais sete professores.

(*D'O Pharol*, de Minas.)

Recebemos um exemplar da edição da *Revista de Ensino* da Associação Beneficente do Professorado Publico do Estado, correspondente ao mez de Outubro findo.

O numero que temos á mão é cheio e variado como os que o têm procedido e além de excellentes lições traz 2 hymnos escolares: um, Saudação ao Chile, lettra do intelligente profes-

sor René Barreto e arranjo musical de Antonio Carlos, e o outro, Hymno ao Brazil, letra de G. Dias e arranjo do maestro J. Gomes Junior.

Agradecemos penhoradissimos a remessa do util e bellissimo exemplar da *Revista de Ensino*.

(Do *Município*, Lorena).

REVISTA DE ENSINO.—Recebemos hontem a magnifica Revista de Ensino, que se publica na capital do Estado, sob a habil direcção dos projectos e illustre educadores, srs. Arnaldo Barreto e Romão Puiggari.

O seu summario é enorme e compõem-se de nomes que por si só são uma recommendação.

E' incontestavelmente uma obra de grande merecimento.

(Do *Commercio do Amparo*)

O n. 4 da importante *Revista de Ensino*, a esplendida publicação da Associação Beneficente do professorado publico de S. Paulo, onde fulguram as pennas adamantinas de uma pleiade de illustres escriptores.

O presente numero traz um vasto e agradável summario digno de ser lido.

(*Gazeta de Piracicaba*)

REVISTA DE ENSINO.—Da «Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo» recebemos o numero 3 desta esplendida revista, a melhor que, neste genero, conheçemos no paiz.

O presente numero referente ao mez de Agosto, consta de mais de 200 paginas nitidamente impressas, contendo variadas producções em prosa e verso, de proveitosa leitura.

Entre as poesias postas em musica figura a do nosso distincto collaborador e amigo Maranhão Sobrinho, intitulada «O Livro».

São redactores desta revista os professores Arnaldo de Oliveira Barreto, Romão Puiggari, Joaquim Luiz

de Brito, João Pinto e Silva, João Lourenço Rodrigues, Alfredo Bresser da Silveira, Emilio Mario Arantes, Ramon Roca Dordal e João Chrysostomo E. dos Reis Junior.

Desejamos a esta utilissima publicação bimestral a maior somma de prosperidades em beneficio dos seus sublimados ideaes.

Nossos agradecimentos pela honrosa visita.

(Do *Avante!*—Estado do Maranhão)

REVISTA DE ENSINO.—Temos em mão o n. 4 desta importante e utilissima publicação, organ da Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo, proficientemente dirigida pelos srs. Arnaldo Barreto e Romão Puiggari.

A *Revista* satisfaz a uma necessidade no nosso meio pedagogico, por isso que com a competencia dos seus redactores e brilhante corpo de collaboradores, ella aborda não sómente os assumptos meramente didacticos, mas tambem aos de exclusiva inducção litteraria e artistica. Alem de que, representante do professorado publico, a *Revista* é um seguro repositório de boas informações para os professores e para todos, emfim, que não descuram do progresso do ensino.

(*Correio Paulistano*)

REVISTA DE ENSINO da Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo.—Publicação bimestral, redactor-chefe, Arnaldo de Oliveira Barreto; redactor-secretario, Romão Puiggari; anno I, ns. 1 e 2, S. Paulo, Abril e Junho de 1902. O inolvidavel paulista Cesario Motta, que momentos antes de morrer escreveu o primoroso hymno *Vivê, sofri, gosei, morri*, reformando o ensino na Paulicéa, impoz-se á gratidão dos seus conterrancos. E a revista que temos sobre a mesa não é mais que o fructo da semente plantada pelo grande pedagogo. As bases funda-

mentaes da Associação, de que é organ a *Revista de Ensino*, foram lançadas por um grupo de professores da terra dos Andradas, em 27 de Janeiro de 1901 e conta hoje 376 socios.

A publicação, que é subsidiada pelo governo de S. Paulo, traz uma summula abundantissima, como seja: questões geraes, pedagogia pratica, litteratura infantil, critica sobre trabalhos escolares, hymnos escolares (letra e musica), movimento associativo.

Compulsando-as, ver-se-á com os factos, o grau de desenvolvimento a que attingiu o ensino publico nesse Estado da União, sem duvida o mais prospero em instrucção, e grau esse que a Associação do Professorado trabalha para elevar ainda mais.

(*D'Os Novos*, S. Luiz, Maranhão).

REVISTA DE ENSINO.—Temos sobre a nossa mesa o n. 4 da *Revista de Ensino* da Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo.

Publicada sob a competente direcção dos mais projectos educadores do nosso Estado, foi com verdadeiro prazer que percorremos as paginas da excellent revista, que estuda e expõe com a maxima clareza os diversos methodos de educação litteraria, physica e moral da creança.

Além disso, a revista que temos sob os nossos olhos é o mais eloquente attestado da competencia do professorado publico do Estado de São Paulo, e justifica plenamente o desenvolvimento que nos ultimos annos tem tido a instrucção do nosso povo.

Nenhum professor ou chefe de familia que ligue interesse á educação de seus filhos deve deixar de possuir a revista alludida, por constituir uma preciosa fonte de ensino pratico.

Agradecendo a remessa com que fomos honrados, enviamos aos distinctos redactores da *Revista* as nossas mais sinceras felicitações pelo

grande serviço que estão prestando á instrucção popular.

(*Correio do Sertão*).

PAGINAS. — Que agradabilissimos momentos passei, ante-hontem, ao descançar o espirito nessas brilhantes paginas da *Revista de Ensino*, que mão camararia me enviou! Como se sente alli o carinhoso amor que o mestre sabe dedicar ás creanças, tornando-lhes a escola uma delicia, o ensino um verdadeiro encanto.

Por isso, tristes que sejam as horas por que passe a terra paulistana, rudes que lhes sejam as provanças de agora, não podem os seus naturaes maldizer da Republica que lhes deu no governo esse grande patriota, esse bellissimo coração que se chamou Cesario Motta Junior. Abençoado sementeiro de tanta luz, a elle deve S. Paulo o possuir esse enlevo que é a sua instrucção primaria, com as suas escolas modelo, os grupos escolares, o professorado competente, bem remunerado, fazendo do magisterio o sacerdocio de que a *Revista* é um exemplo.

Lendo os hymnos escolares, a saudade evocou idos tempos, em que me era dado ouvir vozes infantis enchendo as salas de aula com a sonoridade argentina desses canticos, ao começar os trabalhos, e á sua terminação... Que gracioso chilreio o dessas avesinhas que vinham, ao claro sol das manhãs, batendo estradas, para a escola onde tudo as convidava á alegria do estudo! E eu, que conheci a aula régia, consoante a phrase desse tempo, sem mobilia outra que nem os taes bancos durissimos que ainda se usam em Minas, sem esses lindos quadros para aprendizagem de tanta cousa util; eu que sou da epocha da *Santa Luzia* ferocissima e das apertadas sabbatinas de taboada, via, com prazer, a escola, no meu paiz transmutar-

se em templosinho garrido, em que se está tão bem, a ouvir as maravilhas contadas por um mestre amigo, amavel, sem ralhos e sem repellões.

Já achava que muito nos havíamos adeantado, nós, os cariocas, nesse ramo de serviço publico, a que Ramiz Galvão soubera dar um forte impulso. Mas, em terras paulistas, Cesario Motta, uma competencia ao serviço de uma vontade energica — realisava, por completo, o ideal, dotando o seu Estado com a escola primaria como só se pôde encontrar lá fóra, no estrangeiro, onde as questões de ensino não são entregues aos amadores nem a quaesquer bacharelengos.

O que elle fez, o plano que elle pôz em pratica lá está, e por detestavel que venha a ser a orientação politica em S. Paulo—como em parte já o está sendo—parece-me difficil aos *fainéants*, arvorados em governantes, destruirem o que tão solidamente foi construido.

Quem lê a *Revista* percebe o professorado vinculado aos interesses da sua missão; sente-lhe o entusiasmo que o domina; comprehende-o um cuidadoso no seu ministerio fazendo garbo de ser o paciente guieiro das creanças nos seus primeiros passos da longa jornada que lhes cabe percorrer.

E' o liame do amor: o discipulo amando a escola, fazendo questão de não *gazear*; o professor amando ao seu alumno, trabalhando, satisfeitissimo, por essas existencias que se vão descerrando, e que guardarão da escola primaria a mais suave e a mais commovedora recordação...

Que esforçados e gloriosos palinuros! e que abençoada estrella aprouve ao destino fazer lucilar á infancia paulistana, dando-lhe a valiosissima mercê de iniciar os seus estudos, tão largamente aquinhoada!

Pobre de vós mestres mineiros, e não menos pobres de vós, creanças

desta terra, onde já nem se encontram mais, entre os estudantes, os bons latinistas, e raream, cada dia, os bons musicos...

O ensino primario, uma grande lastima: o professorado a pataca e meia, sem livros, sem inspecção, sem salas de aula. O secundario, como em todo o Brazil, ministrado *à la minute*, numa electricidade tal, que não deixa o preparatorio distinctuir um verbo de um adjectivo!

E despense-se tanto dinheiro com tanta cousa inutil — a começar pelo Congresso, em cujos annaes figuram — eterna macula! — as raposices e os pareceres do sr. de S. Geraldo...

Não é a tóa que o paulista, activo como um *yankee*, prespicaz, fala da sua terra com orgulho...—A.

(*O Pharol*, de Juiz de Fóra (Minas), 23 de Outubro de 1903).

REVISTA DE ENSINO.—Da Associação Beneficente do Professorado Publico, o numero 4 publicado este mez, constante de uma elegante brochura contendo 260 paginas, todas cheias de artigos uteis e bem lançados, e de grande interesse ao ensino primario.

Esta revista, a melhor no genero publicada entre nós, occupa-se somente de assumptos pedagogicos, constituindo por isso uma publicação de grande importancia e utilidade.

(*Cidade de Bragança*)

REVISTA DE ENSINO, da Associação Beneficente do Professorado Publico do Estado de S. Paulo. E' o numero 3 o que temos presente, um numero magistral de mais de 200 paginas, caprichosamente collaborado e esmeradamente impresso. E' esta, incontestavelmente, a melhor revista que, no genero, se publica no Brazil.

(*O Imparcial*, Taubaté)

REVISTA DE ENSINO.—Fomos distinguidos com um exemplar da importante *Revista de Ensino*, da Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo, cujo trabalho muito honra á classe, que com proficiencia redige tão util livro.

Agradecemos e retribuiremos com *A Evolução*.
(*D'A Evolução*, Casa Branca)

REVISTA DE ENSINO.—No dia 27 de Janeiro p. p. completou o seu primeiro anno de utilissima publicação a *Revista de Ensino*, editada em S. Paulo bi-mestralmente, e subsidiada pelo governo daquelle heroico Estado.

A esplendida *Revista*, dispensa pois os nossos elogios, bastando apenas dizermos: quem ler as suas bellas paginas, ficará inteirado do grau de adiantamento e progresso do visinho Estado.

Ao iniciar a illustre collega o seu 2.º anno, *O Itaúna* humildemente envia-lhe sinceras felicitações, de envolta com os votos de prosperidade.

(*D'O Itaúna*—Minas)

—O n. 6 da REVISTA DE ENSINO, que temos presente, está um primor. Num volume vistoso, vêm publicados artigos sobre pedagogia, sciencias, artes e uma parte litteraria, em prosa e verso, brilhantissima.

A *Revista*, que com este numero completa seu primeiro anno, saudamos cordialmente.

(*D'O Jornal de Taubaté*)

Recebemos e temos com agrado a REVISTA DE ENSINO da Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo.

Cada dia o adeantado Estado nos dá uma prova, cada vez mais palpavel, de seu progresso no campo da instrucção.

Já falaram bem alto o magistral relatorio do operoso major Estevam de Oliveira, encarregado pelo governo

de Minas de estudar a instrucção em S. Paulo e Rio, e a primorosa descripção do illustre escriptor portuguez, Sr. Antonio Figueirinhas.

A *Revista* confirma o conceito unanime sobre o progresso instructivo do Estado de S. Paulo.

O summario do presente numero é o seguinte, que dá idéa de sua importancia:

Questões geraes;
Pedagogia pratica;
Diversos;
Litteratura infantil;
Os nossos edificios escolares;
Critica sobre trabalhos escolares;
Hymnos escolares (letra e musica);
Movimento associativo;
Noticiario;
Annuncios.

Quando nossa querida Minas fará o mesmo?! Ah! com os optimos elementos naturaes de que dispõe, facilmente poperia conquistar a vanguarda no progresso da instrucção popular, si para esse lado, o principal, nossos homens tivessem lançado suas vistas patrioticas!

Felizmente o illustre Dr. Francisco Salles, a golpes de justiça e de equidade, de probidade e desassombro, tem extirpado hervas damninhas que nos afogavam, e os horizontes de nossa felicidade vão-se clareando.

Continue S. Ex.^a, sem dar ouvidos aos despeitados, a decepar as cabeças da nova hydra da politicagem, que nossa querida Minas entrará no caminho da felicidade e seu nome terá immarcesciveis laureis nas benções que sobre elle choverão, reaccendendo-se em nossos corações as sempre doces convicções de patriotismo, nas firmes esperanças da paz e alegria.

(*Da Gazeta do Rio Novo*—Minas).

REVISTA DE ENSINO.—Recebemos o n. 6, correspondente ao mez de Fevereiro, daquelle excellente publicação da Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo.

Com este numero completa essa util publicação o seu primeiro anniversario, tendo num só anno feito um repositório de conhecimentos, enfeixados na sua colleção, equivalente a uma bibliotheca inteira.

Nossas felicitações.

Do (*Mogyano*—*Mogy-mirim*).

Recebemos o numero 6 da *Revista de Ensino*, da Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo.

Com este numero a illustrada collega commemora o 2.º anniversario da Associação e o seu primeiro anno de luctas em prol da nobre classe a que se' filiou como arauto da sua excellencia.

Agradecendo a visita, levamos as nossas saudações aos distinctos redactores e mais membros da *Revista*.

REVISTA DE ENSINO.—Magnifico o numero da *Revista de Ensino*, utilissima publicação bimestral da capital do Estado, especialmente dedicada ás escolas e contendo, por isso, contos e poesias adequadas á comprehensão das crianças, alem da variadissima parte pedagogica.

(*Gazeta de Capivary*).

Completo o seu primeiro anno de utilissima existencia, a interessante *Revista de Ensino*, organo da Associação Beneficente do Professorado Publico deste Estado, cuja publicação, que é subsidiada pelo governo, é de summa importancia para a instrucção popular.

Ao collega um aperto de mão e sinceros votos pelo seu continuo progresso.

(*O Tieté*—*Tieté*).

REVISTA DE ENSINO.—Já nos achamos de posse do n. 6 da excellente *Revista de Ensino* da Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo, a excellente publicação subsidiada pelo patriótico governo do

Estado, e de grande valor para todos quantos se dedicam ao magisterio, pela grande somma de conhecimentos que bi-mestralmente são ministrados aos professores.

O presente numero que contem duzentas e tantas paginas, trata de diversos assumptos interessantes.

Como vêm os leitores é a *Revista* uma excellente publicação no genero. Bananal — 16 — 2 — 1903.

Agradecemos.

(Do *Bananal* — Bananal).

—Tambem recebemos o n. 6 da magnifica *Revista de Ensino*, da Associação Beneficente do Professorado de S. Paulo.

Como os demais numeros que temos recebido, traz este excellentes artigos pedagogicos, de grande valor para os que se dedicam ao magno assumpto da educação. Inere ainda o discurso proferido pelo sr. José Feliciano, paranympho dos professorandos de 1902 da Escola Normal, por occasião da entrega dos diplomas, e o relatório da directoria da utilissima Associação sob cujos auspícios é publicada a *Revista*.

(*Correio de Botucatú*).

Está publicado o numero 6 da *Revista de Ensino* da Associação Beneficente do Professorado Publico de São Paulo.

Como nos anteriores não desmentiu o conceito altamente lisonjeiro de que gosam os seus illustrados redactores, chefiados pelo talentoso professor Arnaldo Barreto. Como os precedentes vem illuminado pelas pennas de colaboradores brilhantes como Augusto R. de Carvalho, Puiggari, Antonio Penna, Gabriel Ortiz, Carlos Escobar e outros.

A *Revista* entrou agora no 2.º anno de sua existencia preciosa.

Parabens!

(*D'O Democrata* — Jacarehy).

REVISTA DE ENSINO.—Abrilhanta a nossa mesa de trabalho o n. 6 da esplendida publicação bi-mestral *Revista de Ensino*, da Associação Beneficente do Professorado Publico de São Paulo, redigida pelo illustrado educacionista sr. Arnaldo de Oliveira Barreto, auxiliado pela competencia e talentos dos srs. Romão Puiggari, Joaquim Luiz de Brito, João Pinto e Silva, João Lourenço Rodrigues, Alfredo Bresser da Silveira, Emilio Mario Arantes, Ramon Roca Dordal e João Chrysostomo Bueno dos Reis Junior, pleiade distinctissima, a cuja dedicação se deve o progresso crescente da instrucção em S. Paulo, na parte que lhe cabe—de não pequena importancia—na actualidade nesse elevado ramo de serviço publico.

O riquissimo contendo deste exemplar da *Revista* annuncia-se em sumario na primeira pagina, o qual não reproduzimos por ser longo.

(Da *Comarca*, *Mogy-mirim*).

O ultimo numero da *Revista de Ensino* está excellentemente como os passados. A brilhante publicação, sem duvida o melhor que no genero se publica em lingua portugueza, completou um anno de util existencia.

Comprimntamos jubilosos á illustre redacção da bella *Revista*.

(Do *Novidades*, S. Paulo).

REVISTA DE ENSINO, da Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo.

E' mais um numero publicado desta magnifica *Revista* que abrange 230 paginas. Tem como redactor-chefe o distincto sub-director da Escola Normal de S. Paulo, sr. Arnaldo de Oliveira Barreto, redactor-secretario o sr. Romão Puiggari. O corpo da redacção effectiva é constituido por outros insignes professores, inspectores e pedagogos, taes como, os srs. Joaquim Luiz de Brito, João Pinto e Silva, João Lourenço Rodrigues,

Alfredo Bresser da Silveira, Emilio Mario Arantes, Ramon Roca Dordal, João B. dos Reis Junior.

O summario da apreciavel revista é deveras importante, inserindo artigos e gravuras interessantissimas.

Esta revista faz honra á escola paulista e revela a evidencia do grau de desenvolvimento que tem attainedo, em um prazo de tempo relativamente curto.

O director deste jornal agradece muito as generosas palavras que lhe são consagradas neste numero.

(Da *Educação Nacional*, Lisboa, Port.)

REVISTA DE ENSINO.—Recebemos o n. 6 desta excellente publicação, organo da Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo, sympathica e prospera agremiação a que já em tempos nos referimos.

O numero presente, repleto como sempre de apreciavel materia, dá-nos uma bonita valsa em dó menor—*Jardim da infancia*—com bastante originalidade e expressão, composição de Guiomar Novaes, alumna do Jardim da Infancia, daquella capital, que conta apenas 7 annos de idade e possui a bossa musical no mais elevado grau.

(*Gazeta do Rio Novo*, Minas).

REVISTA DE ENSINO.—Recebemos os tres primeiros numeros da *Revista de Ensino*, do Professorado Publico Primario de S. Paulo, magnifica publicação trimestral, subsidiada pelo governo do Estado.

Contém excellentes artigos sobre a pedagogia pratica, literatura infantil, critica, etc., além de uma parte artistica contendo bellos desenhos e varias musicas para hymnos escolares.

E' um importantissimo repositório do que se póde imaginar de melhor na instrucção primaria.

Gratos pela preciosa offerta.

(Da revista *A Escola*—Pará).

De S. Paulo nos veiu a *Revista de Ensino*, da Associação Beneficente do professorado publico, n. 6, ou ultimo numero do 1.º anno.

E' uma excellente publicação, utilissima a seu fim e que por isso folgamos de ter sobre a mesa, embora pela primeira vez e assim sem os demais numeros da collecção. E' seu redactor-chefe o sr. Arnaldo de Oliveira Barreto, havendo, porém, diversos redactores effectivos.

Agradecemos a visita, que retribuiremos com satisfação.

(D'O *Resistente* — Minas).

Completo o seu primeiro anno de existencia a *Revista de Ensino*, brilhantemente redigida por uma commissão de membros da Associação Beneficente do Professorado Publico do nosso Estado.

Saudamos cordialmente a redacção da *Revista* por esse motivo.

(Da *Cidade de S. João* — «Boa Vista»).

REVISTA DE ENSINO.—Honra a nossa modesta mesa de trabalhos, o numero 4 da *Revista de Ensino*, que se publica na Capital de S. Paulo.

A sua leitura, nos auctorisa a simplesmente dizer: a *Revista de Ensino* é incontestavelmente uma das melhores publicações que mostram o progresso fulgurante de S. Paulo.

Gratos pela visita.

—Mais um esplendido numero da *Revista de Ensino*, foi distribuido este mez.

Nesse numero vem o segundo acto do drama *Tiradentes*, do nosso distincto amigo e conterraneo professor Galdino Alvares Corrêa.

(Da *Cidade de Ytú*).

Calumnias

O *Malho*, do Rio, pela mão de um seu correspondente daqui de S. Paulo, talvez o mesmo que ultimamente se tem mostrado o mais encarniçado inimigo dos professores paulistas, deu uma *bicada* em que procurou magoar o nosso presado mestre e amigo, Exmo. Sr. Dr. Sá e Benevides.

Numa pennada apenas, porém, o illustre professor de Historia, na Escola Normal, confunde o calumniador; pelo que daqui lhe enviamos os nossos mais sinceros parabens, pedindo-lhe que não mais responda a individuos que se encapotam no anônimo para poderem fugir ao castigo que merecem.

Eis as palavras com que o nosso presado amigo reduziu o detractor ás suas justas proporções:

«AO PUBLICO»

«Victima de uma mentirosa e desprezível noticia fornecida ao «O Malho» (n. 27—de 21 do corrente), pelo seu correspondente de S. Paulo, que se revelou tão leviano quanto calumniador, sou forçado a vir á imprensa para restabelecer a verdade dos factos—e defender a minha dignidade e, principalmente, a do cargo que tenho a honra de exercer.

A noticia, a que me refiro, é a seguinte:

«*Paulistanas*.—Entre o professorado publico de S. Paulo... etc...

Um delles publicou ha tempos um trabalho que passou despercebido e é um plagio monumental. O primeiro alarma dou-o agora, e no *Malho*, por que o auctor plagiado reside e lecciona ali no Rio. E' o dr. Feliciano Pinheiro Bittencourt, cujas lições de Historia do Brazil foram aqui reeditadas pelo lente desta materia na Escola Normal, como cousa propria. Para que elle o saiba e tome as providencias é que bradamos daqui o péga!»

Venho declarar, a bem da verdade—o seguinte:

1.º) Que sou realmente o auctor do trabalho intitulado «Pontos de Historia do Brazil, organizados por J.*** B.*** — o qual foi publicado no anno passado, e encontra-se, actualmente, em 2.ª edição, em todas as livrarias;

2.º) Que esse trabalho nada tem de monumental, e muito menos de plagio— e disso facilmente se convencerá o publico lendo-o á começar pela primeira pagina, onde encontrará o seguinte:

UMA EXPLICACÃO NECESSARIA

Aos leitores.

Simples compilação, em grande parte, de trabalhos didacticos de abalizados professores (João Ribeiro, dr. Feliciano Pinheiro Bittencourt, dr. Mattoso Maia, Bacharel A. Moreira Pinto, P. Raphael Galanti e outros), tem o presente opusculo o unico merito de ministrar aos candidatos a exame de sufficiencia um meio seguro e facil de habilitarem-se em uma das materias exigidas pelo novo Regulamento do Escola Normal. Si o resultado obtido pelos candidatos corresponder ao intuito do seu trabalho bem recompensado ficará.—O auctor»

Declaro mais que ao Illmo. Sr. Dr. Feliciano Pinheiro Bittencourt dirigi uma carta nos termos seguintes:

«Illm. Sr. Dr. Feliciano Pinheiro Bittencourt.—S. Paulo, 23 de Março de 1903. Saudações.—No «O Malho», dessa capital, n. 27, de 21 do corrente, sob o titulo *Paulistanas*, faz-se uma referencia ao lente de Historia da Escola Normal—que obrigou-me a restabelecer pela imprensa a verdade dos factos.

Para que não fôrme falso juizo a meu respeito, visto ser desconhecido de v. s., peço licença para offerecer-lhe um exemplar do pretendido cor-

po de delicto do plagio do seu «Resumo de Historia Geral e do Brazil», publicado em 1900, assim como tambem um exemplar das lições de Historia da Civilisação, organizadas e publicadas ultimamente para uso dos meus discipulos.

Si, conhecedor da verdade, convencer-se v. s. de que fui victima de leviana e calumniosa accusação do «O Malho», e, de qualquer fórma, puder intervir para que tal jornal repare o mal feito á minha reputação, muito obrigará a quem se subscreve—De v. s. coll.ª, venr. e cr.º.—José E. C. de Sá e Benevides».

Restabelecida assim a verdade dos factos, não mais voltarei á imprensa, qualquer que seja a provocação, a proposito de tão desprezível noticia.

S. Paulo, 23 de Março de 1903.

JOSÉ E. C. SÁ E BENEVIDES.

Curso Theorico e Practico de Musica Elementar

Acaba de ser publicado o trabalho que sob o titulo acima elaboraram os distinctos collegas João Gomes Junior e M. Carneiro Junior.

Accedendo ao convite da redacção da *Revista*, para escrever algo sobre a interessante obra, devemos, antes de tudo, pedir a quem nos ler, nos dispense de falar sobre a parte propriamente technica, musical, pois os pareceres dos illustrados profissionaes, que se encarregaram de, por incumbencia do Governo, examinal-a, formam argumentos eloquentes para demonstrar a consciencia com que foi organizado o *Curso Theorico e Practico de Musica Elementar*.

Pedimos emtanto permissão, para transcrever uns pequenos trechos do nosso distincto mestre—maestro Antonio Carlos:

« Quanto á maneira de construir a pauta, achamol-a bastante engenhosa. Parece-nos que este processo, que consiste em traçar no quadro negro uma linha de cada vez, até que a pauta se ache completa, deve ser muito pratico e intuitivo, e, por isso, a criança deve comprehender com muita facilidade.

Achamos pratica, e por conseguinte boa, a maneira de ensinar os valores das figuras de duração positiva e negativa. Achamos pratica e boa a maneira de ensinar o valor do *ponto* do *duplo ponto*, da *ligadura* ou *ligação*. Em relação ao compasso parece-nos que a definição é bem achada. Achamos esplendida a definição de intervallo, por ser muito clara e dar uma idéa do que seja intervallo em musica.»

« Todas as outras partes de que se compõe o « Curso de musica theorico e pratico » em questão, segundo o nosso modo de ver, são bastante desenvolvidas, e desenvolvidas com clareza e methodo. »

Tendo nos reservado para tratar apenas da parte didactica do livro, em sua applicação no curso primario, escolhemos os trechos acima, que numa proposição resumem a opinião sobre o conjuncto da obra e noutras salienta a parte, que maior impressionou o nosso espirito de educador.

Quanto a nós, somos de opinião que a musica, como muitas outras disciplinas do programma do curso preliminar, entra na escola com um fim meramente educativo, sem intuito de formar artistas ou mesmo AMADORES da arte.

Tornar o sentido auditivo apto a receber e apreciar todas as sensações que lhe são proprias, realisar e habituar, por meio do canto, os or-

gans respiratorios a uma gymnastica benefica ao organismo, amenisar o ensino, descansando os alumnos dos estudos que exigem esforços intellectuaes, taes são os principaes fins do ensino de musica ás crianças, nas escolas publicas.

E sendo assim, é claro que convem evitar o mais possivel as theorias que vão sobrecarregar as faculdades intellectuaes, em prejuizo do esforço que necessitam empregar em outras disciplinas.

Uma vez, porém, que se podem aliar os conhecimentos theoricos mais rudimentares aos exercicios praticos de fins educativos, não nos parece que devam aquelles ser desprezados.

E a este respeito o « curso de musica » de que tratamos muito bons serviços pode prestar aos preceptores intelligentes, que não se limitam a collocar nas mãos das crianças os compendios, exigindo dellas a repetição servil do que estudam.

O nosso distincto mestre, como habil preceptor que é, não deixou despercebido que comprehende a necessidade do professor auxiliar o compendio, auxiliando-se do compendio, quando diz, em relação ao modo de construir a pauta: « Parece-nos que este processo que consiste em traçar no QUADRO NEGRO uma linha de cada vez, etc. »

Com effeito, si o professor entender de dar, de uma só vez, toda a pauta musical e logo em seguida as figuras, as definições e o mais, conseguirá muito depressa que os alumnos exhibam conhecimentos musicaes, podendo illudir aquelles que não conhecem ensino, mas nullos na realidade.

A orientação dada nesta parte pelos autores do livro é um grande passo para ensino da musica e é identica a dada por outros autores musicaes e com resultados satisfatorios, como temos tido occasião de apreciar no emprego, por alguns pro-

fessores, do methodo Schmoll, em que é usado processo semelhante para o ensino das notas.

Das palavras que acabamos de traçar, comprehende-se facilmente que o nosso modo de pensar sobre o assumpto é que o livro não deve ser seguido como compendio pelo alumno; quando muito servirá para recapitular as noções adquiridas na classe, onde o professor leccionará, abandonando o systema antigo de *decomposição*.

Portanto, o ensino dos valores das *figuras*, do *ponto*, *duplo-ponto*, etc. deve tambem ser feito, segundo a orientação suggerida pelo illustrado maestro.

Antes de terminar pedimos permissão aos intelligentes auctores para notar um pequeno *senão*, segundo o que pensamos, na parte em que dá os quadros dos valores das figuras.

O classico systema de organizar tal quadro, de accôrdo com orientação de que usaram os auctores quando foram decompondo a semibreve em duas minimas, cada uma destas

em duas seminimas, etc. dá uma melhor idéa dos valores do que os quadros de pags. 25 e 26.

A representação commum dá melhor idéa da relação de valores existentes entre a simibreve, as minimas e siminimas do que a usada pelos illustres collegas.

Porque o valor da simibreve parece, no seu trabalho, como só representado por 1 quadro, a da minima, que que é metade della, por 2 e a siminima, que é a 4.^a parte, por um.

E' facto que os numeros exprimem a verdade, mas, si se tem em vista a apprehensão rapida dos valores, a innovação traz uma difficuldade, que talvez não fosse prevista pelos auctores.

Esta observação, porém, não tem em vista depreciar o trabalho que, pensamos, virá prestar optimos serviços á escola publica, e felicitamos por isso o magisterio do Estado por mais esta prova do seu continuo progredir.

ANTONIO R. A. PEREIRA.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Sessões

A nova directoria realisou até hoje duas sessões ordinarias e duas extraordinarias, tendo sido em numero de 30 os professores que, como socios effectivos, pediram a inclusão de seus nomes no quadro social.

Uma das sessões extraordinarias foi convocada expressamente para a discussão do novo regulamento da caixa de emprestimo, desligada da thesouraria por acto da assembléa geral ultima. Para o desempenho dessa commissão foram nomeados os professores João Baptista de Brito, Antonio Penna e Luiz Cardoso Franco.

Outra deliberação importante tomada pela directoria foi dar execução ao projecto da organização de um programma de ensino para as nossas escolas preliminares, convidando para nelle collaborarem os srs. Arnaldo Barreto e Romão Puiggari, redactores chefe e secretario da *Revista de Ensino* e seus dignos auxiliares.

Pelo balancete trimestral apresentado pelo sr. thesoureiro e approvedo pelo conselho fiscal e que em outro logar vai publicado, verificarão os srs. associados que, a 15 de Março, existia nos cofres sociaes o saldo liquido de rs. 8:198\$580, attestando isso que são boas as condições financeiras da Associação.

A *Revista de Ensino*, que se tornou o arauto das necessidades da classe, festeja o seu primeiro anniversario, sendo larga a seara de beneficios que ella tem espalhado. E',

pois, justa a nossa satisfação e o orgulho que deve animar aquelle pugillo de professores que, na mais brilhante das iniciativas, lançou os fundamentos desta Associação, tendo por nobres intuitos emprestar energia moral á classe do professorado paulista, que cabia em condemnavel declinio.

**

A secretaria da sociedade expedirá diplomas de socio áquelles que os requisitarem, mediante a taxa de 2\$000.

Para a gestão da caixa de emprestimos foi convidado o professor Augusto Ribeiro de Carvalho, que atenderá, diariamente, na séde social, aos interessados.

Foram, assim, designados para, pelos respectivos mezes do anno, exercerem as suas attribuições as ex.^{mas} mordomas eleitas:

- D. Catharina C. de Moura—Fevereiro
- D. Elisa de Macedo—Março.
- D. Georgina C. da Silva—Abril.
- D. Izabel Esteves Victorio—Maio.
- D. Maria Minervina Payão—Junho.
- D. Delphina Lemos—Julho.
- D. Antonina de Almeida—Agosto.
- D. Carolina C. Galvão—Setembro.
- D. Eulalia Ortiz da Silva—Outubro.
- D. Alzira de A. Pontes—Novembro.
- D. Leonor Campos—Dezembro.
- D. Anna Carolina de Almeida Freitas—Janeiro de 1904.

Secretaria da Associação, 20 de Março de 1903.

ANTONIO PEIXOTO,
1.º secretario.

Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo

BALANCETE DO 1.º TRIMESTRE DE 1903, A CONTAR DE 18 DE JANEIRO A 15 DE MARÇO

RECEITA		DESEPEZA	
Saldo recebido do ex-theSoureiro.	6:96\$620	Letras a receber:	5:213\$000
Letras a receber:	4:90\$300	Descontadas.	368\$000
Resgatadas.	115\$670	Auxilios:	260\$000
Juros e descontos:	3:720\$000	Em medico e pharmacia	320\$000
Recebidos	198\$000	Em pensão a viuva e lucto.	
Jóias e mensalidades:	600\$000	Em diuheiro	
Jóias recebidas	55\$790	Diplomas:	
«Revista de Ensino»:		Pago por 1.000 diplomas	
Recibido		«Revista de Ensino»:	
Banco Commercio e Industria:		Despenhido	
Recibido cheque n.		Banco Commercio e Industria:	
Despezas geraes:		Dinheiro depositado	
Recibido importancia do protesto de duas letras.		Despezas geraes:	
		Empregados.	
		Cobrador	
		Protestos de letras	
		Porte do Correio.	
		Sellos para correspondencia,	
		Diversas	
		Saldo	
Somma.	10:368\$510	Somma	10:368\$510

S. Paulo, 15 de Março de 1903

O TheSoureiro,
Luiz Cardoso Franco.

O Presidente,
Francisco M. Bomilho Junior.

PARECER

O Conselho Fiscal da Associação Beneficente do accórdio com a escripturação dos livros respectivos, pelo Professorado Publico do Estado de S. Paulo, tendo que é de parecer que seja o mesmo approvedo. examinado este balancete, apresentado pelo sr. TheSoureiro, em sessão de 15 do corrente, achou-o de *vão*, relator.—Antonio Penna.—João Baptista de Brito.

POSTO MEDICO

São medicos da Associação:

DR. CARLOS MEYER

E' encontrado em sua residencia, á rua Amaral Gurgel, 16 (villa Buarque), todos os dias, até ás 9 horas da manhã.

O dr. Meyer promptifica-se a fazer visitas diurnas ás familias dos associados, na Capital, pelo preço de 5\$000.

DR. GABRIEL CESARIO DE FREITAS

RESIDENCIA: Rua Helvetia n. 28.
Dá consultas aos associados, do meio dia á uma hora da tarde.

DR. ALVARO DE OLIVEIRA RIBEIRO

RESIDENCIA: rua Victoria 156 (Pharmacia da Fé).
Dá gratuitamente consultas aos associados.

PHARMACIAS

Fornece medicamentos aos associados com abatimento de 20 %.
Pharmacia de Santa Thereza DE

IGNACIO PUIGGARI, á rua Santa Thereza n. 9.

CIRURGIÃO DENTISTA

O *cirurgião dentista*, sr. JAYME TEIXEIRA, presta aos associados os serviços de sua profissão, fazendo abatimento nos preços e com a facilidade de serem os respectivos pagamentos feitos em prestações mensaes.

GABINETE E RESIDENCIA: Rua General Jardim n. 73, canto da rua Cesario Motta.

CONSULTAS: das 8 ás 10 da manhã, e das 11 ás 5 da tarde.

TERRENOS NO YPIRANGA

Acham-se na Secretaria da Sociedade os recibos das futuras prestações.

O primeiro sortecio mensal de bonificação effectuou-se no domingo, 21 de Fevereiro, conforme a disposição da respectiva clausula. O prazo para as inscrições ultimou a 15 do mez passado.

Para quaesquer informações os interessados pódem dirigir-se ao sr. Antonio Peixoto, 1.º secretario.

NOTICIARIO

Programma de ensino

PRIMEIRA PARTE

De ha muito que está de pé entre o corpo de redacção da nossa «Revista» e outros membros do magisterio publico, a idéa da organização dum novo programma de ensino primario.

Apoiando essa idéa, a digna directoria da «Associação Beneficente do Professorado Publico» convidou os membros da redacção da «Revista de Ensino» para tratarem das bases sobre as quaes deve assentar tal organização, pelo que, reunidos esses membros, em commissão, no dia 7 de Março p. findo, em uma das salas da Associação e sob a presidencia do redactor-chefe da «Revista», sr. Arnaldo Barreto, deram começo aos trabalhos.

Interessados todos pela importancia do assumpto, empenhados todos em confeccionar um programma em que o ensino se manifeste sob todos os seus aspectos educativos, em que a instrucção primaria seja a educação integral do individuo, de modo a tornal-o um cidadão prestante e util, seja qual fôr a categoria social que venha a occupar, após haverem discutido as bases para a organização do programma—bases apresentadas pelo redactor-secretario, sr. Romão Puiggari, resolveram consultar o professorado publico do Estado, sobre os pontos seguintes:

- a) Qual é o numero real de horas duma semana escolar?
- b) Qual a porcentagem que deve caber aos seguintes grupos de materias:
 - 1.º—Linguagem.
 - 2.º—Mathematica (Arithmetica e Geometria.)
 - 3.º—Desenho, calligraphia, trabalho manual e musica (*Educação artistica e manual.*)
 - 4.º—Instrucção civica, Historia patria e Geographia do Brasil (*Educação civica.*)
 - 5.º—Historia natural, Physica, Chymica, Cosmographia e Geographia geral (*Educação scientifica.*)
 - 6.º—Gymnastica (*Educação physica.*)

SEGUNDA PARTE

- 1.º—Quaes os programmas de cada uma das materias, de accordo com o numero de aulas e com o tempo determinado pelo trabalho anterior, e de accordo com a idade e desenvolvimento intellectual dos alumnos?
- 2.º—Como devem ser desenvolvidos os grupos de materias que tiverem relações umas com as outras, de modo a aproveitar essas relações?

Realizados esses trabalhos prelimi-

nares, a comissão deliberou, (depois de serem as consultas respondidas, ou simples ou explicativamente) examinar e estudar as respostas de cada uma, para em seguida dar começo á confecção do programma.

Além disso a comissão resolveu, caso julgar necessario, extender suas consultas ás pessoas competentes, embora alheias ao magisterio official.

Opportunamente será enviada uma circular aos srs. professores do Estado, dos quaes a comissão espera todo o apoio e auxilio para que seja levada a effeito uma tarefa, que, sem duvida, é duma importancia capital para o nosso ensino publico primario.

Relatorio sobre instrução publica.

O illustre mineiro, sr. major Estavam de Oliveira, que o anno passado veiu a S. Paulo, em comissão do Governo de Minas, para estudar a organização do nosso ensino publico, teve a extrema gentileza de enviar-nos um exemplar do *Relatorio*, que, a respeito, escreveu, e em que entremeiou observações profundas sobre sciencia pedagogia.

O trabalho do illustrado mineiro, é mais do que um esplendido *Relatorio*: é um verdadeiro tratado de Pedagogia, donde se destaca, de quando em vez, o grito sincero do homem de coração, que não se importa de fustigar a incuria, o desleixo e o desprezo pela educação dos seus coestadinos, contanto que o seu glorioso Estado tenha uma organização escolar compativel com o seu estado de progresso e as suas respeitabilissimas tradições.

Lemos o *Relatorio* do illustre professor mineiro com um interesse facil de explicar.

Desejavamos, primeiro, saber a sua opinião sobre a escola paulista, cujo typo, desvanecemos-nos em dizel-o, é

criação puramente nossa; e depois, averiguar si s. s. concordava que o mesmo typo fosse adoptado no seu bello estado.

Chegámos de accordo ao fim do *Relatorio*.

S. s., em sabia argumentação, deduzida do confronto que fez dos nossos grupos com os fluminenses, conclue pela superioridade daquelles.

Manifesta-se ahi o seu fino pedagogico.

Não nos leva a dizer isto uma vaidade balofa.

Os grupos paulistas são, na realidade, o resultado de uma longa experiencia; e o que está feito representa muita observação e muita selecção entre os varios processos praticados.

Os do adeantadissimo estado fluminense, não os formou ainda a experiencia: representam ainda um typo mais theorico que pratico, pois que data ainda de hontem a sua fundação.

Sendo assim, é obvio que o nosso typo escolar seja muito mais perfeito que o do Rio, e reconhecendo-o, o illustre sr. major Estavam de Oliveira revelou-se um pedagogo de grande preparo e intuição.

O *Relatorio* contém ainda uma desenvolvida e lucidissima parte sobre hygiene pedagogica, e methodos de ensino, seguida de justissimas observações sobre o preparo do professor que destinar-se ao ensino da infancia.

Perfeitamente, mas não é bastante. O illustre mineiro devia encarar ainda uma questão capital para o progresso do ensino primario do seu Estado: devia estabelecer os meios para conseguir a emulação dos paes no ensino de seus filhos, pois esse é o meio mais proficuo de fiscalisação, a que não pôdem furtar-se nunca os professores relapsos no desempenho de sua missão.

Para fundar-se a primeira escola-modelo em S. Paulo, foi preciso que o nosso saudoso mestre, Dr. Caetano de Campos, andasse de casa em casa a esmolar alumnos.

Esses mesmos paes, que se envergonhavam de collocar os filhos em escolas publicas, tres annos depois ficavam o dia inteiro na escola, cheios do maior interesse, para estudar e observar o modo como seus filhinhos eram ensinados.

Tornaram-se assim os melhores fiscaes do governo, ao mesmo tempo que os mais fecundos agentes de estímulo para o professor, que via assim o seu trabalho seguido com sympathico interesse, ennobrecendo-se dest'arte no seu duro sacerdocio.

Pondere o illustrado educador sobre este ponto, quicá o mais importante para a reforma que se projecta na educação popular do seu Estado, e o desenvolva no estylo brilhante e faceto com que está escripto o seu brilhantissimo *Relatorio*.

Nós, daqui, só teremos que enviar-lhe sinceros parabens, com o preito de admiração que desde já lhe dedicamos pelo esplendido despenho que deu á missão que lhe confiou o Estado de Minas, e a qual outro não conseguiria realizar de modo tão completo.

Grupos Escolares

O governo do Estado, no louvavel empenho de alargar cada vez mais o ensino publico, acaba de fundar mais cinco grupos escolares, o que quer dizer mais cinco estabelecimentos que vão prestar beneficios á infancia.

As cidades que acabam de obter tal melhoramento, e ás quaes damos sinceros parabens são: Amparo, Jaboticabal, Jahú, Casa Branca e Villa Bella.

E' com summo prazer que registamos este facto, e oxalá que possamos dar sempre noticias como esta,

o que não será difficil, desde que as camaras municipaes do interior se interessarem pelo assumpto, pois que o governo do Estado, estamos certos, jámais se negará a secundar os esforços das mesmas na criação de grupos escolares.

«Gazeta Clinica»

Recebemos o primeiro numero da *Gazeta Clinica*, publicação medica mensal, redigida pelos Drs. Xavier da Silveira, Bernardo de Magalhães, Moraes Barros, Alves de Lima e Rubião Meira, nomes vantajosamente conhecidos no illustrado corpo medico da capital.

Além desses redactores, conta a *Gazeta* um bom numero de illustres clinicos, seus collaboradores effectivos.

Traz um excellentissimo summario, cujos assumptos são brilhantemente desenvolvidos pelos seus auctores.

Eis o summario:

Artigo de apresentação; Palestra medica, Bernardo de Magalhães; O movimento da pediatria no Rio de Janeiro, Nascimento Gurgel; a diagnose da pëntosuria, Antonio Austregésilo; um caso interessante de clinica, J. Guimarães; cirurgia practica, Moraes Barros; canhenho medico; formulario; noticiario.

Como se vê, é um summario cheio, tratando de assumptos todos interessantissimos.

A' nova *Gazeta*, que incontestavelmente vem prestar um grande auxilio no nosso meio scientifico, auguramos uma existencia longa e um lugar proeminente no meio das suas congeneres.

«Viagem ao Araguaya».

Por um engano involuntario, o artigo sob a epigraphe acima deixou de levar a assignatura do seu autor, sr. João Lourenço Rodrigues, a quem esta Redacção pede desculpas.



Publicações

Recebemos:

Gazeta Semanal, de Pindamonhanga; *O 15 de Novembro*, de Sorocaba; *Gazeta de Minas*, de Oliveira; *O Rosariense*, de Rosario (Maranhão); *A Revista do Norte*, de Maranhão; *O Resistente*, de S. João d'El-Rey; *Santa Cruz e Janota*, da capital.

Agradecidos.

Lei geral de divisibilidade

No artigo que sob aquelle titulo publicou G. Tulio sahii um erro grave na parte relativa ao caracter de divisibilidade por 7. Convém corrigir o que lá está do seguinte modo:

«Qualquer potencia par de 3 é igual a um multiplo de 7 mais 2 elevado a uma potencia de gráu metade do daquella.

Qualquer potencia impar de 3 é igual a um multiplo de 7 mais dez vezes a potencia de 2 num gráu, metade do grau immediatamente inferior ao da potencia impar de 3.

Isto é, chamando n qualquer numero impar

$$3^n = \text{multiplo de } 7 + 10 \times 2^{\frac{n-1}{2}}$$

$$3^n + 1 = \text{multiplo de } 7 + 2^{\frac{n+1}{2}}$$

Novos livros

Entraram para a nossa bibliotheca os seguintes livros, recentemente publicados:

Vida Infantil, do dr. Mario Balcão; *Elementos de Algebra*, dos professores João Borges e Gomes Cardim.

Historia da Civilização, do dr. J. Corrêa de Sá e Benevides.

Primeiro livro de leitura, série Puiggari-Barreto.

Já se acham distribuidos ao estudo dos que devem fazer-lhes a critica no proximo numero.

Agradecemos aos seus respectivos auctores a gentileza da offerta.

Dr. Rangel Pestana

A 19 de Março, desceu ao tumulo, no cemiterio da Consolação, o emérito jornalista dr. Rangel Pestana.

Ainda estudante, Rangel Pestana, cedendo aos impulsos do seu caracter e á impetuosidade de moço — levantou na imprensa, armado de fecundos preceitos, o libello de morte ao unico throno, exotico no continente de Colombo.

Liberal tolerante, de uma convicção inabalavel, esperava elle o toque de reunir para a lueta pela Republica: teve-o no *Manifesto de 1870*, cujas paginas constituiram o credo duma phalange de estoicos e o genesis da historia republicana.

Foi nessa época, em 1870, que começou a se mostrar o partido radical.

Como pequena estrella a scintillar medrosamente no horizonte — cresceu e appareceu — transformado em enorme avalanche e, a contar dessa data, partiu, rolando pelo espaço de dezenove annos, para sepultar o throno nos escombros do abysmo, que elle proprio cavára.

Não foi sómente a efficacia das suas lições, que tornou respeitavel o novo partido.

Tambem, pela persuasão da palavra, na «Escola Neutralidade», hombreando com Silva Jardim, Caetano de Campos e com o inimitavel educador João Köpke, nas tradicionaes conferencias civico-pedagogicas — elle se revelou mais uma vez, como disse o adversario leal e sincero, (*) propagandista respeitavel, cujo traço predominante na vida publica era o doutrinamento, cujo modo de falar e de escrever, cujas linhas severas de rosto eram as de um mestre e, por isso, nos artigos e nos discursos elle ensinava e preleccionava.

Homem reconcentrado, homem de

(*) *Commercio de S. Paulo*, de 19 de Março.

estudo, trabalhador indefeso de livros e de penna no gabinete — elle não pode ter a impressão directa dos typos, da sociedade e das cousas, impressão essencial tanto ao politico, como ao escriptor.

Aprender pelos livros, estudar pelos livros, fechar-se no gabinete — é formar do mundo, dos homens, da natureza, uma illusão.

Um grande critico inglez nos apresenta esta sagaz e verissima observação: «o motivo por que tão poucos bons livros são escriptos é porque muito pouca gente, que pôde escrever, conhece a realidade das cousas.

Em regra, um autor tem vivido num gabinete, lido livros, cultivado a sciencia; está ao corrente do estylo e do sentimento dos melhores autores, mas se colloca fóra do caso de empregar seus proprios olhos e seus proprios ouvidos.»

Em politica, é a mesma cousa: o que vale é o estudo directo dos homens e das cousas; para esse estudo directo, para que as suas lições aproveitem, é preciso uma aptidão especial; esta, por vezes, um analfabeto pôde possuir e um grande erudito, um sabio, pôde della ser privado pela natureza.»

Rangel Pestana era fluminense, mas consagrou o privilegio do seu talento e a sua actividade no engrandecimento da terra de seus dilectos filhos.

«Si fomos pintar e quizessemos perpetuar a physionomia do nosso illustre concidadão — escreveu o *Commercio de S. Paulo* — no seu momento culminante de intensidade de vida e de acção, convocariamos de certo uma das sessões do Congresso republicano de 1888.

A sala, cheia e illuminada, tinha os estofos, as cortinas, os tapetes, os moveis finos que a policia monarchista sempre respeitou. As principais figuras da propaganda discu-

tiam amiudadamente pontos do programma; havia um bulicio, um vaevem nas fileiras dos congressistas, quando foi dada a palavra a Rangel Pestana.

Ao levantar-se o parlamentar pedagogo, o politico doutrinario — fez-se, de repente, o mais profundo silencio. O homem ergueu-se vagorosamente; o seu rosto longo destacou-se na claridade, onde scintillavam seus oculos escuros; e, com a voz pausada, ao mesmo tempo grave e sonora, annunciou aos correligionarios que se completara o periodo das idéas e da doutrina e começava o periodo da acção.

E foi nesse logar, nessa sala illuminada, que o educador, o mestre, o doutrinario, deixou a Republica, entregando-a á phase de acção.

Rangel Pestana foi o creador do actual *Estado de S. Paulo*, que não mais deixará transparecer em suas columnas aquelle brilho do preclaro jornalista e aquelles bellissimos trechos de um profundo pensador.

Paz á sua memoria e que os nossos concidadãos saibam imitar esse mestre glorioso!

João de Arruda Leite Penteadado

Nascido em Capivary, neste Estado, em 1841, foram seus paes José de Arruda Leite Penteadado, membro influente do partido liberal, negociante e fazendeiro naquelle municipio, e D. Izabel Maria de Arruda Paes, filha do sargento-mór Manoel José Vaz Botelho, abastado fazendeiro da localidade.

Tendo aprendido a lêr com Seraphim José do Horto e Mello, homem de côr que depois se tornou notavel por seu saber e a quem Julio Ribeiro dedicou a sua *Grammatica* — foi mandado no anno de 1854 ao collegio do padre José de Arruda Campos, em Porto Feliz, onde estudou latim e as humanidades, que

então se ensinavam nos collegios do interior.

Salientou-se nesses estudos e, por seu comportamento e applicação, era considerado como um dos melhores alumnos daquelle collegio, onde teve por companheiros entre outros, o cidadão Francisco Corrêa de Almeida Moraes, hoje presidente da Camara Municipal de Santos, e o dr. Joaquim de Toledo Piza e Almeida, ministro do Supremo Tribunal Federal.

Sahido do collegio e voltado á casa paterna, foi victima, em 1858, de um desastrado tiro accidental que lhe inutilisou a mão direita, de que ficou para sempre aleijado, e o obrigou a aprender a escrever com a esquerda.

Casou-se na mesma cidade em 1862 com D. Maria Carolina de Arruda Pacheco, filha de Francisco de Almeida Pacheco e D. Maria de Assumpção Pacheco, e dedicou-se por alguns annos á vida agricola, em que não fez carreira.

Mudando-se para a cidade, foi solicitador no fóro, negociante e industrial por algum tempo e depois manteve um collegio e fez-se redactor da *Gazeta de Capivary*, com Cesario Motta e outros.

Em 1888, mudou-se para S. Carlos do Pinhal, onde foi agente de negocios e redigiu o *São-carlense*.

Em 1892, mudou-se para esta capital, onde sempre serviu de agente de negocios e fundou o jornal *Lavoura e Commercio*, em que advogou com talento e coragem os interesses da classe agricola, que sempre lhe mereceu especial attenção.

Era ultimamente um dos redactores da *União dos Lavradores*, organ dos interesses agricolas, e nesse posto foi alcançado pela molestia que o levou ao tumulo no dia 22 de Março de 1903.

Morreu combatendo, sem nunca perder a confiança no ideal que sus-

tentava. Deixa viuva, uma filha já moça, alumna da Escola Normal, e quatro filhos creados, um dos quaes é Amadeu Amaral, homem de letras, jornalista e poeta, muito conhecido no nosso meio literario.

Actos officiaes

DIA 21 DE JANEIRO—Declarou-se ao director do Grupo Escolar de Iguape que as classes do 4.º e 5.º annos, tanto do sexo masculino como do feminino, só podem ser installadas quando contarem, no minimo, 15 alumnos promovidos do respectivo anno anterior.

DIA 26—Respondendo-se á consulta feita pelo director do Grupo Escolar de Parahybuna, declarou-se-lhe ficar o mesmo encarregado de proceder á vaccinação das crianças, devendo, porém, apresentar á Camara Municipal daquelle cidade uma relação alphabetica das que forem por elle vaccinadas, com declaração de idade, filiação, data da vaccinação e resultado desta, relação essa que a Camara poderá mandar transcrever em um livro (Index) e delle extrahir os attestados, que deverão ser exhibidos pelos matriculandos.

DIA 28—Ao director do Grupo Escolar de Pindamonhangaba, que os attestados de vaccinação devem ser exigidos sómente dos novos alumnos, visto como os que se matricularam nos annos passados, é de presumir-se que sejam revaccinados, em face da disposição clara do regimen interno das escolas.

DIA 30—Declarou-se aos directores dos grupos escolares de Tieté e Bragança que devem ser matriculados todos aquelles que se apresentarem com o simples attestado de terem sido vaccinados.

DIA 31—Declarou-se ao presidente da Camara Municipal da Capital, para sciencia dos interessados, que a vaccinação dos alumnos é obrigatoria para os que pela primeira vez procurarem matricula nas escolas publicas, e não para os que já foram anteriormente matriculados.

DIA 10 DE FEVEREIRO—Secretaria de Estado dos Negocios do Interior e da Justiça.—Directoria do Interior.—2.ª sub-directoria.—1.ª secção.—S. Paulo, 10 de Fevereiro de 1903.—Sr. director da Escola Normal.—Scientifico—vos de que o governo resolveu fazer preencher os 80 % das vagas existentes no 1.º anno do curso complementar por meio do processo estabelecido no § unico do artigo 1.º da lei n. 861, de 12 de Dezembro ultimo, em razão de não existir ainda nos cursos preliminares o registo das médias, de que trata aquelle artigo. Recommendó-vos, pois, que convoqueis por edital, pelo prazo de cinco dias, todos os alumnos munidos de certificados de approvação no curso preliminar, afim de se inscreverem para o respectivo concurso, o qual deverá effectuar-se no mais breve praso possivel, (para não serem prejudicados os trabalhos lectivos).—Saúde e fraternidade.—*Bento Bueno*.

Egual recommendação fez-se, por telegramma, ás escolas complementares de Campinas, Piracicaba, Guaratinguetá e Itapetininga.

DIA 11—Foi dirigida aos directores de grupos escolares a circular seguinte:

Secretaria de Estado dos Negocios do Interior e da Justiça.—Directoria do Interior.—2.ª sub-directoria.—3.ª sessão.—Circular n. 1.—São Paulo, 6 de Fevereiro de 1903.—Sr. director do Grupo Escolar de...—Tendo solicitado as providencias no sentido de serem renovadas no Thesouro do Estado as verbas de expedien-

te para o exercicio vigente, a começar do corrente mez, recommendo-vos, attendendo ás exigencias da Fazenda, que envieis regularmente a esta secretaria os balancetes da despeza, acompanhados dos documentos comprobatorios em segundas vias. Saúde e fraternidade.—*Bento Bueno*.

DIA 26—Declarou-se ao presidente da Camara Municipal do Amparo que o Governo, attendendo ao pedido feito em officio de 20 do corrente, creará mais um grupo escolar naquella cidade, uma vez que aquella Camara, de conformidade com a lei em vigor, forneça o predio *devidamente adaptado*; e que nesta data providenciou-se para que um inspector escolar vá áquella cidade examinar o predio offerecido e aconselhar as obras nelle necessarias.

DIA 3 DE MARÇO—Declarou-se ao director da Escola Modelo Prudente de Moraes, em resposta ao seu officio consultando si a disposição do artigo 2.º, § unico, da lei n. 861, de 12 de Dezembro do anno findo, é extensiva aos alumnos do 4.º anno, que, durante o curso do 3.º, tiveram pratica regular de ensino—, que não, porque os que começaram no antigo regimen nelle devem terminar.

DIA 14—Declarou-se ao presidente da Camara de Lençóes, afim de fazer constar ao cidadão Calixto Antonio Pontes Villela, que as pessoas não diplomadas pela Escola Normal ou Escolas Complementares do Estado, só podem exercer o magisterio publico, quando habilitadas de accôrdo com o artigo 36 § unico, da lei n. 88 de, 8 de Setembro de 1892.

Declarou-se ao presidente da Camara Municipal de Mineiros que, de accôrdo com a legislação escolar em vigencia, os diplomas de habilitação a professores por Escolas Normaes de outros Estados não podem aqui ser acceptos para exercicio no magisterio.

SUMMARIO

2 de Abril de 1903.

QUESTÕES GERAES :

	PAGS.
Mais grupos escolares, de J. B.	5
Cartas anepigraphas, de Horacio Scrosoppi	6
Missão do professor na organização social, de Luiz Cardoso Franco	9
Estudo do Canto, IV, de Zulmira Andrada Machado	11

PEDAGOGIA PRATICA :

Physiographia, de Augusto R. de Carvalho	15
Geometria, de Antonio Penna	19
Ensino Militar, VII, de Augusto R. de Carvalho	22
Chimica, IV, Guia do professor primario, de Carlos Escobar	24
A archeologia, traducção de J. Benevides	27

CHRONICA DO INTERIOR :

A universidade do Rio de Janeiro, transcripção	33
--	----

LITERATURA INFANTIL :

Historia de um grillo, de Theodoro de Moraes	43
Divagação de J. Paixão	45
Quarto anno, de Cortes Franco	46
Devaneio, do Major dr. Menezes	46
Contos a Elza, III, de Antonio Peixoto	47
Canção, de R. Puiggari	49
Fabula de Florian, de René Barreto	50
Salvação de Lygia, de Francisco Furtado Mendes Vianna	52

CRITICA SOBRE TRABALHOS ESCOLARES :

A proposito da Arithmetica dos principiantes, de Arnaldo O. Barreto	54
Viagem ao Araguaya, de João Lourenço Rodrigues	56
Musica Elementar, resposta a uma critica do <i>Paiz</i> , de J. Gomes Junior e Miguel Carneiro Junior	57
Elementos de trigonometria, de René Barreto	66

OS NOVOS EDIFÍCIOS ESCOLARES :

	PAGS.
Grupo escolar de Bella-Vista	68
HYMNOS ESCOLARES:	
Canção, letra de Luiz Galvão e musica de Antonio Carlos.	71
Hymno da Escola Normal de S. Paulo (aos contemporaneos de 1888) musica de José Ivo.	75
DIVERSOS :	
Lei geral para divisibilidade, de Francisco Furtado Mendes Vianna.	78
Regras para ter exito na vida	80
Cumprimentos	82
Calumnias, de José C. C. Sá e Benevides	92
Curso Theorico e pratico de musica elementar, de Antonio R. A. Pereira	93
Movimento associativo	96
Noticiario	99

ANNUNCIOS:

REVISTA DE ENSINO

DA

ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE

DO

PROFESSORADO PUBLICO DE SÃO PAULO

PUBLICAÇÃO BI-MESTRAL, SUBSIDIADA PELO GOVERNO DO ESTADO

Redactor-chefe : — ARNALDO DE OLIVEIRA BARRETO

Redactor-secretario : — JOÃO PINTO E SILVA

REDACTORES EFFECTIVOS

JOAQUIM LUIZ DE BRITO

ALFREDO BRESSER DA SILVEIRA

ROMÃO PUIGGARI

EMILIO MARIO DE ARANTES

JOÃO LOURENÇO RODRIGUES

RAMON ROCA DORDAL

JOÃO CHRISOSTOMO B. DOS REIS JUNIOR

NUMERO 2

SÃO PAULO

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO OFFICIAL»

1903